

Cristina Manuela Teixeira Matos

**REPRESENTAÇÕES DA REALIDADE POLÍTICA E DA VIDA RELIGIOSA
PORTUGUESAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX: *JOHN BULL E ZÉ POVINHO*,
DE ALBERT KOTNAY**

**Dissertação de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas,
Estudos Ingleses e Norte-Americanos**

Julho 2012

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica de João Paulo Ascenso Pereira da Silva e Rogério Miguel do Deserto Rodrigues de Puga.

Aos meus pais

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

Os orientadores,

Lisboa, de de

AGRADECIMENTOS

Agradeço todo o apoio dos meus pais Manuel e Maria José Matos, amigos e dos meus dois orientadores, João Paulo Ascenso Pereira da Silva e Rogério Miguel do Deserto Rodrigues de Puga, cuja disponibilidade e capacidade pedagógica e motivacional determinaram o sucesso desta empresa. Admiro muito a inteligência intelectual, mas ainda mais, a inteligência emocional de ambos que muito contribuiu para o prazer sentido nesta investigação.

Agradeço ainda aos funcionários da Biblioteca Nacional e da Casa-Museu Bordalo Pinheiro por todo o apoio e simpatia que facilitaram o nosso trabalho de investigação.

SUMÁRIO

REPRESENTAÇÕES DA REALIDADE POLÍTICA E DA VIDA RELIGIOSA PORTUGUESAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX: *JOHN BULL E ZÉ POVINHO*, DE ALBERT KOTNAY

Cristina Manuela Teixeira Matos

Na antologia de crónicas *John Bull e Zé Povinho: Análise à Vida Portuguesa* (1918), escrita por Abílio Caetano da Silva sob o heterónimo Albert Kotnay, procede-se a uma análise exaustiva da vida política portuguesa no período da Primeira República, bem como a uma apreciação dos costumes, temperamento e estilo de vida lusos em contraste com os britânicos. A obra, caída no esquecimento, aborda também temas sociais, a corrupção, os jogos de poder, a influência dos políticos e dos jornalistas sobre os eleitores e dos padres sobre os fiéis, sobretudo do sexo feminino, e a religiosidade supersticiosa.

O texto transmite as ideias de um autor português que se oculta sob uma identidade heteronímica britânica para se proteger contra eventuais ataques pessoais. As estratégias adoptadas para expor e censurar as práticas e os métodos manipulativos da classe política e do clero exercidos sobre um povo iletrado e supersticioso são a ironia, o humor, a caricatura e a comparação entre os sistemas e os valores britânicos e portugueses, elogiando sempre os primeiros. Essas estratégias narrativas são utilizadas pelo autor quando aborda os tópicos que iremos analisar - política e religião - especialmente quando interpreta o *ethos*, os costumes e as características de cada uma das nações. Kotnay recorre às caricaturas John Bull e Zé Povinho, dois estereótipos nacionais, para contrastar as idiossincrasias de ambas as personagens e povos e para corrigir as “anomalias” lusas, apresentando imagens caricatas e plenas de realismo.

Ao longo deste estudo, analisámos a recepção da obra pela crítica e notámos um padrão nos comentários: a reprovação do estilo directo e caricatural de Kotnay, não obstante o reconhecimento por alguns periódicos da veracidade de certos “defeitos nacionais” denunciados pelo autor.

A nossa abordagem literária e histórica permitiu-nos identificar a autoria da narrativa em estudo, analisar o uso do heterónimo britânico, contextualizar a produção da obra e visitar o período em questão, recorrendo à historiografia mas sobretudo à leitura da imprensa da época (1910-1919), comparando os temas e a realidade representada e criticada nos periódicos e em *John Bull e Zé Povinho*.

Palavras-chave: caricatura, Albert Konay, Primeira República, Zé Povinho, John Bull, religiosidade e vida política portuguesas, crítica social.

ABSTRACT

REPRESENTAÇÕES DA REALIDADE POLÍTICA E DA VIDA RELIGIOSA PORTUGUESAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX: *JOHN BULL E ZÉ POVINHO*, DE ALBERT KOTNAY

Cristina Manuela Teixeira Matos

In the anthology of chronicles *John Bull e Zé Povinho: Análise à Vida Portuguesa* (1918), written by Abílio Caetano da Silva under the heteronym Albert Kotnay, a thorough analysis of the Portuguese political life in the period of the First Republic is carried out as well as the study of their customs, temperament and lifestyle in contrast with those of the British. The text, forgotten for nearly a century, also deals with social themes, corruption, politicians and journalists' games of power and influence over the electors and of priests over the churchgoers, mainly over the feminine gender, and superstitious religiosity.

The text conveys the ideas of a Portuguese author hidden behind a British heteronymical identity in order to protect himself from personal attacks. The strategies used to expose and criticize the politicians and the priests' practices and manipulative methods on an illiterate and superstitious people are irony, humour, caricature, and comparison between the British and Portuguese systems and values, always exalting the first. Those narrative strategies are used by the author when dealing with the topics we will analyse - politics and religion - especially when he interprets the *ethos*, customs and characteristics of each nation. Kotnay uses the caricatures John Bull and Zé Povinho, two national stereotypes, to contrast the idiosyncrasies of both characters and people and correct the Portuguese "anomalies" by presenting images that are funny and full of realism.

Throughout our study, we analysed the reception of the text by the critics and we discerned a pattern in their criticism: disdain towards Kotnay's straightforward and caricature style, notwithstanding the recognition of some newspapers of the veracity of certain "national flaws" revealed by the author.

Our historical and literary approach allowed us to identify the authorship of the narrative in question, analyse the use of the British heteronym, contextualize the production of the text and revisit the period in question through historiography but mainly by reading the periodical press of that time (1910-1919), comparing the themes and the reality represented and criticised in those periodicals and in *John Bull e Zé Povinho*.

Keywords: caricature, Albert Kotnay, First Republic, Zé Povinho, John Bull, Portuguese religiosity and political life, social criticism.

ÍNDICE

	Pág
Agradecimentos.....	I
Sumário.....	II
Abstract.....	III
Índice.....	IV
1. Introdução.....	1
2. Esboço autobiográfico de Albert Kotnay e a recepção da obra em Portugal.....	5
3. A representação de Portugal na Literatura de Viagens.....	15
4. Caricaturar Portugal e valorizar a Grã-Bretanha: Zé Povinho vs. John Bull.....	19
5. Temperamento e costumes portugueses e britânicos: uma abordagem comparatista.....	24
6. O olhar de Kotnay sobre a situação política portuguesa.....	38
7. A religiosidade portuguesa.....	50
8. Conclusão.....	58
Bibliografia.....	62
Anexos.....	72

1. INTRODUÇÃO

Desde o século XIII, Portugal adquiriu um papel de destaque como destino de comerciantes, intelectuais e políticos britânicos, abrindo caminho a um rico intercâmbio económico, cultural e literário, principalmente depois do Tratado de Tagilde (1372), o primeiro acordo de natureza política entre Portugal e a Inglaterra em que se funda a Aliança Luso-Britânica, posteriormente confirmado pelo Tratado de Windsor (1386). Delineou-se assim um contexto marcadamente apelativo aos níveis político, diplomático, económico e literário, especialmente para os escritores britânicos, cuja presença em Portugal desencadeou o surgimento de produções literárias, designadamente relatos de viagem. Ao longo dos tempos, estas narrativas projectaram uma imagem de Portugal no estrangeiro, sobretudo na Grã-Bretanha, que os seus autores foram assimilando ao representar subjectivamente o Outro.

A presença inglesa em terras lusas tem-se revelado considerável e neste âmbito destacaremos os autores que se interessaram não só pela literatura portuguesa, mas também pelo quadro político, económico, social e cultural do nosso país, especialmente a partir do final de Seiscentos. Desde o século XVII, e sobretudo a partir do século XVIII, com o Tratado de Methuen (1703), a partir do qual se intensificaram as relações comerciais entre Portugal e a Inglaterra, registou-se um afluxo exponencial de viajantes ingleses ao nosso país. No contexto novecentista, os problemas de uma Monarquia decadente e de uma República imberbe tornaram-se questões centrais e amplamente debatidas entre os britânicos. O nosso interesse por esta matéria conduziu-nos ao estudo de *John Bull e Zé Povinho: Análise à Vida Portuguesa* (1918), de Albert Kotnay. Uma vez que os únicos dados biográficos que encontramos sobre o suposto autor são os que são avançados pelo responsável pela edição nos paratextos iniciais da obra, e não existindo referência a mais nenhuma obra de Kotnay nos principais catálogos de bibliotecas britânicas e norte-americanas, defenderemos que Albert Kotnay é um heterónimo¹ criado por um autor português, muito provavelmente Abílio Caetano da Silva, que terá inclusive assinado textos jornalísticos como Silva Gay, pseudónimo jornalístico que, como veremos,

¹ O heterónimo consiste numa figura fictícia adoptada por um autor para assinar a sua obra, como acontece no caso dos inúmeros heterónimos de Fernando Pessoa (1888-1935). O heterónimo tem uma personalidade e uma obra 'autónoma' da do seu autor criador, o chamado autor ortónimo, por exemplo Ricardo Reis em relação a Fernando Pessoa. O heterónimo distingue-se do pseudónimo, na medida em que este último apenas assina com um outro nome (*nom de plume*), enquanto o heterónimo exige uma personalidade e uma vida próprias atribuídas a essa nova 'personagem' literária.

recenseou *John Bull e Zé Povinho: Análise à Vida Portuguesa (JBZP)* no jornal portuense *Pontas de Fogo* (1917) e publicou, nessa mesma revista, alguns artigos cujo conteúdo se aproxima do de *JBZP*, que analisaremos nos próximos capítulos. Chegámos a esta conclusão por via do confronto do diálogo intertextual entre a obra de que nos ocupamos e artigos da imprensa periódica portuguesa, sobretudo a do Porto. Através de um elaborado jogo entre amigos jornalistas (sobretudo) do Porto, jogo esse assente em textos assinados por heterónimos e pseudónimos, é assim construído um pequeno projecto editorial que estudamos ao longo desta nossa dissertação.

A estratégia heteronímica supracitada teve por objectivo tornar credível a existência do autor britânico que observa e critica a realidade portuguesa do ponto de vista de um estrangeiro informado, culturalmente distanciado e interessado. Estamos assim perante a descrição de Portugal através da focalização britânica de Kotnay, ou seja, o texto é marcado pelo ponto de vista de um protestante que residiu em Portugal durante dez anos.

A situação política portuguesa, analisada em inúmeros relatos de viagem do século XX, despertou vivo interesse em Kotnay que lhe dedica um capítulo de 26 páginas, onde denuncia, num tom mordaz e satírico, o sistema corrupto e injusto dominado por uma moral desrespeitadora dos interesses do povo, de tal forma enraizada na mente e atitudes do Governo português que impulsionou o autor a registar o seguinte desabafo: “Fugi da política e dos políticos”². O clima de profunda instabilidade e agitação social e política que teve início na fase final da Monarquia (1890-1910) e prosseguiu na Primeira República não alterou o quadro vigente, tendo-o, pelo contrário, agravado. Kotnay, um acérrimo crítico do sistema político português, compara-o *pari passu* com o britânico, do qual é um intransigente defensor. O seu pensamento político segue uma linha paternalista, conservantista e de orientação protestante. Importa salientar que o estudo de imagologia cultural que pretendemos empreender com base na análise desta narrativa terá em linha de conta que o autor efectua uma representação do Portugal da Primeira República, confrontando-o permanente e deliberadamente com o universo cultural britânico. É pois alicerçado neste binómio que o autor arquitecta toda a obra.

Atribuiremos particular destaque à leitura de livros de viagem de autores britânicos que então nos visitaram, como *Portugal of the Portuguese* (1915), de Aubrey Bell, lusófilo, escritor prolífico, tradutor e crítico literário contemporâneo de Kotnay, igualmente sensível à conjuntura política portuguesa e cuja perspectiva nos servirá de contraponto.

² Albert Kotnay, *John Bull e Zé Povinho*, 1918, p. 69.

No plano religioso, a crítica de Kotnay e de autores portugueses aos Jesuítas propicia o exercício da caricatura, como veremos no capítulo sétimo. O contraste entre a moralidade pregada e a imoralidade da conduta que caracterizava as ordens religiosas constituiu uma poderosa linha de ataque em *JBZP*. A forte reacção anti-clerical que marcou este período da vida portuguesa culminaria num desequilíbrio espiritual a que muitos observadores do tempo e particularmente o autor não ficaram indiferentes e, por isso mesmo, este aspecto de evidente relevância será igualmente objecto de aprofundado estudo.

Esta dissertação visa verificar se as imagens sociais e culturais que Albert Kotnay transmite de Portugal e dos portugueses correspondem à realidade ou se apresentam deturpações. Iremos viajar pelo conjunto de crónicas e tentar descortinar se este é um retrato fiel da realidade portuguesa do primeiro quartel do século XX, ou se se trata sobretudo de uma caricatura com base nessa mesma realidade. Para o efeito, serão estudadas e discutidas as linhas de pensamento de diversos autores britânicos e portugueses contemporâneos de Kotnay, que expuseram um vasto leque de explicações para a instabilidade reinante, emergindo assim uma reflexão fundamentada na leitura de fontes históricas e de estudos que revela até que ponto a obra reflecte o quadro sócio-político do Portugal de então.

Empreenderemos igualmente uma abordagem de natureza comparada quer entre o temperamento de Zé Povinho e o de John Bull, quer entre os âmbitos políticos em que essas duas figuras metafóricas se inseriam, e, para tal, servir-nos-emos de algumas caricaturas de Rafael Bordalo Pinheiro, que alimentou os jornais com uma crítica assaz satírica às medidas político-sociais e religiosas adoptadas antes e depois da revolução de 5 de Outubro de 1910.

A respeito do género em que se enquadra *JBZP*, cumpre esclarecer que não se trata de uma narrativa de viagem idêntica às que o leitor português e britânico estavam habituados a ler, uma vez que as breves narrativas que compõem a obra funcionam como crónicas de costumes assentes na crítica social, política e religiosa, e são fruto do olhar informado e demorado de um suposto imigrante britânico que residiu em Portugal cerca de dez anos. Não se trata, portanto, de um viajante que visita Portugal durante algumas semanas ou mesmo alguns meses e publica posteriormente as suas impressões. Não obstante o carácter fragmentário da obra, que se encontra dividida em 16 capítulos temáticos, não podemos deixar de reconhecer a existência de um fio condutor que lhe confere coesão, a análise socio-política da realidade portuguesa do início do século XX,

partilhando alguns dos capítulos características com a narrativa autobiográfica, pois Kotnay fala sobre o seu passado e descreve as várias etapas e experiências da sua estada em Portugal.

JBZP é uma importante fonte de estudo da Primeira República, período histórico que tem despertado o interesse dos historiadores, adquirindo especial notoriedade com a celebração do seu centenário. O nosso estudo, de carácter pioneiro, pretenderá chamar a atenção para um livro academicamente ignorado e desvendar o segredo da sua autoria; contribuirá ainda para a difusão das ideias nele contidas, cruciais para um melhor conhecimento não só do período atrás referido como também do povo português.

2. ESBOÇO AUTOBIOGRÁFICO DE ALBERT KOTNAY E A RECEPÇÃO DA OBRA EM PORTUGAL

Como já referimos, o autor português de *JBZP* cria um heterónimo inglês que assina a obra, e para tal insere no início da mesma um elemento paratextual redigido pelo autor e um prefácio introdutório da autoria de Higinio Assunção. No final do texto encontramos uma conclusão da autoria desse editor, bem como uma carta assinada pelos pais de Kotnay (Helen e C. Kotnay) e a respectiva tradução, paratextos finais que estabelecem a natureza inacabada da obra, tornando também a sua autoria mais verosímil. A versão inglesa da carta refere, no final, o destinatário da mesma, “Mr. Silva”³, informação omitida na tradução portuguesa. O “Sr. Silva”, já identificado como “Abílio”⁴ ou A. C. Silva e amigo do autor⁵, trocou, portanto correspondência com os familiares de Kotnay, partilhando essa personagem o nome com o autor real da obra, Abílio Caetano da Silva (que também assinava textos como Silva Gay) e que subscreve uma das cartas publicadas nas páginas 222-223 (“A. C. Silva”). Esta pode ser uma estratégia literária do próprio autor que se incorpora assim na sua narrativa como personagem. Já Higinio Assunção assume-se, no frontispício, como mero responsável pela tarefa editorial (editor literário), levando-nos a crer que é ele o autor dos paratextos iniciais e finais que assina como “editor”. Estamos perante uma mistificação literária em torno da autoria de uma obra redigida por um escritor português, apresentando o texto pistas intencionais para que o leitor atento possa identificar a verdadeira autoria de *JBZP*.

Perante a inexistência de referências concretas ao suposto autor britânico da obra na Imprensa e em estudos historiográficos portugueses, e no intuito de verificarmos se *JBZP* teria sido publicada na Grã-Bretanha em 1914, sob o título de *The Home of Nature*, como refere uma recensão publicada no jornal *Pontas de Fogo*⁶ (1917), consultámos os diversos periódicos portugueses publicados entre 1910 e 1919 referidos na nossa bibliografia, bem como vários catálogos britânicos *online*, como o da British Library⁷, o da Biblioteca Municipal de Lincolnshire⁸ e o COPAC⁹, para verificarmos se Albert Kotnay realmente existiu. Nesses catálogos não encontramos qualquer referência ao já referido original

³ A. Kotnay, *op. cit.*, s./p. [p. 363].

⁴ *Idem*, p. 209.

⁵ *Idem*, pp. 209, 223.

⁶ Silva Gay, “Página Desportiva”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 101, 03-02-1917, p. 4 (cf. anexo 1).

⁷ <http://www.catalogue.bl.uk/britishlibrary> (acesso: 2011-12-23).

⁸ <http://www.virtuallibrary.lincolnshire.gov.uk> (acesso: 2011-12-23).

⁹ <http://www.copac.ac.uk> (acesso: 2011-12-23).

inglês, havendo apenas uma entrada bibliográfica dedicada ao texto português de que nos ocupamos na British Library. Podemos assim afirmar com relativa segurança que o volume foi apenas publicado em língua portuguesa e em Portugal. A imprensa lusa da altura não adianta muito mais factos biográficos sobre o suposto autor do que aqueles que o próprio e Higinio Assunção avançaram nos paratextos iniciais. O site *Find my Past*¹⁰ revela-nos ainda que não nasceu nenhum cidadão britânico de nome Albert Kotnay entre 1837 e 2000, nem nos oferece registo de qualquer óbito. Este nome também não consta da secção militar, nem das listas de passageiros que deixaram o Reino Unido com destino a Portugal entre 1890 e 1920 do referido arquivo *online*¹¹.

Relativamente à informação biográfica sobre o autor¹², o jornal *Pontas de Fogo* - numa crónica de ‘Sílvio’, um suposto correspondente luso a viver em Londres que afirma ter conhecido Kotnay nessa capital após a publicação de *JBZP* em inglês -, refere que o britânico terá traduzido a obra para português¹³. Um outro articulista de nome Silva Gay, pseudónimo de Abílio Caetano da Silva¹⁴, e com 28 anos celebrados em 11 de Janeiro de 1919¹⁵, afirma traduzir para português, no seu texto, a quase totalidade do capítulo “Sport”, apresentando uma breve nota biográfica sobre Kotnay¹⁶. No entanto, essa referência nada avança sobre o autor em relação à informação contida em *JBZP*. O facto de não termos encontrado, nas referidas fontes, informação biográfica sobre Kotnay leva-nos a formular a hipótese de o livro ter sido redigido pelo autor português Abílio Caetano da Silva (também criador do pseudónimo Silva Gay), que terá usado o heterónimo estrangeiro Albert Kotnay para criticar de forma distanciada a realidade nacional, evitando assim conflitos, polémicas ou represálias decorrentes da publicação de uma obra deveras mordaz. O pseudónimo

¹⁰ <http://www.findmypast> (acesso: 2011-12-23).

¹¹ Ver respectivamente: <http://www.findmypast.co.uk/MilitaryXdbStartSearch.jsp> e <http://www.findmypast.co.uk/passengerListPersonSearchStart.action> (acesso: 2011-12-23).

¹² Como já afirmámos, referimo-nos a Albert Kotnay como autor da obra, cientes de se tratar muito possivelmente de um heterónimo da autoria de Silva Gay, aliás Abílio Caetano da Silva.

¹³ Sílvio, “Crónica Londrina”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 14, 29-04-1916, p. 3 (cf. anexo 2).

¹⁴ Cf. “Pontas de Fogo”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 27, 29-07-1916, p. 1 (cf. anexo 3). Segundo este periódico portuense, Gay teria propriedades em Vilar de Barrô (“Silva Gay”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 35, 23-09-1916, p. 1). Os pseudónimos Sílvio e Silva Gay apresentam semelhanças fonéticas curiosas, facto que poderá levar o leitor a aproximar as duas figuras ou a concluir tratar-se de um mesmo autor que utiliza esses dois pseudónimos.

¹⁵ Cf. anónimo, “A Nossa Carteira. Aniversário”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 43, ano 4, nº 7, 2ª série, 18-01-1919, p. 1.

¹⁶ Silva Gay, “Página Desportiva”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 101, 03-02-1917, p. 4 (cf. anexo 1). No mesmo periódico aparece uma fotografia de Silva Gay [“Mas Como Ele Cresceu”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 100, 31-01-1917, p. 1 (cf. anexo 4)].

português, fluente na língua inglesa¹⁷ e conhecedor da realidade britânica¹⁸ tirou assim partido da já antiga tradição da Escrita de Viagens anglófona sobre Portugal para legitimar a possível existência de mais um viajante-residente britânico por terras lusas, autor de um conjunto de crónicas sobre o nosso país. O facto de autores-viajantes como Lord Byron (1788-1824), William Beckford (1760-1844), Robert Southey (1774-1843) e Dora Wordsworth (1804-1847), entre tantos outros, terem visitado e descrito Portugal nos seus relatos de viagem, confere verosimilhança ao texto de que nos ocupamos ao inseri-lo nesse mesmo *corpus* de relatos em língua inglesa e ao apresentar a sua feroz crítica através da focalização de um autor estrangeiro informado.

Como veremos, são vários os temas que despertaram a atenção de Kotnay e de Silva Gay, que os comentaram de forma muito semelhante, principalmente no que respeita às telefonistas (anexo 27), o desporto (anexo 28), o *flirt* (anexo 30), os alfaiates (anexo 31), o papel da mulher e o casamento (anexo 32), o celibato dos padres e as cerimónias fúnebres (anexos 44 e 46). Correlacionando essa coincidência temática com a impossibilidade de provarmos a existência de Kotnay, e ainda perante o facto de Silva Gay, tal como Kotnay, também ter sido preso¹⁹, temos informação suficiente para pressupor que Albert Kotnay será o heterónimo britânico de Abílio Caetano da Silva, pelo que nos próximos capítulos procederemos também a uma análise comparativa entre as opiniões de ambos relativamente ao Portugal do início do século XX.

Os pseudónimos em questão (Sílvio e Silva Gay) funcionam como estratégias que legitimam o projecto editorial de que nos ocupamos, pois afirmam, respectivamente, ter conhecido o misterioso autor e ter traduzido excertos do original de *JBZP*²⁰. Podemos ainda considerar que a inserção, pelo *editor*²¹, de uma carta dos pais de Kotnay a comunicar que o filho desaparecera em combate no teatro da Primeira Guerra Mundial contribuiria para imprimir credibilidade e explicaria a ausência de dados biográficos sobre

¹⁷ Edurisa (pseudónimo de Eduardo dos Santos), na sua coluna “Máscaras”, caracteriza sumariamente Silva Gay: “S.G. – Um Hércules pequenino. É o crítico – e um belo crítico – desportivo da nossa gazeta. Fala inglês com a mesma facilidade com que eu falo...português. É um entusiasta propagandista de todo o desporto. [...]” (Edurisa, “Máscaras. Uma que vale por três. XLVII”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 101, 03-02-1917, p. 3. Os conhecimentos linguísticos de Gay habilitaram-no a ministrar um curso de Inglês publicitado em *Pontas de Fogo*. V. “Inglês”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 135, 29-09-1917, p. 2 (cf. anexo 5).

¹⁸ Silva Gay, “Página Desportiva. Box”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 44, 25-11-1916, p. 4; anónimo, “Silva Gay”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 2, nº 18, 2ª série, 08-08-1920, p. 3: “Não colabora n’este numero este nosso querido colega e antigo redactor do *Pontas de Fogo* por se encontrar em Inglaterra”.

¹⁹ V. *infra*, n. rodapé 121.

²⁰ Sílvio, *op. cit.*, p. 3 e Silva Gay, “Página Desportiva”, p. 4 (cf. anexo 1).

²¹ Doravante utilizamos o termo inglês *editor* (em itálico) para designar não a pessoa ou firma que publicou a obra, mas sim a pessoa responsável pela preparação do ‘manuscrito’ para publicação.

Kotnay. Curiosamente, a crítica literária da época considerou a hipótese da não existência de Albert Kotnay, como se pode constatar percorrendo um artigo do *Jornal de Notícias* (1919) surgido após a publicação da obra:

Segundo a nota preambular e as afirmações expressas em varias laudas, o sr. A. Kotney, cujo nome desconhecemos, é um inglês, natural de Lincoln, o qual, tendo vivido dez anos em nosso paiz, foi depois para a sua terra corrigir impressões, falar de cathedra e dizer mal de nós. No lançamento da prosa e na facilidade de expressão gráfica dir-se-hia, porém, ter sido o livro escrito por um português que, mal disposto, apenas soubesse olhar defeitos, exagerando-os em grande parte, não descortinando, por insensibilidade ou parcialismo ingrato, naturais, espontaneas, incontestáveis virtudes. Um «português», porém, «não escreveria» estas páginas onde, se alguma verdade lampeja, embora caricaturalmente, muita injustiça se adivinha. Procurar máscara estrangeira para deprimir o torrão natal, deixaria de ser uma tarefa inglória, para se tornar uma triste manifestação de degenerescencia. Assim, acreditamos que o autor, tal como se nos apresenta, seja de facto um inglês pretencioso [...]²².

As especulações do articulista do *Jornal de Notícias* sobre a existência do autor devem-se ao facto de o primeiro suspeitar inicialmente que dez anos não seriam suficientes para um inglês se exprimir fluentemente em português, contudo, para esse mesmo cronista, um luso não seria tão severo para com o seu próprio povo, como acusa Kotnay de ser, concluindo que o autor de *JBZP* não passaria de um "inglês pretencioso".

Não nos sendo possível provar a existência do autor, porque apenas dispomos de informações biográficas paratextuais, optamos por não considerar como real a caracterização (auto)biográfica do autor levada a cabo pelo próprio e pelo *editor* nos paratextos de *JBZP*.

Relativamente à recepção da obra em Portugal, no início de 1916 é publicado um excerto de *JBZP* como fascículo, revelando a nossa investigação nos periódicos da Primeira República (1910-1920) que a publicação desse primeiro fascículo foi noticiada e comentada nos diários *A Lanterna: Diário Republicano da Tarde* e no *Jornal de Notícias*, em Janeiro de 1916, dois anos antes do lançamento do livro, apresentando os jornalistas uma síntese ainda neutral e pouco aprofundada visto não se tratar de uma recensão crítica:

O sr. A. Kotnay, inglês de origem, mas tendo vivido largos anos em Portugal decidiu-se a escrever um interessante volume sobre os costumes da nossa terra, pondo-lhe em relevo as deficiências e os primores. Olhando a curiosidade da obra, que é um documento ousado de critica, os srs. A. Silva e J. Pereira, resolveram, com o pleno consentimento do sr. A. Kotnay, editá-lo em português. Dai o ter aparecido já o 1.º fasciculo de «Análise à Vida Portuguesa». Desde as apreciações do traje e do asseio, à politica e religião, tudo neste livro se ventila, como se visiona pelo sumario, não

²² Anónimo, "Livros Novos. 'John Bull e Zé Povinho' por A. Kotnay", *Jornal de Notícias*, ano 52, nº 9, 11-01-1919, p. 1 (cf. anexo 6).

esquecendo as figuras típicas do nosso meio nem os seus usos mais salientes. Agradecemos aos editores, a oferta gentil o 1.º fascículo, ora saído a publico²³.

Recebemos o primeiro fascículo de uma apreciável obra de crítica aos costumes e á vida portuguesa pelo sr. A. Kotnay, subdito inglez que durante alguns annos viveu n'esta cidade e teve occasião de apreciar a nossa gente. Pela enunciação dos capitulos somos levados a crer que se trata de uma obra notavel. Aguardamos os proximos numeros, para melhor apreciação, agradecendo aos editores srs. A. Silva e J. Pereira a offerta do 1º fascículo²⁴.

Como é sabido, no período histórico em questão, os jornais comentavam textos de autores de renome, ou, no caso de serem estrangeiros, com provas dadas de apreço por Portugal, como aconteceu com Aubrey Bell, por exemplo²⁵, pelo que não é de estranhar que, quando a obra foi previamente publicada em fascículos, os editores do primeiro fascículo tenham decidido enviar exemplares à imprensa na esperança de estes serem comentados.

A partir de Junho de 1918, a obra foi publicitada em anúncios nos jornais *O Radium* e *Pontas de Fogo*²⁶ e em 7 de Janeiro de 1919, o *Jornal de Notícias* anuncia a publicação de *JBZP*, elogia a edição e o grafismo e informa que Higino de Assunção oferecera um exemplar à redacção: “Acaba de aparecer, esplêndidamente editado, um interessante volume de análise à vida portuguesa, intitulado «John Bull e Zé Povinho», escrito por A. Kotnay. Graficamente a obra é excelente; quanto ao texto dele nos certificaremos em breve”²⁷. Após a leitura da obra, o crítico do *Jornal de Notícias* expressa o seu

²³ Anónimo, “Publicações. ‘Análise à Vida Portuguesa’ por A. Kotnay”, *A Lanterna: Diário Republicano da Tarde*, ano 1, nº 240, 18-01-1916, p. 1 (cf. anexo 7).

²⁴ Anónimo, “Publicações. ‘Análise à Vida Portuguesa’, por A. Kotnay”, *Jornal de Notícias*, ano 29, nº 17, 20-01-1916, p. 2 (cf. anexo 8).

²⁵ V. anónimo, “Bibliografia. Portuguese Portraits - by Aubrey F. G. Bell. Oxford 1917”, *A Águia*, nºs 91 a 93, 3º trimestre de 1919, p. 92 (cf. anexo 9).

²⁶ Os números 14 a 16, 22, 34 (8, 15 e 22 de Junho, 3 de Agosto e 14 de Novembro de 1918) do periódico dirigido por Higino J. Assunção, *O Radium* [“John Bull e Zé Povinho”, *O Radium*, ano 1, nº 16, 22-06-1918, p. 2 (cf. anexo 10)], lançam um enigma sobre *JBZP* ao publicar anúncios em que se lê apenas o título da obra, sem qualquer informação complementar. Em 14 de Dezembro de 1918, a primeira página do número 38 do *Pontas de Fogo* [“John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo*, ano 1, nº 38, nº 2, 2ª série, 14-12-1918, p. 1 (cf. anexo 11)] repete o enigma de *O Radium* com uma diferença: o anúncio remete para a quarta página e promete a decifração do mistério. A citada quarta página [“John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 38, nº 2, 2ª série, 14-12-1918, p. 4 cf. anexo 12] esclarece o mistério: o leitor toma conhecimento que *John Bull e Zé Povinho* é o título de um livro escrito por A. Kotnay sobre os costumes portugueses em confronto com os ingleses. Os números 39 a 43 de *Pontas de Fogo* contêm um anúncio levemente diferente do número 38, mencionando apenas que se trata de um livro sensacional [“Um Livro Sensacional. John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 39, ano 4, nº 3, 2ª série, 21-12-1918, p. 1 (cf. anexo 13)]. A quarta página dos números 42 a 47 avança um pouco mais de informação sobre *JBZP* ao referir que o livro contém “sensacionais revelações sobre assuntos palpitantes” [“Um Livro Sensacional. John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nºs 42 a 47, ano 4, nºs 6 a 11, 2ª série, 11 a 25-01-1919, 15 a 22-02-1919 e 01-03-1919, p. 4 (cf. anexo 14)].

²⁷ Anónimo, “Livros Novos. ‘John Bull e Zé Povinho’ por A. Kotnay”, *Jornal de Notícias*, ano 52, nº 5, 07-01-1919, p. 2 (cf. anexo 15).

descontentamento sobre a mesma, considerando-a injusta e destituída de crítica séria e acusando o autor de incapacidade para perceber a ‘alma latina’:

Em edição cuidada, muito brilhante mesmo, do sr. Higinio J. Assunção e saído dos prelos de «A Intermediária Limitada»²⁸, desta cidade, apareceu há dias o anunciado livro de A. Kotnay, «John Bull e Zé Povinho», análise à vida portuguesa. Materialmente, o livro oferece uma bela apresentação; moralmente, se esta secção fosse dada a larga crítica, ou o espaço nos permitisse largas referências, teríamos de combatê-lo rudemente. No «John Bull e Zé Povinho» pretende fazer-se a análise aos costumes portugueses, mas de facto evidencia-se apenas o mau-humor e a muita injustiça de quem o escreveu. [...] incapaz de perscrutar o fundo na nossa alma de latinos, nos suponha em tudo aparte os evidentes defeitos, inferiores ao seu povo e à sua raça. Evidentemente não exigiríamos só palavras amigas. Queríamos, no entanto, imparcialidade, pois se dizer bem incondicionalmente constitui uma inferioridade, embora laivada de benevolência, dizer mal por acinte e a propósito de tudo, jamais constitui diploma de superioridade.

Seja como fôr, «John Bull e Zé Povinho» será lido e comentado, e o seu autor, que na sua larga permanência entre nós, apenas achou razão de aplaudir o clima, as costureiras e os alfaiates, talvez convenha, passada a impressão mal humorada, que foi injusto, violento – e incompleto. Fez obra caricatural, e não obra séria de crítica.

Dito isto, agradecemos ao editor a gentileza da oferta, louvando-o pela apresentação do volume²⁹.

Uma outra recensão permite-nos aprofundar o estudo da recepção da obra em Portugal:

Não queremos perder muito tempo com esta obra antipática, que não vale o trabalho gasto em lhe cortar as fôlhas. Intitula-se «curiosa e impenitente crítica aos costumes portugueses» e, afinal, não passa de um acervo de incorrecções sôbre a vida nacional. Parece-nos que mais lucraria a literatura se o papel de tal livro fosse vendido em branco. A literatura e os leitores³⁰.

A posição do recenseur permite-nos perceber a polémica que o texto suscitou e a hostilidade votada ao mesmo. O jornalista considera o texto nocivo e desaconselha a sua leitura.

Afigura-se-nos significativo o facto de *Portuguese Portraits* (1915), de Aubrey Bell, ter sido objecto de recensão na mesma página e de ambos serem colocados lado a lado para reforçar o contraste e condicionar a opinião do leitor. O tom utilizado para analisar os dois textos é diferente, pois Kotnay é o ‘anti-herói’ e Bell, considerado um “ilustre escritor” e “dedicado amigo de Portugal”³¹, o ‘herói’ lusófilo. A recepção desfavorável de *JBZP* em alguns periódicos portugueses confirmou assim os receios do

²⁸ A inauguração da oficina tipográfica “Intermediária Limitada”, no dia 7 de Outubro de 1917, foi publicitada no *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 138, 20-10-1917, p. 1.

²⁹ Anónimo, “Livros Novos. ‘John Bull e Zé Povinho’ por A. Kotnay”, *Jornal de Notícias*, ano 52, nº 9, 11-01-1919, p. 1 (cf. anexo 6).

³⁰ V. anónimo, “Bibliografia. John Bull e Zé Povinho – por A. Kotnay. Porto, 1918”, *A Águia*, nºs 91 a 93, 3º trimestre de 1919, p. 92 (cf. anexo 9).

³¹ V. anónimo, “Bibliografia. Portuguese Portraits - by Aubrey F. G. Bell. Oxford 1917”, *ibidem*.

editor pois a obra foi recebida com hostilidade pela imprensa portuguesa. Já *O Comércio do Porto* elogia a posição de Kotnay no que respeita os seus objectivos reformadores:

N'uma excelente edição acaba de apparecer uma obra cujo titulo é de molde a despertar a curiosidade do publico leitor.

Trata-se de uma obra escrita por um inglez que conhece a nossa lingua e n'ella se exprime com toda a independencia, mostrando erros, aconselhando e educando, e fazendo tudo isso com espirito lucido e vendo claro.

Analyses à Vida Portuguesa se subtitula o volume em que se nota uma critica por vezes aspera e impiedosa aos nossos costumes, que postos em confronto com os exemplos da sociedade ingleza, nos deixam em situação pouco favoravel. Como os intuitos da obra são moralisadores, não temos que nos insurgir contra o auctor, mas sim devemos procurar emendar os nossos erros³².

Para o recenseador, o objectivo pedagógico da obra sobrepõe-se à percepção da impiedade e rudeza da mesma, afastando-se este crítico dos anteriormente citados ao aproximar-se da intenção do autor e ao advogar a alteração de costumes e hábitos errados. A reacção do articulista de *O Século* parece ser também positiva quando afirma que o “livro [é o] mais interessante dos ultimos tempos e o que mais implacavel se mostra para com os defeitos nacionaes”³³. Já a crítica de *A Capital* consagrou duas colunas à apreciação crítica da obra, aproximando-a dos relatos de viagem estrangeiros de “analistas de ocasião”, repletos de “erros e blasfémias”³⁴, contra os quais manifesta um certo ressentimento, desprestigiando as suas ideias e observações. Ao contrário do que o *editor* afirma, para o jornalista deste último periódico a obra não era polémica, pois os sentimentos suscitados por determinadas temáticas, nomeadamente a violência das forças policiais portuguesas, já não eram tão fortes, e algumas críticas encontravam-se desactualizadas devido ao desfasamento de tempo entre o ano da redacção e o da publicação. Com ironia e um tom condescendente, o mesmo articulista resume e analisa alguns dos temas abordados por Kotnay, censurando os excessos dos juízos de valor e reconhece que o “pretensioso” analista britânico escreveu “algumas coisas acertadas”. O jornalista afirma que a obra não tem interesse documental e revela propósitos obscuros, pois o “psicólogo” quer fazer a sua própria política e vender a sua obra através da estratégia do insulto a Portugal.

Podemos assim concluir que, de um modo geral, a avaliação da obra efectuada pela imprensa portuguesa foi subjectiva, e os autores levemente mordazes e intolerantes.

³² Anónimo, “Bibliografia. John Bull e Zé Povinho, por A. Kotnay”, *O Comércio do Porto*, ano 67, nº 2, 14-01-1919, p. 2 (anexo 16).

³³ “John Bull e Zé Povinho. Análise à vida portuguesa, por A. Kotnay”, *O Século*, ano 39, nº 13388, 22-03-1919, p. 3 (anexo 17).

³⁴ A. F., «‘John Bull’ Fala do ‘Zé Povinho’», *A Capital*, ano 9, nº 3067, 22-03-1919, p. 1 (cf. anexo 18).

Kotnay não apresenta as suas ideias de forma neutral e desperta reacções adversas da maioria dos críticos portugueses, pelo que a recepção da sua obra foi maioritariamente negativa.

Salientamos ainda a referência à obra assinada por Albert Kotnay por historiadores contemporâneos portugueses e estrangeiros ao estudar Portugal e a cultura lusófona do início do século XX, nomeadamente o autor brasileiro Carlos Eugénio Líbano Soares³⁵, bem como Ana Vicente³⁶ e João Medina. Este último afirma que *JBZP* “pouco justifica o seu título, sendo antes um acervo de opiniões antipáticas, nada criteriosas e confusas em relação aos Portugueses, seus costumes e modo de ser³⁷”. O próprio Kotnay confessara que, não obstante o seu texto parecer exagerado, um estrangeiro observa mais facilmente os defeitos que os alvos da crítica³⁸. José Machado Pais³⁹, a propósito do estudo de identidades e culturas, também refere o livro de Kotnay, identifica-o como escritor britânico e elenca uma série de atributos identitários positivos e negativos⁴⁰ a partir de citações de *JBZP*.

Acresce referir que dois anos volvidos após a publicação de *JBZP*, uma tese de Doutoramento em Medicina utilizaria uma referência da autoria de Kotnay à descrição da falta de higiene dos portugueses⁴¹, ou seja, a autoria da obra nem sempre foi questionada por estudiosos portugueses que a utilizaram para estudar o Portugal do início do século XX. Como já verificámos ao longo deste capítulo, o autor português e o *editor* portuense de *JBZP* utilizam um heterónimo britânico a quem atribuem, através de elementos paratextuais, uma personalidade e uma história familiar, remetendo para a possível morte do heterónimo-personagem⁴² na Primeira Guerra Mundial.

Todas as informações e dados auto-biográficos sobre Kotnay estão presentes na obra que pode ser considerada um conjunto de impressões ou crónicas de um imigrante que vem de bom grado para Portugal por motivos profissionais. A curiosidade de Kotnay por

³⁵ *A Negregada Instituição: As Capoeiras no Rio de Janeiro*, 1994, p. 182.

³⁶ *As Mulheres Portuguesas Vistas por Viajantes Estrangeiros, Séculos XVIII, XIX, XX*, 2001, p. 227.

³⁷ *Caricatura em Portugal: Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho*, 2008, p. 131.

³⁸ *Op. cit.*, p. 86.

³⁹ “Questionando Culturas e Identidades, Utopias e Fatalidades: Reflexões de um Sociólogo na Solidão do Quarto n. 514 de um *Meliá Confort*”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 63, 2002, pp. 165-167.

⁴⁰ *Idem*, pp. 166-167.

⁴¹ Eurico de Almeida, “O Tabardilho em Braga”, Tese de Doutoramento em Medicina apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto, 1920, p. 19.

⁴² Utilizamos o termo ‘heterónimo-personagem’ para nos referirmos à voz que descreve e critica o Portugal do início do século XX, pois são-lhe atribuídos dados biográficos pelo *editor* (pp. 7-9, 361-363) e pelo suposto autor britânico quer nos paratextos (pp. 11-13), quer ao longo do texto (pp. 15-21, 116-117, 134-141, 154, 202, 205-208), sendo assim construída uma identidade ou personalidade em torno dessa figura britânica.

Portugal nasceu alegadamente da sua convivência com portugueses em Inglaterra. Natural de Lincoln, capital do condado de Lincolnshire, o inglês frequentou um curso de engenharia na fábrica Robey & Co⁴³. Alguns dos seus colegas de curso eram portugueses e a alegria e jovialidade dos mesmos atraíram-no a ponto de preferir os seus antigos colegas, relacionando-se mais intimamente com alguns lusos nos campos de ténis e de futebol. Das amizades que fizera aos 17 anos, Kotnay destaca o seu bom amigo Pinto, um lisboeta bem-disposto e de bom carácter. O autor britânico aprendeu com os seus amigos predilectos a sentir o fado à maneira portuguesa, a compreender a poesia desta forma de expressão musical genuinamente lusa e o significado da palavra saudade. O apreço pelo carácter português motivaram-no a solicitar aos agentes ingleses de uma firma exportadora de vinhos de Vila Nova de Gaia⁴⁴, onde arranjava emprego aos 18 anos por influência de amigos portugueses, que o transferisse primeiro para Londres, onde então residia o seu amigo Pinto, e, um ano depois, para Portugal. Kotnay vem a estabelecer-se em Vila Nova de Gaia e visita Inglaterra todos os anos, principalmente o hotel londrino “20”, onde residira com os seus amigos portugueses, que recordava com saudade.

Por motivos profissionais, e após dez anos de residência em Portugal, o autor regressa à Grã-Bretanha, não deixando morrer o seu interesse pelos lusos. Como já afirmámos, o *editor* declara que *JBZP* já fora editado em inglês no ano de 1913, sendo, mais tarde, Kotnay incentivado por amigos portugueses a residir na Grã-Bretanha a publicá-lo também em Portugal. Para tal efeito, teria aceitado a cooperação do *editor*, como sugere este último⁴⁵, o que vem a acontecer em 1918 e não em 1914 como fora inicialmente planeado, devido à eclosão da Primeira Guerra Mundial. Surge assim *JBZP*, uma obra dedicada à comunidade britânica e supostamente traduzida do original, ampliada continuamente até 1916, ano em que cessaram as remessas de capítulos para o editor.

Numa carta, escrita em Lincolnshire, datada de Julho de 1914 e dirigida ao editor, o suposto autor inglês exprime a convicção de que a publicação da obra encontraria algumas dificuldades devido às preferências dos portugueses pela “literatura romanescas”⁴⁶. Em Maio de 1917, o *editor* recebe uma carta da mãe do autor, em resposta à sua, enviada um mês antes, já que a ausência de notícias de Kotnay o deixara preocupado. Nela, a Sra.

⁴³ Uma siderurgia com esse mesmo nome existiu efectivamente em Lincolnshire, como revelam os arquivos históricos do Lincolnshire City Council: ([www.http://www.lincolnshire.gov.uk/residents/archives/collections/guides-to-sources/engineering-records/robey-and-co/28325.article](http://www.lincolnshire.gov.uk/residents/archives/collections/guides-to-sources/engineering-records/robey-and-co/28325.article)) (acesso: 13-04-2012).

⁴⁴ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 18.

⁴⁵ Anónimo [Editor], “Duas Palavras”, in A. Kotnay, *op. cit.*, s./p. [pp. 7-9].

⁴⁶ A. Kotnay, *op. cit.*, s./p. [p. 12].

Kotnay esclarece que o silêncio prolongado do filho se ficara a dever ao seu desaparecimento desde que partira para a frente oriental da Primeira Guerra Mundial em Dezembro 1916, e aconselha a publicação do livro, o que veio a acontecer, como já referimos, em 1918, mas sem os três capítulos que faltava incluir - “Exército”⁴⁷, “Individualidades Típicas” e “Precalços” -, permanecendo a esperança de que o futuro reaparecimento do autor possibilitaria uma nova revisão e publicação da obra, que é assim apresentada como supostamente póstuma através dos paratextos epistolares que acompanham a obra enquanto pretextos para a legitimação da existência de Kotnay.

⁴⁷ Como informa o responsável pela edição da obra, o capítulo “Exército” não é incluído na mesma, pois no contexto da Primeira Guerra Mundial a verdade sobre as condições e estratégias das tropas lusas e a publicação da opinião dos críticos militares estrangeiros seria prejudicial ao país [Anónimo [Editor], «Duas Palavras», in A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 8-9]. Antes da eclosão do conflito, o *Diário do Norte* avalia a defesa nacional e explica que os problemas herdados pela República nunca tinham sido pensados seriamente pela Monarquia. Dá a entender ainda que as reformas sucessivas do exército estavam no pólo oposto aos princípios e interesses da nação, pois visavam “deslumbrar o público, servindo amigos e afilhados, e contentando insofridos, acelerando-lhes a promoção”. Sublinha ainda que o dinheiro gasto pelo Ministério da Guerra era empregue, não na aquisição de material de guerra, mas para espalhar militares pelo país para “acompanhar procissões, fazer a policia de feiras e arraiaes e defender as autoridades nas tranquibérnias de eleições. Se era necessario fazer qualquer vistosa parada, ou aparentar cuidado pela instrução do exército, faziam acudir ao lugar escolhido, de todos os pontos do país, os homens e o pouco e arruinade material existente”. O problema não foi resolvido pelo novo regime já que o periódico acusa o Governo Provisório de fazer “obra de espavento, julgando possível, por um simples decreto, modificar radicalmente o que havia” e de ser incapaz de adequar as medidas ao carácter e recursos financeiros lusos (Paes de Figueiredo, “O Problema Militar”, *Diário do Norte*, ano 1, nº 54, 04-04-1913, p.1). Em 1914, perante as críticas ao exército português, *A Montanha* argumentava que a República herdara da Monarquia um exército sem armas ou munições e poucos soldados e concluía o seguinte: “Falta ainda muito? Falta, mas nem humanamente era possível ter-se feito mais” (anónimo, “A Republica e o Exercicio”, *A Montanha*, ano 4, nº 1052, 25-07-1914, p. 1). Três anos depois, a situação evoluíra dado que o periódico supracitado alegava que as imprensas francesa e britânica elogiavam a coragem, resistência, aptidão e competência dos soldados portugueses (anónimo, “Os Portugueses no Front”, *A Montanha*, ano 7, nº 2104, 06-07-1917, p. 1). Para além da imprensa estrangeira, as missões militares de outros países também tinham, segundo *A Montanha*, óptimas impressões dos militares lusos: “Recentemente estiveram em Portugal duas missões militares, uma francesa, outra inglesa. [...] Pois sabemos que foram das melhores possíveis, as impressões que receberam das nossas instituições militares e navais, nas longas e minuciosas visitas que fizeram a todos os estabelecimentos do Estado e da especialidade, a quartéis e a navios de guerra e ainda nas manobras militares a que assistiram, tanto em Tancos como na região de Torres Vedras” (Corregedor da Fonseca, “O Exército Português”, *A Montanha*, ano 6, nº 1880, 02-02-1917, p. 1).

3. A REPRESENTAÇÃO DE PORTUGAL NA LITERATURA DE VIAGENS

A obra de que nos ocupamos é redigida e publicada por um suposto residente inglês em Portugal, e tal estratégia tem como objectivo tirar partido da antiga tradição da literatura de viagens britânica sobre Portugal. O conjunto de crónicas de que nos ocupamos partilha assim características com este género narrativo, que, por sua vez, nunca está isento de estereótipos, já que os narradores-viajantes representam o Outro de acordo com os seus próprios valores e preconceitos, deixando transparecer facetas da sua matriz cultural e emitindo em simultâneo opiniões sobre a realidade que observam e filtram. Embora a descrição que Kotnay faz de Portugal se encontre próxima da realidade, devemos ter presente que o autor selecciona um determinado conjunto de características para descrever o povo luso. Estamos perante o ponto de vista de um estrangeiro e a subjectividade sobrepõe-se à objectividade porque, como afirmam Pierre Brunel, Claude Pichois e André-Michel Rousseau, “aucun étranger ne voit jamais un pays comme les autochtones voudraient qu’on le vît”⁴⁸, pois a forma como o autor vê e interpreta o Outro reflecte a sua cultura⁴⁹.

A representação de Portugal na obra de Kotnay inscreve-se no segundo caso de representação do Outro de que nos fala Pageaux⁵⁰, ou seja, encontra-se eivada de imagens negativas, sendo a Grã-Bretanha um espaço cultural amplamente valorizado, em detrimento do país visitado. Kotnay também patenteia, resumidamente, uma imagem desfavorável dos restantes povos europeus, numa postura que claramente pretende simular a atitude etnocêntrica e xenófoba do homem britânico⁵¹. Para não correr o risco de se pensar que a omissão de alguns países desta autêntica ‘lista negra’ poderia significar estima pelos mesmos, o autor conclui, ironicamente, que “dos outros países não vale a pena falar, mas todos teem atributos dignos de aprêço”⁵².

⁴⁸ *Qu’est-ce que la Littérature Comparée*, 1983, p. 64.

⁴⁹ Torna-se aqui relevante recordar Susan Bassnett, *Comparative Literature: A Critical Introduction*, 1993, p. 93: “from travellers’ accounts of their journeys, we can trace the presence of cultural stereotypes, and the way in which an individual reacts to what is seen elsewhere can reflect tendencies in the traveller’s home culture”.

⁵⁰ “De l’Imagerie Culturelle à l’Imaginaire”, in Pierre Brunel, Pierre Chevrel (dirs.), *Précis de Littérature Comparée*, 1989, p. 152.

⁵¹ *Op. cit.*, pp. 56-58.

⁵² *Idem*, p. 58.

A imagem de Portugal e dos portugueses propalada por Kotnay reveste-se de uma roupagem argumentativa que procura conferir autenticidade às crónicas. No início do capítulo dedicado à situação política, o autor confessa que deve muita da informação utilizada a um amigo que o elucidara quanto aos desvarios do governo português⁵³, pelo que, Kotnay visa legitimar o que afirma na obra, validar a sua representação do real (aproximando-a de uma análise histórica e factual), comprovar a sua ligação com os portugueses e, concomitantemente, conduzir o leitor a uma aceitação das suas opiniões. Porém, o texto de Kotnay não se restringe a registar episódios que lhe foram relatados e também integra ocorrências por ele testemunhadas e vivenciadas. No texto encontramos também o estereótipo dos britânicos vistos pelos portugueses como “grosseiros”, “borrachões” e “frios”⁵⁴, refutando Kotnay esses epítetos ao explicar que projectamos nos outros os nossos defeitos: “os nossos amigos de Portugal apodam-nos a nós de grosseiros. É natural; os defeitos próprios são os de mais difícil conta”⁵⁵.

Se a obra de Kotnay obedece a uma estrutura de natureza temática, não foge aos *topoi* dos relatos de viagem britânicos sobre Portugal dos séculos XVIII-XX. Na sua tese de Mestrado, Ana Isabel Nú Calado alude à homogeneidade temática⁵⁶ das narrativas viáticas de autores estrangeiros que tinham visitado ou residido em Portugal nos séculos XVIII e XIX, apresentando o povo português como analfabeto e obcecado pela fé católica e aludindo ao profundo atraso económico e cultural que distanciava Portugal de outros países europeus mais avançados e prósperos. As imagens atrás mencionadas foram também apresentadas no século XX e agravaram-se com o Regicídio e com os conflitos daí decorrentes, impossibilitando o conhecimento real de Portugal e dos portugueses devido aos preconceitos existentes. Não se deixando influenciar por aquela representação negativa, Aubrey Bell escreveu *Portugal of the Portuguese* (1915) no intuito de esclarecer que era injusto rotular a minoria extremista e a maioria dos lusos (pacífica) da mesma forma. Nesta esteira, Bell esclarece que é necessário conhecer o português no seu lar. O seu texto, imbuído da esperança de que os preconceitos se desvanecessem à luz do conhecimento, pretendeu desconstruir o prisma de análise britânico sobre os portugueses e alegadamente contribuir para uma melhoria das relações entre o seu país e a sua velha

⁵³ *Idem*, p. 70.

⁵⁴ *Idem*, pp. 67, 220 e 251, 250, respectivamente.

⁵⁵ *Idem*, p. 67. Daniel-Henri Pageaux corrobora esta ideia de que a representação do Outro se apoia na dialéctica Nós/Outro (*La Littérature Générale et Comparée*, 1994, p. 60).

⁵⁶ Ana Calado, *O Portugal de Salazar Visto de uma Varanda Transmontana*, 2005, p.16.

aliada⁵⁷. Concluir que o povo luso é o mais civilizado e inteligente da Europa, apesar de estar a par da elevada taxa de analfabetismo que grassava em Portugal, certamente contribuía para atingir tal objectivo⁵⁸. Bell representa em *Portugal of the Portuguese* a ideia de que a chave para aquele país ibérico granjear o respeito e admiração de outrora reside na apreciação de costumes, métodos, hábitos, literatura, língua e maneira de ser nacionais (e não estrangeiros)⁵⁹.

A literatura de viagens britânica da primeira metade do século XX sobre Portugal foi estudada por Ana Nú Calado, em particular a obra da autoria de John Gibbons⁶⁰. Em relação aos autores coevos de Kotnay que também manifestam uma preocupação social e um pendor ideológico mais acentuado, Ana Calado refere que o jornalista Ralph Fox (1900-1936) também veicula, como o autor de que nos ocupamos, uma imagem de um “Portugal triste, esquelético e repleto de obsoletas tradições”⁶¹. Ralph Fox, em *Portugal Now* (1937), critica duramente o regime político português da altura (o regime salazarista) e tece, com refinada ironia, apreciações desfavoráveis sobre o atraso e a ignorância do povo, bem como sobre a ignóbil exploração e prostituição infantis desencadeadas pela pobreza e apoiadas por alguns países que viam nelas a sua fonte de rendimentos.

John Gibbons (1882-1949), um outro viajante britânico, redigiu três obras sobre Portugal⁶², entre as quais se destaca a última, que recebeu o prémio Camões em 1939. O autor escandaliza-se igualmente com a pobreza, a ignorância e o analfabetismo em Portugal. Porém, imprimiu um estilo menos irónico e mais laudatório (do regime salazarista) às suas narrativas. Gibbons distinguiu-se dos restantes viajantes que se deslocaram a Portugal por pintar o português de forma menos arrogante e por propalar uma imagem mais favorável do nosso país⁶³.

A Literatura de Viagens, sendo polimórfica, é também transversal à quase totalidade dos géneros literários, e, tal como os autores-viajantes que o precedem, Kotnay tece comentários em torno dos costumes e da realidade social portuguesa. Classificamos *JBZP* como um conjunto de crónicas por se tratar de uma narrativa que reflecte, de forma crítica, sobre o ambiente e o povo observados, e se encontra dividida por temas.

⁵⁷ Cf. Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, 1915, prefácio, pp. v-vi.

⁵⁸ *Idem*, pp. 1 e 15.

⁵⁹ *Idem*, pp. 255-256.

⁶⁰ Ana Calado, *op. cit.*, pp. 19-68.

⁶¹ *Idem*, p. 67.

⁶² *Afoot in Portugal* (1931), *Playtime in Portugal* (1936) e *I Gathered No Moss* (1939).

⁶³ John Gibbons contesta muitas das imagens preconcebidas e nada abonatórias veiculadas na Inglaterra, como por exemplo, as relacionadas com a limpeza das ruas: “In spite of the travel-books, I myself have always found Portugal a clean country” (*I Gathered No Moss*, 1939, p. 103).

Afirmamos que a obra pertence à Literatura de Viagens, apesar de não ser uma narrativa viática, pois contempla as memórias e as experiências de um residente britânico em Portugal, a par do quadro de representação do povo português, fornecendo comentários e informações de cariz social, cultural e religiosa e vincando a superioridade país de origem do seu autor.

4. CARICATURAR PORTUGAL E VALORIZAR A GRÃ-BRETANHA:

ZÉ POVINHO vs. JOHN BULL

O título da obra em análise refere simultaneamente Zé Povinho, “o ícone mais representativo do povo português”⁶⁴, e John Bull, “representação da cultura imperial inglesa”⁶⁵. O discurso em torno da alteridade recorre inevitavelmente à comparação e à metonímia, pois, ao longo da sua narrativa Kotnay adopta uma abordagem comparatista através das caricaturas a que aludimos. O autor compara o português com o britânico e emprega as duas figuras como metonímias representativas das respectivas pátrias e culturas.

Se a caricatura pode ser definida como a “arte de fazer a crónica [visual] do quotidiano com humor e seriedade”⁶⁶, nos capítulos que se seguem estudaremos a forma como Kotnay caricatura, através da escrita, o temperamento e os costumes portugueses em confronto com a fleuma britânica. Enquanto espelho paródico, a caricatura reflecte a realidade, mas de forma distorcida, destacando os aspectos negativos quando o objectivo é desvalorizar o Outro, ou positivos quando o propósito, como o de Kotnay, é afirmar a superioridade da sua cultura. Zé Povinho é criado em Junho de 1875 no jornal *Lanterna Mágica* pelo desenhador e humorista Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) e depressa é transposto para a literatura por dar voz ao povo apático e submisso representado por autores como Ramalho Ortigão. A caricatura, que também é utilizada por Kotnay, foi adoptada por Bordalo Pinheiro como recurso retórico visual para fomentar a campanha antibritânica, mas também para destacar de forma jocosa e didáctica a culpabilidade portuguesa no que toca à sua passividade e inércia. Bordalo Pinheiro analisa e comenta a crise económico-financeira e dirige as suas sátiras contra os Jesuítas, o sistema monárquico-constitucional e defende o ideário republicano e critica violentamente a aliança luso-britânica, que nos granjeou desvantagens e humilhações, principalmente desde o Ultimatum. O artista português assume uma atitude nacionalista sintonizada com o diapasão antijesuítico, anticlerical, antibritânico e antimonárquico e utiliza a caricatura como arma para denunciar os interesses políticos britânicos e contribuir para o desmoronamento da Monarquia. A morte de Bordalo Pinheiro em 1905 não determinou o

⁶⁴ José António Saraiva, Henrique Monteiro (dir.), *Álbum das Glórias de Rafael Bordalo Pinheiro*, 2005, p. 3.

⁶⁵ José-Augusto França, “O Zé Povinho, Sempre o mesmo”, in Ana Cristina Leite e Anabela Carvalho (eds.), *Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, 2005, p. 148.

⁶⁶ Osvaldo Macedo de Sousa, *As Caricaturas da Primeira República*, 2010, p. 15.

desaparecimento do Zé Povinho⁶⁷, nem nos cinco anos que precedem a I República nem durante este novo regime que viu florescer caricaturistas precursores de uma linha mais modernista, de menor interesse estético, não deixando de aproveitar essa iconografia como arma política⁶⁸, mas propugnando “uma nova postura satírica, mais social, mais contra os sistemas que contra o indivíduo A ou B”⁶⁹.

O símbolo resiste, hodiernamente, como “auto-retrato satírico”⁷⁰ e representa a alma do povo português⁷¹, afirmando João Medina que, revelando-se mais do que uma caricatura política⁷², Zé Povinho foi elevado à categoria de mito nacional⁷³. Para Kotnay, a simbologia da caricatura Zé Povinho está desfasada da realidade coeva porque a figura sofrera, entretanto, uma modificação de temperamento. O português, segundo o autor, já não era o povo submisso que Bordalo Pinheiro retratara:

Pretendendo que todos os poderes são seus subordinados, porque desembolsa muito para o Tesouro Público, não admite que ninguém lhe aplique cláusulas, que à primeira vista se lhe afiguram intempestivas. Êle é o Senhor absoluto e nada tem de comum com o Zé que Rafael Bordalo caricaturou de albarda alegórica.

Essa fluência de rebeldia tem-se acentuado nos últimos tempos. De génio impulsivo e arrebatado que caracteriza a raça latina e a leva a todos os crimes e aos maiores heroísmos, o povo português não suporta jugos nem tiranias. A prova, e bem eloquente ela foi, deu-a em 5 de Outubro de 1910 [...]⁷⁴.

Kotnay realça o génio impulsivo da raça latina e justifica com os acontecimentos de 5 de Outubro⁷⁵.

⁶⁷ Para José-Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro – o Português Tal e Qual*, 1981, p. 565, esta sobrevivência explica-se porque Zé Povinho “não é exemplo mas anti-exemplo, e nisso, negativamente, sobrevive. O que é maneira miticamente positiva de viver”.

⁶⁸ V. Osvaldo Macedo de Sousa, *op. cit.*, *passim*.

⁶⁹ *Idem*, *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, vol. II, 1998, p. 73.

⁷⁰ João Medina, *Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho*, p. 18.

⁷¹ Osvaldo Macedo de Sousa, *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, vol. I, 1998, p. 324.

⁷² *Op. cit.*, p. 48. Na página 96, o autor reitera essa ideia: “A miopia desse guru da Imprensa [...] não lhe permitia ir mais longe e descortinar no Zé Povinho, muito mais do que uma mera forma política de denúncia dos defeitos de um regime ou de um sistema de governação de ‘liberdade outorgada’, uma poderosa e realista caricatura satírica do modo-de-ser e do psiquismo nacional, um estereótipo que, antes de mais e acima de tudo, exprimia o nosso *ethos*, a nossa alma mais íntima e verdadeira, ainda que disfarçado de labrego analfabeto: 79,2% de iletrados em 1878 e 61% de agricultores na população activa, em 1890”.

⁷³ *Idem*, p. 18.

⁷⁴ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 44. Cf. Rafael Bordalo Pinheiro, “A Política: O Que É”, *O António Maria*, 1ª série, nº 41, 11-03-1880, p. 88 (cf. anexo 19) e *idem*, “Depois das Eleições”, *O António Maria*, 1ª série, nº 67, 09-09-1880, p. 293 (cf. anexo 20).

⁷⁵ João Medina, *Zé Povinho Sem Utopia*, 2004, p. 60, confirma o carácter contraditório do Zé Povinho. Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. 10, também se apercebeu da tendência lusa para evidenciar comportamentos díspares que vão desde a apatia e simpatia à manifestação de ímpetus agressivos: “Certainly, at least, there would seem to be many puzzling inconsistencies in the character of the Portuguese people. For they are like a quiet stream with sudden falls. They are fatalists, but with moments of heroic

No texto de Kotnay, Zé Povinho surge como a imagem estereotípica do indivíduo desobediente às autoridades⁷⁶ e impulsivo⁷⁷. Num estudo recente, Ana Cristina Leite afirma, pelo contrário, que o Zé Povinho representa “a massa anónima submissa que se fazia ouvir através de uma caricatura”⁷⁸. *JBZP* retrata o homem português como sendo capaz, não só do célebre “manguito”⁷⁹, mas também de violência física, sendo a navalha o “argumento decisivo”⁸⁰. Esta afirmação pende para o lado caricatural por parecer exagerada, mas também Ramalho Ortigão reforça a ideia de que a navalha é a arma preferida do português⁸¹.

Curiosamente, quando John Bull foi criado como personagem literária, em 1712, pelo escocês John Arbuthnot (1667-1735), representava o povo britânico com algumas características semelhantes às do Zé Povinho: a impulsividade⁸², a ingenuidade⁸³ e a tendência para ser manipulado⁸⁴. Posteriormente, e como refere José Medina, a caricatura foi retratada por Thomas Rowlandson (1756-1827) e James Gillray (1757-1815) como a figura oprimida pelo fisco e pela classe política. A partir de 1820, John Bull sofreu

rebellion and effort, apathetic, with bursts of energy in private and revolution in public life; kindly and docile, yet with outbreaks of harshness and arrogance”.

⁷⁶ *Op. cit.*, pp. 43-44.

⁷⁷ “Os portugueses, como todos os latinos, são espíritos facilmente inflamáveis, deixando transparecer em tôdas as acções o ardor, a impetuosidade que tanto pode levar à prática de feitos extraordinariamente heróicos como ao cometimento de crimes estupendamente abomináveis [...] não se conteem quando lhes sobe o sangue à cabeça”. [...] “O Português vai da ideia à prática sem nenhuma reticência, sem nenhum raciocínio. Precipita-se e só depois de cair é que arreda as pedras” (*idem*, pp. 227-228, 251).

⁷⁸ “Raphael Bordallo Pinheiro – o Portugal Artístico, Social e Político dos Finais do século XIX”, in *Raphael Bordallo Pinheiro aos Quadrinhos*, 1996, p. 7.

⁷⁹ *Op. cit.*, p. 59. Na apreciação que faz do manguito, João Medina, *Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho*, p. 101, associa-o à nossa incapacidade de verbalizar de forma articulada as nossas frustrações e revoltas: “o Zé persiste em assegurar o papel de estereótipo nacional [...] ele continua a representar a mesma inércia, a mesma comunidade nacional sofredora, apática, descrente, niilista e, só ocasionalmente, capaz de raríssimas explosões de cólera, sempre esporádicas e inconsequentes, expressas através de um gesto fálico brutal, próprio, aliás, de quem não sabe falar, pois nunca se alfabetizou moral, cívica ou escolarmente o suficiente para encarregar gente mais dotada da palavra para exprimir as suas cóleras, justos queixumes ou legítimas aspirações”.

⁸⁰ *Op. cit.*, p. 231. Silva Gay corrobora e na sequência do elogio ao boxe, apresenta um exemplo ocorrido na Inglaterra (do qual ele afirma ter sido testemunha presencial em 1913) da impulsividade portuguesa com recurso à navalha e da fleuma britânica com recurso ao boxe: “Se o *box* houvesse sido aqui cultivado de há uns 20 anos a esta parte, não teria por certo a naifa penetrado tão dentro da nossa constituição social, a ponto de, com o revólver, representar o argumento incisivo e decisivo por excelência nos debates da nossa parvonía. [...] Nem nos bairros de *Whitechapel* se emprega a faca para agredir, e eu poderia, se este espaço fosse ilimitado, contar-lhes belos exemplos da galanteria britânica, incomparável de fleugma e lealdade” (“Página Desportiva. Box”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 44, 25-11-1916, p. 4).

⁸¹ “Em Lisboa dão-se facadas com mais facilidade do que em outras cidades se dá lume” (Ramalho Ortigão, *Farpas Escolhidas*, s/d, p. 238).

⁸² John Arbuthnot, *History of John Bull*, 2004, p. 9: “an honest plain-dealing fellow, choleric, bold, and of a very inconstant temper”.

⁸³ *Idem*, p. 9: “no man alive was more careless in looking into his accounts, or more cheated by partners, apprentices, and servants.”

⁸⁴ *Idem*, p. 9: “If you flattered him you might lead him like a child”.

gradualmente uma metamorfose exterior e simbólica, ganhando maior assertividade na obra de John Doyle (1797-1868), deixando de ser o homem comum inglês, vítima de manipulação e opressão (o anti-herói) para adquirir uma aparência e maneiras mais civilizadas e burguesas⁸⁵. No século XIX, esse estereótipo personificava a mentalidade britânica vitoriana, ávida pela conquista colonial e despida de escrúpulos. Em 1889, a revista *Punch* atribuiu-lhe um ar rude, arrogante e ameaçador e retratou-o como o colonizador que encarava Portugal como o irrequieto macaquinho⁸⁶ ou rapazinho que perturbava os seus propósitos⁸⁷.

Kotnay apresenta-nos uma imagem de John Bull antípoda da que é desenvolvida na revista *Punch*: uma figura simpática, sensata e civilizada, culta e fleumática⁸⁸, traços esses característicos da *Englishness*, ou seja, próprios da identidade cultural britânica. O autor destaca somente as qualidades ou virtudes do povo britânico, recorrendo, deste modo, à caricatura como recurso retórico para realçar a superioridade britânica em detrimento da imagem da cultura e da mentalidade portuguesas.

Como verificamos na obra de Kotnay, a caricatura, acentuadamente satírica e paródica, visa reforçar e explicar “a grande diferença entre os dois povos”⁸⁹, funcionando ainda como um meio de promover a transformação cultural e de mentalidades. Salientamos, assim, a dimensão pedagógica da caricatura uma vez que o propósito do autor será, através da representação estereotipada a ‘correção’ das falhas apontadas⁹⁰.

Em Portugal, a figura de John Bull foi utilizada na caricatura e também na prosa de Oitocentos para veicular sentimentos anti-britânicos, motivados pelos conflitos com a velha aliada. Medina⁹¹ elenca alguns autores portugueses que expressaram o seu sentimento antibritânico, em prosa e em verso, recorrendo a John Bull. Das obras desses autores portugueses, destacamos *John Bull*, que Ramalho Ortigão (1836-1915) redigiu durante a sua estada em Inglaterra e que satiriza o estereótipo do britânico e tece comentários jocosos à cultura britânica. Na caricatura e na cerâmica, Bordalo Pinheiro serviu-se do ícone de John Bull, antes e depois do humilhante Ultimatum, para ilustrar a força opressiva e dominadora da nossa velha aliada; aliás, muitas das caricaturas de

⁸⁵ Esta síntese sobre John Bull foi elaborada com base em João Medina, *Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho*, pp. 109-110, 114-115, 126-127.

⁸⁶ Edward Lindley Sambourne, “The Mischievous Monkey”, *Punch*, 14-12-1889, p. 278 (cf. anexo 21).

⁸⁷ John Tenniel, “Cheek!”, *Punch*, 13-07-1889, p. 19 (cf. anexo 22).

⁸⁸ A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 58, 160, 227 e 250, respectivamente.

⁸⁹ *Idem*, p. 251.

⁹⁰ *Idem*, p. 26.

⁹¹ *Caricatura em Portugal*, pp. 122-125.

Bordalo surgiram como resposta às caricaturas britânicas sobre Portugal da revista satírica londrina *Punch*⁹².

Também o ilustrador e jornalista José de Almeida e Silva (1864-1945) desferiu a sua pena e o seu pincel críticos na *Charivari* (1886-1898), uma revista do Porto repleta de invectivas antibritânicas, recorrendo igualmente aos simbólicos Zé Povinho e John Bull. As caricaturas de J. A. Silva encerram críticas verrinosas à malignidade e esperteza de John Bull⁹³. Os dois emblemas identitários de dimensão caricatural em questão são representados como opostos por Kotnay. O facto de o segundo ser apresentado como um exemplo a seguir e de o primeiro ser caricaturado com uma forte carga negativa comprova a falta de capacidade britânica em ser autocrítica, pois o ícone português critica-se a e ele próprio.

⁹² *Idem*, pp. 114-122.

⁹³ *Idem*, p. 114.

5. TEMPERAMENTO E COSTUMES PORTUGUESES E BRITÂNICOS: UMA ABORDAGEM COMPARATISTA

Kotnay atribui sugestivamente à sua obra o subtítulo “curiosa e impenitente crítica aos costumes portugueses em confronto com a vida inglesa”, sendo objectivo do presente capítulo abordar a representação do *ethos* do povo luso na referida obra. Kotnay serve-se da caricatura Zé Povinho para descrever a identidade nacional portuguesa e ao fazê-lo, tenta descodificar e espelhar a portugalidade⁹⁴. A observação atenta e crítica das “anomalias” portuguesas por parte do autor⁹⁵ permite-lhe representar o temperamento e analisar a vida portuguesa em contraste com a britânica.

O contacto do suposto autor britânico com Portugal dá origem ao confronto de culturas representado em *JBZP*⁹⁶. O autor recorda as impressões que a constante sujidade nas ruas lhe causou aos dezanove anos que “ainda eram virgens de comoções fortes, e jamais tinham visto uma tal abundância de matérias fecais daquela natureza”⁹⁷, e critica a deficiente higiene pessoal das pessoas que manifestavam uma grave hidrofobia⁹⁸. Já em 1913, o engenheiro A. Rigaud Nogueira considerara que a falta de higiene pública e privada que dera lugar à imagem negativa do Porto era a “mais cabal prova do atraso de um povo”⁹⁹. Dois anos depois, afirma que a situação se mantém:

O Porto continua e continuará por muitos anos ainda com as ruas tortuosas e estreitas, as suas casas horrorosas, a sua higiene pedindo misericórdia, as suas «ilhas» infectas onde se morre à falta de ar puro, os seus edificios publicos verdadeiros pardieiros, aproveitados no geral de velhos conventos a cair de pôdres¹⁰⁰.

Já Kotnay ilustra a sua obra com a descrição de práticas e de gestos que funcionam como elementos caracterizadores de paisagem antropológica nacional: “nos homens há um excessivo desprezo pelo seu aspecto e descuram muito da sua aparência”¹⁰¹ e “as mulheres do povo despejam o nariz no fôrro da saia ou avental sem nenhum reбуço, e despejam-se a si mesmas em qualquer parte com o maior descaro. Coçam a cabeça desgrenhada em

⁹⁴ Sobre este assunto, v. o estudo de João Medina, *Zé Povinho Sem Utopia*, pp. 11-12. V. ainda a identificação do carácter português em Jorge Dias, *Estudos do Carácter Nacional Português*, nº 7, 1971.

⁹⁵ *Op. cit.*, pp. 26 e 45.

⁹⁶ *Idem*, p. 21.

⁹⁷ *Idem*, p. 22.

⁹⁸ *Idem*, pp. 32, 39-41.

⁹⁹ A. Rigaud Nogueira, “O Porto, Cidade Moderna”, *A Montanha*, ano 3, nº 655, 13-04-1913, p. 1.

¹⁰⁰ *Idem*, “Melhoramentos do Porto”, *A Montanha*, ano 5, nº 1381, 31-08-1915, p. 1.

¹⁰¹ *Op. cit.*, p. 42.

público e catam-se umas às outras como macacas”¹⁰², e “lavam-se [...] com pó de arroz”¹⁰³, ao contrário dos homens que, como o autor informa através de uma metáfora irónica, procedem à sua própria limpeza com a “esponja nacional”: o vinho¹⁰⁴.

O diminuto saneamento e as pragas de piolhos são também referidos nos relatos de viagem do século XVIII, como comprova Castelo Branco Chaves¹⁰⁵. Quanto à temática da falta de higiene dos portugueses e da escassa limpeza das ruas é interessante notar que na década de trinta do século XX, John Gibbons, o escritor-viajante inglês que então visitou Portugal, viria a registar uma melhoria da situação com o regime salazarista: “the New Portugal too is doing its best to turn sanitary and hygienic”¹⁰⁶.

Como já referimos, Kotnay confessa que o objectivo das suas críticas não é desmoralizar ou denegrir Portugal, mas sim chamar a atenção dos poderes públicos para o que está errado, visando a resolução dos problemas identificados¹⁰⁷. A intenção didáctica do autor explica o recurso a imagens negativas e determinou a utilização da língua portuguesa no relato. A escolha do título - *John Bull e Zé Povinho: Análise à Vida Portuguesa* - identifica quer o objectivo e a temática da obra, quer a óptica comparatista pela qual o autor se rege. O povo português é caracterizado em *JBZP* à luz de princípios, práticas e valores da cultura britânica, levando-nos o facto de a obra ser redigida em português e dedicada à comunidade britânica residente em Portugal a concluir que os seus leitores implícitos são sobretudo o português e talvez o britânico residente em Portugal.

O olhar crítico de Kotnay demonstra assumidamente a altivez britânica, nomeadamente quando o autor testemunha a mendicidade no Porto e valoriza a superioridade moral dos britânicos¹⁰⁸. O autor exalta “a ordem, a limpeza, comodidade, e a educação, [e o] respeito”¹⁰⁹ que se observam numa cidade inglesa semelhante ao Porto.

¹⁰² *Idem*. Esta triste realidade foi observada por um britânico que veio a Portugal numa viagem de negócios: “deparou com umas 5 mulheres, umas deitadas no chão e outras agachadas a catar as cabeças umas das outras! Pôz a bagagem no chão e...Zás! Tirou um instantâneo com a sua Kodak” (Frederico Duarte, “De Manchester”, *Pontas de Fogo*, ano 7, nº 5, 26-03-1921, p. 2).

¹⁰³ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 47.

¹⁰⁴ *Idem*.

¹⁰⁵ *Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a sua Projecção Europeia*, 1977, pp. 38-40.

¹⁰⁶ John Gibbons, *I Gathered no Moss*, p. 62.

¹⁰⁷ *Op. cit.*, p. 26.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 25. Em 1910, o periódico *Jornal de Notícias* (anónimo, “Assistência Social. O Problema da Mendicidade”, *Jornal de Notícias*, ano 23, nº 278, 24-11-1910 p. 1) registava o aumento extraordinário do número de mendigos e vagabundos no Porto. Cinco anos depois, o problema ainda persistia (anónimo, “A Mendicidade nas Ruas”, *A Montanha*, ano 5, nº 1386, 05-09-1915, p. 1). Agnes Goodall, *Portugal*, 1909, p. 24, registou a mendicidade das crianças pobres e analfabetas, e Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, pp. 56-57, mencionou as persistentes lamúrias dos mendigos. Em 1921, o *Pontas de Fogo* refere o contacto de um britânico com os mendigos e com a pedinchice lusa, peripécias que o impressionam a ponto de jurar

Segundo Kotnay, a redenção de Portugal só poderia chegar pela via da instrução, manifestando o autor ter consciência da elevada taxa de analfabetismo em Portugal¹¹⁰, facto esse corroborado pela historiografia contemporânea¹¹¹. Esta iliteracia também predominava na polícia portuguesa e repercutia-se no seu desempenho, como nos explica o diário republicano *A Montanha*, em 1911:

Até hoje tem sido seleccionada [a policia de segurança] da pior formula possivel. [...] A policia é quasi toda formada por gente dos campos que um dia foi para à caserna e, habituada à vida das cidades, não quis retomar o serviço da terra. Fardou-se, ensinaram-lhe dezenas de disposições de codigos e ella ingeriu tudo sem nada assimilar. Vai para a rua, indelicada, ignorante, a maior parte das vezes estúpida e o resultado tem-se visto. O serviço diario nada tem que o recomende; quando precisa de juntar-se e manter a ordem, consegue simplesmente provocar a desordem. [...] ¹¹².

Kotnay também descredibilizou os defensores da lei de modo semelhante, retratando-os como agressivos e injustos através da expressão “*Ande lá p’ra dieinte [sic.]*”¹¹³. Já na caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro se observara esta falta de eloquência e de delicadeza policial¹¹⁴. Enquanto Kotnay descreve a forma como a força policial atemorizava os manifestantes republicanos¹¹⁵, Bordalo transmite a ideia de que a bravura das forças policiais desaparecia quando surgiam manifestações¹¹⁶. São, por conseguinte, duas visões antagónicas que ilustram o clima de tensão, de medo e de instabilidade vivido na época em Portugal. Ambas as situações se verificariam, situando-se certamente o meio-termo mais próximo da realidade. Esse fenómeno pode ser interpretado à luz do estudo de Thomas Brinthapt e Richard P. Lipka, pois os autores afirmam: “it is clear enough that the

nunca mais voltar a Portugal (Frederico Duarte, “De Manchester”, *Pontas de Fogo*, ano 7, nº 5, 26-03-1921, p. 2).

¹⁰⁹ *Op. cit.*, p. 26.

¹¹⁰ *Idem*, p. 27.

¹¹¹ Respectivamente: João Medina, *Zé Povinho Sem Utopia*, p. 10, Rui Ramos, *História de Portugal*, vol. VI: *A Segunda Fundação (1890-1926)*, 1994, p. 29, César Oliveira, *O Operariado e a Primeira República (1910-1924)*, 1990, p. 57, Douglas Wheeler, *História Política de Portugal de 1910 a 1926*, 1978, pp. 52, 78, A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, vol. III: *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*, 1986, p. 343 e João Medina, “A Adesivagem ou a República Frustrada ao Nascer”, in João Medina (ed.), *História de Portugal*: vol. X: *A República. Sonhos e Malogros*, 1993, p. 82.

¹¹² Anónimo, “A Polícia do Porto é Pouca e Mal Paga”, *A Montanha*, Porto, ano 1, nº 5, 06-03-1911, p. 1. Em 1919 a agressividade policial não cessara nem as críticas: “O nível moral da corporação policial é, presentemente, duma inferioridade destacante. [...] A policia, que devia pôr termo à agressão, ainda mesmo que de um trauliteiro se tratasse, procedeu exactamente ao contrario: estimulou-a, participando nela” (João do Norte, “Apontamentos. À Margem. A Policia”, *A Montanha*, Porto, ano 9, nº 2976, 23-10-1919, p. 1).

¹¹³ *Op. cit.*, p. 134.

¹¹⁴ “A Actualidade”, *A Paródia*, nº 67, 24-04-1901, pp. 132-133 (cf. anexo 23).

¹¹⁵ *Op. cit.*, pp. 89-90.

¹¹⁶ “As Seis Polícias de Lisboa”, *O António Maria*, 1ª série, nº 47, 22-04-1880, p. 140 (cf. anexo 24).

narratives which people tell can certainly be in the service of providing that “aerial view” from which the truth can emerge”¹¹⁷.

Em *JBZP* encontramos também a comparação entre os polícias portugueses e britânicos, bem como a descrição da manifesta superioridade dos últimos. O êxito da instauração da ordem nas ruas londrinas resulta, na opinião do autor, da convergência de dois factores: a cortesia da polícia e o civismo do povo britânico. As forças portuguesas são apresentadas como prepotentes e violadoras dos Direitos Humanos, levando à fúria da multidão. Havia, nessa medida, uma relação de causa-efeito e Kotnay conclui que os agentes da autoridade reflectem de algum modo o espírito nacional porque “a Autoridade dum país tem uma influência preponderante sobre o carácter do Povo”¹¹⁸. Para exemplificar o contraste entre ambas as forças policiais, o autor destaca duas situações díspares representativas das acções violentas da polícia portuguesa e das medidas sensatas da polícia britânica. Kotnay apresenta o testemunho autobiográfico da sua prisão¹¹⁹, bem como de seus amigos, motivada pela desobediência a uma ordem da polícia, e sublinha a atitude calma e benevolente da polícia britânica face ao desrespeito dos lusos pelo poder quando colocaram um painel sufragista nas costas de um agente da autoridade¹²⁰. Curiosamente, Silva Gay (pseudónimo jornalístico do autor de *JBZP*) passou alguns dias numa prisão de Coimbra no início de 1919¹²¹. Kotnay condena a política repressiva dos últimos anos da Monarquia que se servia das forças policiais para reprimir qualquer manifestação republicana e conclui que a “insensatez dos Governos da Monarquia fez a República”¹²². É interessante observar que o autor é influenciado pelo contexto em que está inserido: depois de vivenciar *in loco* actos brutais da polícia, o autor enerva-se e sente-se tentado a reagir perante tamanha crueldade. Porém, a experiência em primeira mão numa

¹¹⁷ Thomas Brinthaupt e Richard P. Lipka (ed.), *The Self: Definitional and Methodological Issues*, 1992, p. 37.

¹¹⁸ *Op. cit.*, p. 148.

¹¹⁹ Curiosamente, no mesmo ano em que supostamente Kotnay e os amigos foram presos (*idem*, pp. 134-140), saiu uma notícia num periódico do Porto sobre um homem a quem foi dada voz de prisão por estar a cantar de madrugada, tal como o autor inglês de *JBZP* (anónimo, “Por essas ruas. Tocata – Prisão”, *A Voz Pública*, ano 19, nº 5582, 10-05-1908, p. 2).

¹²⁰ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 130.

¹²¹ “Também nós fomos vítimas dos dias que passaram e essa foi uma das grandes determinantes para não sair o nosso semanário. Assim, o nosso director teve que, por três vezes, sendo a ultima no dia 12, se esconder para não ser enclausurado no aljube. [...] E o nosso colega Silva Gay esteve retido em Coimbra desde o dia 19 de Janeiro até há poucos dias, tendo que fazer a pé o trajecto daquela cidade para aqui, sob inclemencias varias” (anónimo, “A Nossa Odisseia”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 45, ano 5, nº 9, 2ª série, 15-02-1919, p. 2).

¹²² *Op. cit.*, p. 123.

prisão repleta de “esterqueira humana”¹²³ aquietou quaisquer protestos ou ímpetos salvadores e condenou-o ao recato. O autor é assim incapaz de se manter emocionalmente distante do que observa devido aos vínculos afectivos estabelecidos com Portugal, mas também porque a injustiça e a falta de dignidade o revoltam¹²⁴.

JBZP encontra-se impregnado de observações humorísticas e irónicas sobre as idiossincrasias do povo português, cujas qualidades são, segundo o autor, inferiores às dos britânicos¹²⁵. Kotnay não nos apresenta um relato de costumes distanciado e imparcial, pelo contrário manifesta uma forte presunção nos comentários tecidos em tom sobranceiro. Mais do que uma análise da vida portuguesa, trata-se de um enaltecimento da forma de ser e de agir dos britânicos. O capítulo “Do Vestir” elogia a forma elegante e sóbria do traje britânico face à falta de gosto lusa e critica o desmazelo dos pobres, principalmente o das mulheres casadas, bem como o recurso ridículo dos privilegiados ao vestuário para evidenciarem o seu estatuto social. Essa prática era à data certamente universal, comportando-se as classes sociais britânicas mais abastadas de forma idêntica.

Objecto de crítica é também a falta de cortesia e de civilidade dos portugueses. Kotnay confessa o abalo que sentiu quando se deparou com o temperamento luso: “O facto de se passar directamente de um meio onde a fleuma se manifesta em todos os actos, para outro em que predomina a excitação e a desordem, contribuiu para o assombro que me tomou de chofre”¹²⁶. Este povo “desordeiro”, com propensão para resolver conflitos à navalhada, conseguiu influenciar “a paz personificada” de Kotnay¹²⁷, motivando-o a comprar uma pistola para acalmar portugueses mais furiosos: “Devo-lhe [à arma] a tranquilidade com que vivi dez anos, e mais que isso, a vida”¹²⁸. O autor conclui ainda que tanto os portugueses em Inglaterra como os britânicos em Portugal são influenciados pelo clima e pelo contexto sócio-cultural. A influência do meio é determinante e pode operar certas mudanças interiores: por exemplo, a impetuosidade e entusiasmo dos portugueses, em Inglaterra, entibiam-se ante o frio britânico (“É como se viessem a Inglaterra *perder a lã*; adquirem uma compleição mais fria e reservada. Esta transição opera-se, é uma questão de tempo”¹²⁹) e o desleixo rareia face ao ambiente inglês “irrepreensivelmente limpo”¹³⁰.

¹²³ *Idem*, p. 138.

¹²⁴ *Idem*, p. 142.

¹²⁵ *Idem*, p. 29.

¹²⁶ *Idem*, p. 227.

¹²⁷ *Idem*, p. 231.

¹²⁸ *Idem*, p. 232.

¹²⁹ *Idem*, p. 229.

¹³⁰ *Idem*, p. 39.

A asserção de Kotnay de que os portugueses são inflamados, exaltados, hipócritas, conformistas, indolentes¹³¹, avessos ao progresso, imprevisíveis, egoístas, ingratos e cobardes, revela o pessimismo crítico do autor. Esta visão redutora dos portugueses, feita de lugares-comuns e estereótipos, colide com os interesses de Portugal (o próprio *editor* da obra em estudo sabe que alguns leitores referir-se-lhe-ão como “um crime de lesa-patriotismo”¹³²). O autor não crê, contudo, que a impetuosidade dos portugueses se deva a “uma deficiência de educação”¹³³, mas sim à constituição da raça latina e à sua recusa em obedecer à lei¹³⁴. O autor exalta o temperamento sensato e metódico dos britânicos, útil para enfrentar as dificuldades da vida¹³⁵ e granjeador de reconhecimento mundial (mas também dos padrões portugueses), ao contrário do ímpeto agressivo do Zé Povinho que dificulta o desenvolvimento de Portugal e contribui para uma reputação internacional negativa, que força os viajantes a virem “preparados como se fôssem para Marrocos”¹³⁶. É com pouca modéstia que declara que os seus compatriotas possuem “as maneiras mais *convenientes* de todos os povos”¹³⁷, e ironiza de modo hiperbólico ao afirmar que seria melhor os britânicos fazerem o testamento antes de partirem para Portugal. Para Kotnay, o contraste entre o temperamento de ambos os povos também é visível na forma de entrar em qualquer espaço de entretenimento, sendo curioso o facto de esse mesmo acontecimento

¹³¹ O autor (*idem*, p. 64) e Aubrey Bell (*In Portugal*, 1912, p. 4) retratam os portugueses como um povo atreito à indolência. Porém, Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. 11, explica que a preguiça dos lusos se deve à desmotivação, ou seja, à convicção de que qualquer esforço é inútil e não propriamente à falta de energia. Ana Calado, *op. cit.*, pp. 64-65, também menciona esta crítica de Kotnay. A forma lenta e desordeira de caminhar na rua difere da dos britânicos que caminham de modo ordeiro e apressado.

¹³² Anónimo [Editor], “Duas Palavras”, in A. Kotnay, *op. cit.*, s./p. [p. 7].

¹³³ *Idem*, p. 228.

¹³⁴ A rebeldia foi referida pelo pseudónimo jornalístico num periódico portuense: “E como portuguez que se preza, sempre ansioso por contrariar as disposições da lei ou do bispo [...]” (Silva Gay, “Pontas de Fogo. Portugal no Estrangeiro”, *Pontas de Fogo*, ano 8, nº 30, 17-09-1921, p. 1).

¹³⁵ Esta capacidade de autonomia britânica foi reconhecida pelo Director da Faculdade de Direito de Coimbra, o Dr. José Alberto dos Reis, e atribuída à educação familiar e escolar direccionada para incutir o sentido de responsabilidade às crianças e para ajudá-las a enfrentar os obstáculos da vida. Mas, o distinto professor vai mais longe, acusando a educação e o lar português de formarem apenas funcionários públicos: “A família inglesa, sobretudo nas regiões em que o elemento anglo-saxão tem uma preponderancia accentuada, apresenta os traços característicos e fundamentaes do *typo particularista*: os filhos são fortemente preparados para a *autonomia precoce* e para a *responsabilidade individual*. Toda a educação familiar é dirigida no sentido da emancipação gradual e progressiva da creança, por forma a torná-la um ser capaz de conquistar a independencia pelo seu esforço pessoal e de assumir a plena responsabilidade das suas decisões. Como se consegue este resultado? Em primeiro lugar, procura-se desenvolver e cultivar successivamente a liberdade de proceder. [...] Ao lado da liberdade de proceder, assegura-se e cultiva-se a liberdade de pensar. O *home inglez* é uma escola de *tolerancia*. Não há discussões, não há attrictos, não há disputismos. O lar é *silencioso e calmo*. N’este ambiente de serena tranquillidade, [...] a personalidade moral affirma-se; e assim nascem as primeiras efflorescencias d’essa preciosa e inestimavel qualidade dos anglo-saxões, que nos maiores transportes como nas mais fundas depressões nunca os abandona – a disciplina interna, o domínio de si mesmo, o *self-control*.” (“A Formação Social do Inglez e a do Allemão”, *Diário Nacional*, ano 3, nº 758, 01-12-1918, p. 1).

¹³⁶ *Op. cit.*, p. 51.

¹³⁷ *Idem*, p. 50.

ser caricaturado na imprensa como um verdadeiro espetáculo¹³⁸. A entrada nos cinemas era tão violenta - fazia-se ao soco – que o articulista de pseudónimo João Ninguém comenta ironicamente que seria necessário fazer o seu testamento antes de ir ao cinema¹³⁹, uma imagem já utilizada por Kotnay. A incivilidade dos espectadores portuenses também se fazia sentir durante as representações teatrais, como refere o periódico *Pontas de Fogo* no ano de 1915: “Às vêses a sala do hoje nosso primeiro teatro parecerá uma praça de toiros, uma *crèche* de infância ou um sanatório de tuberculosos, mas nunca a sala dum teatro da segunda capital do país”¹⁴⁰. Dois anos depois, nesse mesmo periódico, o *editor* de *JBZP*, Higino Assunção, sob o pseudónimo Carlos Luz, condena o comportamento rude de algumas pessoas que arremessam vegetais para o palco no final das peças¹⁴¹. Há assim um diálogo intertextual entre os temas dos artigos de opinião na imprensa portuense e os temas do livro de Kotnay.

O autor confessa que compara a personalidade dos dois povos para “mais fácilmente se aquilatar da divergência que existe entre o cidadão Zé Povinho e Master John Bull”¹⁴². A fleuma e a civilidade dos britânicos que se chocam perante a indisciplina e a grosseria dos portugueses¹⁴³, podem por vezes atingir cúmulo de amabilidade, de tal modo que, como ironiza o autor através de caricatura, “não seria totalmente inverosímil que um sujeito agradeça a um gatuno pela amabilidade de o ter despojado dos seus haveres”¹⁴⁴.

Quando, na página 52, o autor assinala a afabilidade dos portugueses, à primeira vista parece estar a apontar uma qualidade. No entanto, está apenas a chamar a atenção para outra característica negativa do temperamento luso: a sua incoerência. Considerar que “uma observação superficial concederia a êste povo fôros de muito cortês”¹⁴⁵ comprova que Kotnay crê que o Zé Povinho não é de todo gentil, e que o autor procura provar ao leitor a sua teoria registando a tendência do Zé para o pugilato quando recebe algum encontrão. A própria linguagem corporal e gestual é utilizada como forma de expressão de desprezo e também de prazer, pelo que Kotnay alude à falta de cortesia ao referir que os portugueses só cedem a passagem ou o lugar nos transportes públicos a raparigas jovens e

¹³⁸ Jorge Colaço, “Concertos Populares à Portuguesa”, *Os Ridículos*, nº 730, 21-09-1912, p. 1 (cf. anexo 25).

¹³⁹ “Coisas Nossas”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 2, nº 4, ano 5, nº 20, 31-05-1919, p. 2.

¹⁴⁰ Tristão Amêno, “O Meu Modo de Vêr”, *Pontas de Fogo*, ano 1, nº 16, 15-05-1915, p. 2 (cf. anexo 26).

¹⁴¹ Carlos Luz, “Carvões Incandescentes”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 102, 10-02-1917, p. 3.

¹⁴² *Op. cit.*, p. 29.

¹⁴³ As classes baixas, as mulheres, os jovens (*idem*, pp. 51-55) e os funcionários públicos (*idem*, pp. 62, 340-341) são o alvo principal destas críticas.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 59.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 54.

bonitas, ao contrário dos britânicos que diariamente demonstram a sua civilidade para com todos.

O heterónimo faz questão de destoar dos outros expatriados e viajantes britânicos por associar à prestabilidade e à simpatia dos portugueses objectivos interesseiros e trilha o caminho da excessiva negatividade. A descrição caricatural do hábito luso de recorrer ao peditório serve o objectivo retórico de prevenir os incautos da corrupção que grassa no país¹⁴⁶. A aparente amabilidade dos funcionários públicos e outros portugueses é igualmente apontada como uma forma de manipulação para apelar à recompensa do zelo profissional. Cumpre neste âmbito mencionar a irónica descrição da “evolução da tática que usavam as interessantes telefonistas portuenses”¹⁴⁷. Não deixa de ser curiosa a semelhança entre as opiniões de Kotnay e de Silva Gay sobre esse mesmo assunto, que este último revela num artigo de *O Radium*¹⁴⁸. Por seu turno, também o jornal *A Montanha* não resistiu à tentação de satirizar a conduta das telefonistas: “Trim, trim, trim, Trim, trim, trim, trim, trim, trim / Que numero? / Oh, menina, estou aqui há meia hora a dar à manivela! / E que tenho eu com isso? Diga o numero que quere. / E esta, hein! / Em face disto... desistimos. Tivemos medo”¹⁴⁹. A relevância dada a este assunto pelos periódicos sugere que o limitado brio profissional das mesmas era de conhecimento geral e afectava a população em geral.

Outro aspecto apontado e criticado por Kotnay em relação aos empregados do Estado é a sua notória agressividade, que ele próprio testemunhou¹⁵⁰. Silva Gay confessa o seu espanto no *Pontas de Fogo* face à passividade do português, normalmente irascível perante o comportamento grosseiro do funcionário público¹⁵¹.

JBZP apresenta opiniões e juízos de valor altamente desfavoráveis relativamente a Portugal, expressos num registo sarcástico. A informação ampla sobre os usos e costumes portugueses é filtrada com base na ironia. Depois de descrever a predisposição lusa para a

¹⁴⁶ Antes de 1910, Martin Hume já notara esse veneno que afectava Portugal - a corrupção: “Notwithstanding the corruption in political and public life” (Martin Hume; H. Morse Stephens, *Portugal*, 1908, p. xix). Para Aubrey Bell, a pedinchice daqueles que, pertencentes à classe média ou alta, mendigavam favores era tão degradante e lamentável como a dos pobres. Este britânico afirma, incisivamente, que o sucesso de um político depende da quantidade de favores concedidos (*Portugal of the Portuguese*, p. 57).

¹⁴⁷ *Op. cit.*, p. 339.

¹⁴⁸ Silva Gay, excerto retirado de “Pontas de fogo. Um País Ideal. Telefones”, *O Radium*, ano 1, nº 35, 24-11-1918, p. 2 (cf. anexo 27).

¹⁴⁹ Anónimo, “Meninas dos Telefones”, *A Montanha*, ano 9, nº 2538, 10-05-1919, p. 1.

¹⁵⁰ *Op. cit.*, pp. 62-64, 340-341.

¹⁵¹ “Pontas de Fogo. Um País Ideal. Caminhos de Ferro. I”, *Pontas de Fogo: Continuação de O Radium*, ano 1, nº 43, ano 4, nº 7, 2ª série, 18-01-1919, p. 1.

diversão, para a música popular e para o fogo-de-artifício¹⁵², que se traduz nas numerosas festividades sem as quais “se extinguiria a alma do Zé”¹⁵³, o autor não compreende o gosto pelo ruído ensurdecedor e por alguns elementos decorativos populares.

A menção a alguns feriados tradicionais visa apontar aquilo que Kotnay caracteriza como exagerado e anómalo:

No Natal celebram a véspera com tremendas libações e ceias pantagruélicas, e é a noite da bebedeira geral, em que a família e os servos se podem emborrachar em comum. Não comem carne nesse dia porque é *pecado* e no *Christmas day* enfartam-se dela para compensar.

Na noite de 31 de Dezembro fazem infernal ruído na despedida do ano e, para aclamar o Novo, emborcam vinho até vomitar, como se quizessem presagiar fartura.

Na *Semana Santa* vestem-se de preto pelo *Nosso Pai* que morre todos os anos à mesma hora, e quando ressuscita comem pão de ló com vinho fino [...]

Nas festas de Santo António, S. João e S. Pedro constroem nas ruas pequenas cascatas com exóticas figuras de barro, atormentam os cidadãos com incessantes estampidos de bombas, e o rapazio importuna-nos a pedir dinheiro para os santos¹⁵⁴.

Kotnay refere costumes lusos copiados dos britânicos¹⁵⁵, como o desporto, e afirma que o gosto pelo exercício físico não faz parte da nossa cultura, que carece de disposição “para o aperfeiçoamento, para a prática dos bons costumes”¹⁵⁶, com alguma razão no que diz respeito à classe burguesa, uma vez que a operária não tinha tempo de lazer¹⁵⁷. O autor critica o desinteresse dos portugueses pelo desporto, a falta de percepção de que a prática do mesmo desvia os jovens do ócio e do vício, bem como a indiferença que votam aos

¹⁵² Agnes Goodall, *op. cit.*, p. 28, registou a preferência dos portugueses pela música e pela dança, e W. H. Koebel, *Portugal, Its Land and People*, 1909, p. 82, apercebeu-se também da devoção do luso ao fogo-de-artifício.

¹⁵³ *Op. cit.*, p. 235.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 236.

¹⁵⁵ Kotnay refere, a título de exemplo, a imitação das modas inglesa e francesa (*idem*, pp. 31-32), o desporto e o método comercial inglês (*idem*, pp. 227, 350). Também Ramalho Ortigão registou em *As Farpas* (pp. 63-64) a tendência portuguesa para a imitação dos costumes britânicos e franceses: “Nós governamo-nos à inglesa, vestimo-nos à inglesa, alimentamo-nos à inglesa. [...] Sacrificamos à anglomania interesses valiosos. [...] No ponto de vista comercial, no ponto de vista industrial, no ponto de vista moral, o inglês representa o nosso modelo, o nosso guia, a nossa aspiração, o tipo ideal da actividade mercantil, da boa fé dos contratos, da lisura e da honra comercial. [...] É pelos livros franceses, pelos jornais franceses, pelas revistas francesas que nós nos educamos, que nos achamos em contacto com o progresso e com a civilização”.

¹⁵⁶ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 284. Agnes Goodall, *op. cit.*, p. 23, identificou a mesma falta de apetência para o desporto: “In Lisbon the young fellows play football and tennis, which they have taken from the English; but the Portuguese people are not naturally given to playing games”. Ideia contrária é apresentada por Aubrey Bell: “Perhaps the greatest surprise of the Englishman visiting Portugal, especially if he comes from Spain, where he may have imbibed the false notion that the Portuguese are an enervated and decadent people, is to find that a considerable and ever-growing number of Portuguese take part and interest in sports and games [...] (*Portugal of the Portuguese*, p. 55).

¹⁵⁷ Agnes Goodall, *op. cit.*, p. 52 e W. H. Koebel, *op. cit.*, p. 398, constataram que muitos trabalhadores, especialmente no campo, trabalhavam de sol a sol, não havendo, assim, como indica a primeira autora, disposição ou tempo para actividades de lazer: “By the time work is over, the tired peasants can often have but little heart left for fun or frolic”.

bons atletas. Silva Gay¹⁵⁸ teceu críticas idênticas sobre a apatia no mundo desportivo, a incompreensão do verdadeiro objectivo do desporto e do seu papel moralizador na juventude, criticando o esquecimento a que atletas outrora gloriosos haviam sido votados¹⁵⁹.

Embora Kotnay, tal como Silva Gay¹⁶⁰, destaque a superioridade dos desportistas de Lisboa face aos portuenses, o heterónimo elenca apenas estes últimos, particularmente José Barreto, a quem dirige prolongados elogios e distingue-o como professor distinto e proficiente¹⁶¹. Silva Gay emite opinião semelhante sobre o ginasta portuense, de quem se declara amigo, descrevendo-o igualmente como professor competente, de carácter louvável¹⁶².

Kotnay¹⁶³ e Silva Gay¹⁶⁴ manifestam a sua desilusão com o desporto português, nomeadamente com o futebol. O primeiro autor caricatura-o como um passatempo interessante praticado apenas por solteiros para “mostrar à namorada a sua elegância interior”¹⁶⁵ e o segundo define-o como uma caricatura da modalidade importada de Inglaterra¹⁶⁶, manifestando o seu espanto perante a inércia dos ginastas lusos, não obstante o esforço de José Barreto, detentor de louváveis capacidades pedagógicas e motivacionais. Em relação à natação¹⁶⁷, ao pólo aquático¹⁶⁸ e à luta greco-romana¹⁶⁹, o jornalista revela a negligência consagrada a estes desportos. Este articulista exalta os exemplos britânico e americano, onde os poderes públicos se preocupam com a educação das crianças e dos jovens, e apela ao envio de ministros e pretendentes ao poder para os Estados Unidos da América e para Inglaterra¹⁷⁰. Assim, Silva Gay declara abertamente a superioridade anglófona no que diz respeito à educação física.

¹⁵⁸ “Página Desportiva. O Desporto na Vida”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 103, 17-02-1917, p. 4 (cf. anexo 28).

¹⁵⁹ “Sport. Pesos e Altéres”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 22, 24-06-1916, p. 4.

¹⁶⁰ “Sport. Water-Polo”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 33, 09-09-1916, p. 4, e “Sport”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 32, 02-09-1916, p. 3.

¹⁶¹ *Op. cit.*, p. 284.

¹⁶² “Sport”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 20, 10-06-1916, p. 3.

¹⁶³ *Op. cit.*, pp. 279-280.

¹⁶⁴ “Sport”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 20, 10-06-1916, p. 3; “Página Desportiva. O Desporto na Vida”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 103, 17-02-1917, p. 4; “Página Desportiva. O Desporto na Vida”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 104, 24-02-1917, p. 4.

¹⁶⁵ *Op. cit.*, pp. 275.

¹⁶⁶ “Sport”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 20, 10-06-1916, p. 3.

¹⁶⁷ “Sport. Natação”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 33, 09-09-1916, p. 4: “[...] este Sport que poucos cultivam como o devera ser”.

¹⁶⁸ “Página Desportiva. Water-Polo”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 41, 04-11-1916, p. 4.

¹⁶⁹ “Página Desportiva. Luta Greco-Romana”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 41, 04-11-1916, p. 4. Kotnay, *op. cit.*, p. 278, aponta também a fraca atenção dispensada à luta greco-romana.

¹⁷⁰ “Página Desportiva. O Desporto na Vida”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 104, 24-02-1917, p. 4.

No capítulo “Sport”, Kotnay critica a rejeição do termo inglês *football* por um jornal lisbonense e o seu aportuguesamento. No periódico *Pontas de Fogo*, o jornalista Sílvio transcreve esse mesmo excerto de *JBZP*¹⁷¹ e, numa análise emotiva, concorda com Kotnay. Os dois críticos acusam os jornalistas de não serem coerentes quando rejeitam o anglicismo *football* e mantêm outros, e Sílvio, num artigo posterior, retoma o mesmo assunto que, segundo ele, tanto irritara o seu “querido Kotnay”¹⁷².

O heterónimo identifica e critica os costumes e hábitos portugueses que lhe parecem mais “estranhos [...] incoerentes [...] tolos, [...] parvos [...], de significação absurda”¹⁷³, adjectivados como “exóticos”¹⁷⁴, estratégia que sublinha o carácter pitoresco do país do Sul da Europa. Assim, o autor ridiculariza o ritual que envolve o funeral e o casamento, a tendência portuguesa para manter aparências¹⁷⁵, bem como as superstições. Curioso, para Kotnay, é o facto de os lusos desconhecerem o significado de alguns desses costumes pitorescos e “tolos da gente bronca”¹⁷⁶, caracterização que justifica a caricatura desse povo. A narração deveras exagerada da consequência em não seguir a convenção social relativamente ao hábito luso de oferecer comida e esperar a recusa a esse mesmo convite visa intensificar a imagem do português como estranho e peculiar¹⁷⁷.

Outro aspecto considerado pitoresco pelo autor é a desmedida conduta sensual dos lusos, especialmente a das adolescentes para espanto do primeiro¹⁷⁸. No entanto, este declara-se imune às investidas das portuguesas, apesar de ter sentido que correu perigo de se deixar apaixonar em Portugal. Por sua vez, o jornalista Silva Gay publicou o artigo “*Flirt*”¹⁷⁹, no qual reconhece a importância do *flirt* no quotidiano português. Tal como em relação a outras temáticas, Gay partilha das opiniões de Kotnay e revela indiferença e cepticismo quanto ao namoro e ao casamento, apelida de pitorescos os portugueses pelo modo como exibem a sua paixão e alude ao facto de o ritualismo dos namoros demorados

¹⁷¹ Sílvio, “Crónica Londrina”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 14, 29-04-1916, p. 3 (cf. anexo 2). Cf. A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 277-278.

¹⁷² *Idem*, “Crónica Londrina”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 16, 13-05-1916, p. 3 (cf. anexo 29).

¹⁷³ *Op. cit.*, p. 323.

¹⁷⁴ *Idem*, p. 337.

¹⁷⁵ O jornal *A Montanha* também se incomoda com o costume luso de se aparentar o que não se tem (U.R., “Diário de Lisboa. As Aparências”, *A Montanha*, ano 2, nº 460, 25-08-1912, p. 1).

¹⁷⁶ *Op. cit.*, p. 323.

¹⁷⁷ *Idem*, pp. 60-62. Esse hábito também é referido por W. H. Koebel, *op. cit.*, p. 107.

¹⁷⁸ A sensualidade e o desenvolvimento precoce das raparigas lisboetas também foram alvo de notícia em 1913: “Repare-se melhor, e aqueles olhos cheios de inteligência, aquele rosto cheio de malícia são de uma pequenota de 12 ou 13 anos, já toda espartilhada, toda à moda, toda *coquette*, a fingir-se senhora [...]. Os seus movimentos, os seus olhares, a sua própria conversa parecem de uma mulher feita” (U.R., “Diário de Lisboa. Senhoras de saia curta”, *A Montanha*, ano 3, nº 636, 22-03-1913, p. 1).

¹⁷⁹ *O Radium*, ano 1, nº 26, 05-09-1918, p. 1 (cf. anexo 30).

não levar necessariamente a um profundo conhecimento do futuro cônjuge, como o casamento prova mais tarde.

As observações críticas, que se centram sobretudo nos aspectos negativos, são por vezes atenuadas por referências a alguns acontecimentos ou facetas positivas, como é o caso do elogio à paisagem natural, ao clima, à mulher, aos alfaiates, à elegância de traje das costureiras lusas¹⁸⁰ e ao fado.

Quer Kotnay, quer Gay elogiam os alfaiates: o primeiro aprecia a perícia dessa classe, capaz de melhorar a figura deselegante e deformada de alguns cavalheiros obesos¹⁸¹, e caricaturou a situação afirmando que sem o talento dos *tailleurs*, os portugueses pareciam chimpanzés¹⁸²; o segundo, tal como Kotnay, reconheceu-lhes o poder de aperfeiçoar o Homem e o conseqüente direito de serem venerados¹⁸³. A analogia de ideias entre os dois autores torna assim claro que Gay ter-se-á servido do heterónimo Kotnay para adjectivar certos portugueses como “imbecilóides”, “pilecas” e “chimpanzés”¹⁸⁴.

A discussão do papel da mulher na sociedade lusa também é semelhante nos textos de Kotnay¹⁸⁵ e de Gay¹⁸⁶. Ambos defendem os direitos e liberdades da mulher e negam a sua inferioridade ao desconstruir o estereótipo feminino que era tão comum. Em nome da verdade, Kotnay não se abstém de dirigir invectivas ao seu próprio género e, como prova da reprovação do jugo despótico a que a mulher é submetida e do seu apreço pelo belo sexo, presenteia as mulheres-leitoras com conselhos úteis:

A mulher devia aproveitar-se da sua preponderância sôbre o sexo forte e fazer valer os direitos do seu sexo. Devia tornar-se independente e não consentir que o homem a dominasse. Enquanto se submeter a êle a sua supremacia não lhe será assegurada. O homem tem até aqui abusado da superioridade que lhe dá a força física, mas quando a mulher lhe negar a sua cooperação na obra do Progresso, êle terá que dar a mão à palmatória e consolidar-lhe o valor. Ouvi gentis filhas de Eva: não confieis no homem. Êle é um falso. Escravo quando precisa de vós, patrão e tirano

¹⁸⁰ A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 35-37. As costureiras do Porto foram também elogiadas num jornal da cidade: “A costureira portuense abandonou o chinellino de liga e o classico chale que colocava em bico [...] Hoje percorrendo as ruas [...] vêmos a costureira metamorfoseada numa galante senhora, com chapéu de plumas cáras, vestida pelo figurino mais recente e impertigada, assim, com um ar originado pelo asseio [...]. Há mulheres nésta classe, tão bonitas e que se apresentam num rigôr de luxo, que em só as distingo ouvido-as falar, pois, infelizmente ainda transparece nélas a falta de estudo e educação” (Armando Pimentel, “Aspectos da Vida Portuense. A Costureira”, *Vida Môça*, ano 1, nº 45, 11-08-1917, p. 2).

¹⁸¹ *Op. cit.*, p. 31.

¹⁸² *Idem*, p. 281.

¹⁸³ “Pontas de Fogo. Um País Ideal. Alfaiates”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 41, ano 4, nº 5, 2ª série, 04-01-1919, p. 1 (cf. anexo 31).

¹⁸⁴ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 281.

¹⁸⁵ *Idem*, pp. 238-239.

¹⁸⁶ “Pontas de Fogo. Sexos”, *O Radium*, ano 1, nº 25, 29-08-1918, p. 1 (cf. anexo 32).

depois. E vós ingénuas criaturas, anjos meigos e dulcificadores da nossa peregrinação, ainda vos rendeis ao seu domínio despótico. Emancipai-vos, doces suavizadoras da Vida [...]”¹⁸⁷.

O repúdio pela idealização da mulher antes do casamento e pelo seu súbito rebaixamento depois do enlace constitui outro ponto de paralelismo entre Kotnay, Gay e ainda Rafael Bordalo Pinheiro¹⁸⁸. Gay não poderia estar mais de acordo com o primeiro quando define o casamento como o “*consumatum* da perfidia”¹⁸⁹, ou seja, o momento em que o homem retira a máscara da adoração e revela a sua essência egoísta. Ambos demonstram não ser apologistas do casamento¹⁹⁰.

Segundo Kotnay, os portugueses precipitam-se para a ruína do matrimónio ao agirem por impulso carnal e por namorarem à distância e, logo, casarem com uma projecção, ao contrário dos britânicos, cuja fleuma, reserva e racionalismo não os deixam perder tempo “com essas pantominas”¹⁹¹ nem permitem que a escolha da parceira seja feita de modo leviano e impulsivo pois o seu pragmatismo impera sempre. Aliás, o casamento sem afeição entre dois anglo-saxões é natural. A lei do divórcio, implementada pelo Governo Provisório, em 3 de Novembro de 1910, foi elogiada por Kotnay por aliviar o inferno matrimonial de algumas mulheres. Um artigo de Carlos Pinho corrobora a visão de Kotnay sobre o binómio namoro/casamento em Portugal ao referir o pouco contacto entre os namorados, a rapidez com que se fazem matrimónios destituídos de prévio aconselhamento sobre as responsabilidades que os mesmos acarretam, e a falta de advertência das mães de que “uma paixão passageira não deve ser tomada por amor verdadeiro, e que amor que não tenha por base mútuo respeito, não pode servir de fundamento á felicidade conjugal”. O jornalista menciona ainda o facto de o casamento ser muitas vezes uma estratégia económica que se traduz num ritual¹⁹².

Relativamente à situação da mulher portuguesa em *JBZP*, o autor manifesta solidariedade para com o direito de a mulher ser tratada condignamente, mesmo que seja prostituta, e apela à sua emancipação. Evidencia, no entanto, menos compreensão para com os métodos das sufragistas, apelidando-as de fanáticas e exaltadas.

Embora a identificação da identidade nacional portuguesa pareça maioritariamente homogénea, verificamos que tal não sucede quando o texto se refere à elite portuguesa.

¹⁸⁷ A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 238-239.

¹⁸⁸ Rafael Bordalo Pinheiro, “O Tempora”, *Pontos nos ii*, nº 169, 09-08-1888, p. 662 (cf. anexo 33).

¹⁸⁹ Silva Gay, “Pontas de Fogo. Sexos”, *O Radium*, ano 1, nº 25, 29-08-1918, p. 1 (cf. anexo 32).

¹⁹⁰ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 289 e Silva Gay, “Pontas de Fogo. Sexos”, p. 1.

¹⁹¹ *Op. cit.*, p. 313.

¹⁹² Carlos Pinho, “Matrônas e Dónzelas”, *O Rival*, ano 1, nº 20, 01-02-1918, p. 3 (anexo 34).

Essa classe, à qual Kotnay atribui o dever de evidenciar bons exemplos, é apresentada como mais desonesta e libertina¹⁹³ do que as classes desfavorecidas, embora se comporte de forma mais civilizada. De acordo com o autor, o comportamento vergonhoso do povo impede-o de ser caracterizado de forma positiva: “Se não fôra o vergonhoso papel que a plebe representa na sociedade portuguesa, êste povo podia, a meu ver, passar pelo mais afável e gentil de todos. Seria essa a convicção que um forasteiro traria de Portugal, se lhe tivessem evitado o trato selvático das classes baixas”¹⁹⁴. As atitudes incivilizadas do povo também eram desprezadas pelas classes educadas portuguesas, para quem “visitar o povo era sempre cair dos céus”¹⁹⁵. Como podemos verificar através deste excerto, a crítica à realidade nacional por Kotnay apoia os objectivos didácticos do mesmo, que, a seu modo, pretende contribuir para a reforma da sociedade lusa, apontando-lhe as deficiências.

¹⁹³ *Op. cit.*, p. 237. A mesma crítica aparece no periódico português *O Rival* (Carlos Pinho, “Matrônas e Donzelas”, *O Rival*, 15-01-1918, n.º 19, p. 4).

¹⁹⁴ *Op. cit.*, p. 50.

¹⁹⁵ Rui Ramos, *op. cit.*, p. 90.

6. O OLHAR DE KOTNAY SOBRE A SITUAÇÃO POLÍTICA PORTUGUESA

Ao olhar atento de Albert Kotnay interessou igualmente a dimensão política do Portugal de então, temática de que nos ocupamos no presente capítulo. O autor analisa a vida política portuguesa e recorre a metáforas, principalmente zoológicas, para melhor caricaturá-la¹⁹⁶, e, ao compará-la com a dos outros países, qualifica-a como a mais perversa¹⁹⁷.

As visões de Kotnay¹⁹⁸ e Bordalo Pinheiro¹⁹⁹ sobre o quadro político vigente assumem também contornos semelhantes. Apesar de terem vivido sob regimes diferentes, denunciaram a carreira corrupta e muito ambicionada e retrataram os políticos portugueses como ambiciosos e sem ideais. Monárquicos convictos transformaram-se rapidamente em assumidos republicanos e os designados “adesivos”²⁰⁰ tornaram-se “os mais ferozes perseguidores dos seus antigos correligionários”²⁰¹. Utilizando a expressão coloquial “mudar a casaca”²⁰², Kotnay salienta a duplicidade de carácter dos chefes dos partidos e apresenta exemplos de excertos de discursos para o comprovar²⁰³. Esta crítica estende-se aos jornalistas, retratados como “camaleões”²⁰⁴ ainda mais nocivos devido ao poder devastador da palavra impressa. Estes últimos são igualmente denunciados como causadores de numerosos “actos de vandalismo e perseguições execráveis”²⁰⁵ por exacerbarem ódios, e Kotnay acusa-os de bajularem os poderosos e de enganarem os leitores com os seus artigos parciais. Nos estudos de Rui Ramos²⁰⁶ e Douglas Wheeler²⁰⁷ encontramos a validação da ideia de que quase todos os jornais seguiam uma linha política, com excepção do *Diário de Notícias*, *O Século* e *O Primeiro de Janeiro*, publicando opiniões e posições partidárias que primavam pela calúnia e pela desinformação pública.

¹⁹⁶ *Op. cit.*, p. 70.

¹⁹⁷ *Idem*, p. 71.

¹⁹⁸ *Idem*.

¹⁹⁹ “A Política”, *Pontos nos ii*, nº 148, 08-03-1888, pp. 492-493 (cf. anexo 35).

²⁰⁰ Esta curiosa e repentina “adesão” foi caricaturada em 1910 [Silva e Souza, “Adesivos”, *O Zé*, nº 6 (128), 06-12-1910, p. 1] e em 1911 [anónimo, “Antes e Depois”, *A Sátira: Revista Humorística de Caricaturas*, nº 1, 01-02-1911, p. 21 (cf. anexo 36)] e nos anos seguintes.

²⁰¹ Anónimo, “Um «Adesivo»”, *Liberdade*, ano 1, nº 126, 06-11-1914, p. 1.

²⁰² *Op. cit.*, p. 71.

²⁰³ *Idem*, pp. 260-263, 266-269. Como exemplo de políticos que “tinham a natural habilidade para serem o contrário do que faziam”, Rui Ramos, *op. cit.*, p. 486, refere que Afonso Costa tinha o “hábito de fazer uns discursos ‘socialistas’, a favor do povo trabalhador”, apesar de ser ele o “principal inimigo dos sindicatos e das greves”.

²⁰⁴ *Op. cit.*, p. 71; veja-se ainda a página 88.

²⁰⁵ *Idem*, p. 75.

²⁰⁶ *Op. cit.*, p. 50.

²⁰⁷ *Op. cit.*, p. 103.

De acordo com a imprensa de 1912, as expectativas geradas pela implantação da República em 1910 saíram goradas: a conduta corrupta da Monarquia manteve-se no novo regime, e a forma acesa e relativamente violenta que caracterizava os debates não se alterou²⁰⁸, pelo que Kotnay critica o caciquismo do anterior regime²⁰⁹ que ganhava as eleições “por meio das *chapeladas*, condimentadas pelo tradicional *mutton aux pommes de terre!*”²¹⁰. Esta expressão francesa refere-se ao hábito dos políticos corruptos oferecerem carneiro com batatas aos eleitores (subornados) após o acto eleitoral. Também Rafael Bordalo Pinheiro caricaturou este aliciamento e representou o Zé Povinho a revoltar-se contra o mesmo com o apoio da República²¹¹. De facto, como é sabido, durante a Monarquia a compra de votos fazia-se por meio de dinheiro, vinho e comida, sendo a refeição mais comum para o efeito o carneiro com batatas²¹².

Kotnay refere ainda que as estratégias eleitorais desonestas e fraudulentas continuaram a imperar na República: “Havia dantes caciques? Há-os ainda. [...] Faziam antigamente *chapeladas*? Hoje fazem-se leis de conveniências partidárias”²¹³. O caciquismo, que se manifestou sobretudo nas zonas rurais²¹⁴, persistiu no novo regime²¹⁵ e a oferta do carneiro com batatas manteve-se²¹⁶, pelo que não se assistiu a uma ruptura com o passado. O caciquismo clerical, muito predominante na Monarquia, também não cessou

²⁰⁸ V. S. Mascarenhas, “Antes e Depois”, *A Aurora*, série II, ano 2, nº 87, 24-03-1912, p. 1 e C. dos Santos, “Progresso!”, *A Aurora*, série II, ano 2, nº 97, 02-06-1912, p. 2. Sobre a conduta tumultuosa dos deputados e senadores no Governo, v. Douglas Wheeler, *op. cit.*, p. 117, e anónimo, “Em Todos os Tons. Sobe o Deficit”, *Diário do Norte*, ano 1, nº 119, 19-06-1913, p. 1.

²⁰⁹ *Op. cit.*, p. 70. O cacique era alguém com prestígio reconhecido que recrutava votos, como informa Rui Ramos, *op. cit.*, p. 120: “os homens que podiam mobilizar eleitores eram chamados «influentes» pelos amigos e «caciques» (chefes de índios) pelos inimigos”.

²¹⁰ *Op. cit.*, p. 71.

²¹¹ Rafael Bordalo Pinheiro, “As Eleições em Lisboa: Um Ponta-pé Magistral”, *O António Maria*, 1ª série, nº 266, 03-07-1884, p. 209 (cf. anexo 37).

²¹² Fernando Farelo Lopes, *Poder Político e Caciquismo na 1ª República Portuguesa*, 1993, p. 130.

²¹³ *Op. cit.*, p. 73.

²¹⁴ Fernando Farelo Lopes, *op. cit.*, p. 127.

²¹⁵ *Idem*, pp. 131 e 161. O mesmo facto é relatado pelo *Diário do Norte* que afirma, ao referir-se aos caciques, que “esta raça maldita não se extinguiu com o advento do novo regimen” (António Luís Gomes, “Caciquismo”, *Diário do Norte*, ano 1, nº 151, 27-07-1913, p. 1). O cacique era abominado na altura, escrevendo-se artigos contra ele: “O cacique eleitoral, em vespersas de eleições, pedindo votos, contrariando vontades, sacrificando consciências, destruindo ideais, obliterando crenças, deturpando a verdade e desvirtuando sentimentos puros, é a personificação exacta da mentira, o pérfido executor da traição. Esses políticos que por aí batem às portas, sem corarem de vergonha, hediondos e repulsivos, não teem por objectivo, a felicidade redentora da humanidade inteira. Uma coisa os domina: é a reabilitação do seu prestígio abalado, debilmente assente num alicerce falso, só constituído de ganacias infamantes, de falsidades desmedidas e de relaxações demolidoras” (Borges Carneiro, “O Cacique Eleitoral”, *A Verdade: Quinzenário Independente*, Aveiro, ano 1, nº 3, 16-11-1913, p. 1).

²¹⁶ Fernando Farelo Lopes, *op. cit.*, p. 131.

na I República, embora a sua influência se fizesse sentir em menor escala²¹⁷, devido, em parte, ao fim da realização de actos eleitorais nas igrejas, costume criticado por Kotnay²¹⁸.

Além da fraude, os métodos coercivos também abundavam no processo eleitoral e eram, obviamente, fruto da instabilidade e da irascibilidade; daí que as eleições mais participadas da República fossem também as mais fraudulentas²¹⁹.

A crise económica que antes se fizera sentir também não desaparecera, tendo-se agravado, como informa humoristicamente o autor através da temática da emigração: “Dantes fugia-se para o Brasil, porque isto estava mau? Pois agora vâa-se”²²⁰. Comparativamente a 1908, a emigração duplicou em 1912²²¹. Os problemas do *déficit* financeiro e da consequente agitação social, nomeadamente as greves, transitaram também para o novo regime²²², e entre 1910 e 1911 ocorreram 247 greves²²³. Kotnay alerta-nos para o facto de a promessa republicana de uma política igualitária e fraternal não ser cumprida, dando, pelo contrário, lugar à convulsão social²²⁴. Vivia-se um clima de intensa violência, perpetrada pelos políticos mais radicais e pelo povo que encontrava nela a forma de expressar o seu descontentamento. A forte repressão política das manifestações populares desmentia as ‘verdades’ republicanas, ou seja, em vez da liberdade, da igualdade e da fraternidade prometidas, o povo recebia prisão, morte e desigualdade²²⁵. A violência popular é compreendida por Kotnay como o resultado da deficiente instrução, atribuindo a culpa desta situação ao desdém que a Monarquia votara à instrução pública.

Os políticos mais radicais recorriam às bombas, também contradizendo os ideais igualitários e fraternais apregoados. Não fica claro se Kotnay responsabiliza a Carbonária pelos atentados homicidas, mas um conjunto de factores aponta nessa direcção: primeiro, o autor afirma que esses assassinos “se acoutam na política”²²⁶, por outro lado, num tom

²¹⁷ *Idem*, p. 30.

²¹⁸ *Op. cit.*, p. 92.

²¹⁹ Fernando Farelo Lopes, *op. cit.*, p. 159.

²²⁰ *Op. cit.*, p. 73.

²²¹ João Medina, “A Adesivagem ou a República Frustrada ao Nascer”, p. 82.

²²² Rui Ramos, *op. cit.*, p. 489, recorda a continuidade do movimento grevista no novo regime, e afirma que o clima de instabilidade já se verificava na Europa: “A onda de greves, a instabilidade dos gabinetes e o extremismo político foram gerais na Europa desta época” (*idem*, p. 489). V. nas pp. 490-491, a descrição sumária da instabilidade em alguns países europeus (Espanha, França, Alemanha e Grã-Bretanha). As greves eram ilegais na Monarquia mas foram legalizadas pelo Decreto-lei de 6 de Dezembro de 1910.

²²³ *Idem*, p. 448.

²²⁴ *Op. cit.*, p. 74, 83-84.

²²⁵ V. Stuart Carvalhais, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, *A Lanterna: Jornal Humorístico*, nº 11, 26-02-1912, p. 3 (cf. anexo 38). A este propósito, Rui Ramos, *op. cit.*, p. 460, declara que a República, num ano, prendeu cerca de 3500 suspeitos e levou 2000 ao exílio.

²²⁶ *Op. cit.*, p. 83.

humorístico, refere o perigo para quem não for filiado nessa “seita”²²⁷, e finalmente informa que essa sociedade secreta republicana, com tendências anarquistas²²⁸, apadrinhava a luta armada e utilizava bombas²²⁹.

Com o seu olhar crítico, o autor denuncia o desmoronar da esperança na mudança anunciada²³⁰ e num partido (Republicano) outrora aparentemente idóneo. A existência de um objectivo comum (derrubar a Monarquia) tornava os republicanos mais fortes, no entanto, a queda da Monarquia leva à sua desunião. A desilusão e o descontentamento do povo eram inevitáveis, pois as reformas políticas não produziram as mudanças desejadas, nomeadamente a solução da crise político-económica²³¹; daí que Kotnay refira a previsão da opinião pública coeva de que a ideologia republicana poderia sofrer um abalo no futuro, com o recrudescimento do sentimento monárquico. No entanto, a República ainda não corria tal risco, pois, como declara Kotnay, o povo mantinha firme a sua confiança na solução republicana e reprimia as manifestações monárquicas. Já os chefes dos partidos e governantes actuavam de modo incoerente pois não cumpriam as suas promessas²³², e a essa hipocrisia e falta de integridade moral compele o heterónimo a imputar-lhes o “estado caótico da política”²³³.

Kotnay²³⁴, Bordalo Pinheiro²³⁵ e os *media*²³⁶ caricaturaram a política como uma “grande porca” de onde todos bebiam ‘leite corrupto’ que poluía qualquer alma, não deixando incólume a reputação de ninguém, nem de heróis da República como Machado Santos²³⁷. Este dirigente da Carbonária, a quem se deveu o êxito da revolução que

²²⁷ *Idem*, p. 84.

²²⁸ Douglas Wheeler, *op. cit.*, p. 50.

²²⁹ Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 397 e 485.

²³⁰ Douglas Wheeler, *op. cit.*, p. 53, confirma que as massas urbanas esperavam que a República solucionasse os seus problemas, e César Oliveira, *op. cit.*, p. 72, atesta a morte dessa ilusão perante a “acção dos republicanos no poder”. A esperança de uma melhoria da conjuntura socio-económica e do desaparecimento da opressão, das “albardas” é caricaturada por Alfredo de Moraes no jornal *O Século* em 1910 [“As Albardas”, *O Século – Suplemento Ilustrado*, nº 681, 24-11-1910, p. 1 (cf. anexo 39)], e essa caricatura remete para as críticas de Bordalo à manipulação política de que o Zé Povinho era vítima (cf. anexos 19 e 20) e para a apatia deste último [Rafael Bordalo Pinheiro, “O Que É – É!”, *Pontos nos ii*, nº 185, 29-11-1888, p. 789 (cf. anexo 40)].

²³¹ Douglas Wheeler, *op. cit.*, pp. 80-81.

²³² *Idem*, p. 51, refere, por exemplo, a “falta de cumprimento das promessas” do Partido Republicano. Philip Gibbs, *Tragedy of Portugal*, 1914, p. 59, veicula a mesma ideia e culpabiliza a República pela agudização do estado da nação.

²³³ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 75.

²³⁴ *Idem*, p. 77.

²³⁵ “A Política: a Grande Porca”, *A Paródia*, nº 1, 17-01-1900, p. 1 (cf. anexo 41).

²³⁶ V. artigo intitulado “O Porto n’A Capital” de Simões de Castro: “Afora a politicsinha, assunto obrigatório de todas as cavaqueiras, [...] nada mais se depara ao desolado cronista que, não querendo meter-se nas picuinhas da Grande Porca” (*A Capital*, 8 de Janeiro de 1913, nº 878, p. 2).

²³⁷ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 77.

implantou a República, lutou sempre contra o Governo Provisório e particularmente contra Afonso Costa²³⁸. O rumo de Machado Santos é contraditório e paradoxal, pois de fundador da República passou a conspirador contra a mesma, não se coibindo de coligar-se com inimigos do regime e de apoiar as ditaduras de Pimenta de Castro e de Sidónio Pais²³⁹. O seu papel de defensor e servidor do regime sidonista rapidamente se inverteu para dar lugar à crítica do Governo que lhe tinha concedido cargos políticos importantes. Kotnay atribui a culpa da desvirtuação de carácter e da má reputação deste deputado à força corrupta que emana da política: “Se Machado dos Santos [...] não se tivesse emaranhado nas fraldas da Grande Porca, ainda hoje seria a personagem coroada pela *Vox populi* [...] Teria o seu nome intacto, o seu carácter ileso”²⁴⁰.

Ciente de que são as sociedades secretas que escolhem os nossos ministros²⁴¹ e manipulam a vida política, o autor prevê que enquanto isso acontecer Portugal não se desenvolverá²⁴². O facto de todos os chefes revolucionários de 5 de Outubro e do Partido Republicano pertencerem ao Grande Oriente Lusitano²⁴³ terá provavelmente determinado o aumento da percentagem de efectivos maçónicos que António Ventura afirma ter ocorrido em 1911²⁴⁴. A maioria dos filiados, com menos de 34 anos, procurava essas sociedades secretas para obter emprego ou prestígio²⁴⁵.

Em suma, Kotnay denuncia a corrupção generalizada e a prática da “cunha”²⁴⁶. Factor preponderante para o carácter tendencioso do poder judicial foi a elaboração de uma série de leis pouco claras promulgadas na República que pecavam, na opinião do autor, por favorecerem interesses específicos. Importa referir alguns exemplos apontados pelo crítico heterónimo²⁴⁷: as leis do descanso semanal obrigatório e da regulamentação do horário de

²³⁸ V. Rui Ramos, *op. cit.*, p. 437. Douglas Wheeler, *op. cit.*, p. 119, também comenta que Machado Santos se tornou o “inimigo mortal dos democráticos”. Segundo *O Comércio do Porto*, o herói da rotunda afastou-se do Partido Nacional Republicano por discordar da política económica do Governo (anónimo, “Machado Santos”, *O Comércio do Porto*, ano 65, nº 168, 18-07-1918, p. 2).

²³⁹ João Medina, *Portuguesismo(s) (Acerca da Identidade Nacional)*, 2006, pp. 275-279.

²⁴⁰ *Op. cit.*, p. 77.

²⁴¹ A. H. de Oliveira Marques confirma que “As sociedades secretas e semi-secretas e as associações religiosas proporcionaram o enquadramento para muita actividade política”. Acrescenta ainda que “Mais de metade dos ministérios da Primeira República foram presididos por maçons” (*op. cit.*, pp. 71 e 279, respectivamente).

²⁴² *Op. cit.*, p. 85.

²⁴³ Rui Ramos, *op. cit.*, p. 489.

²⁴⁴ António Ventura, “A Maçonaria e a República”, in João Medina (dir.), *História de Portugal*, p. 321.

²⁴⁵ Rui Ramos, *op. cit.*, p. 489.

²⁴⁶ *Op. cit.*, p. 78.

²⁴⁷ *Idem*, p. 92.

trabalho, instituídas em 1911²⁴⁸, a remodelação do sistema monetário, a lei de Serviço Militar Obrigatório e a Lei do Inquilinato²⁴⁹. O carácter dos juizes também é posto em causa, sendo estes retratados como permeáveis à corrupção²⁵⁰. Tal como o autor de que nos ocupamos, Silva Gay reprova a falta de honradez desses homens e refere que a “dignidade de Portugal é enxovalhada pelos *Juizes da Paz*, que o pretendem abandonar numa situação precaríssima”²⁵¹. Kotnay narra o caso de um juiz que, visando prejudicar um seu correligionário, fingiu ajudar o nosso heterónimo, não se importando depois com o prejuízo a este causado, pelo que deveria existir uma “tutagem inglesa nos negócios públicos de Portugal”²⁵². Neste respeito, *JBZP* distancia sempre os britânicos e a Grã-Bretanha da iniquidade política e moral portuguesa, colocando-os num patamar superior.

O autor abominava a política e sugere, sarcasticamente, que nos tribunais se deveria substituir a imagem da Justiça por uma figura negativa que simbolizasse a política. Propõe ainda: “[C]olocar-lhe nas mãos uma balança em um de cujos pratos deveria pôr-se uma Astréa, e no outro uma saca de Escudos, com o fiel a inclinar-se excessivamente para êste lado”²⁵³.

Kotnay também marcou posição contra a iniquidade e a anarquia políticas, que não cessaram com o novo regime²⁵⁴ e se traduziam muitas vezes em chacinas e ataques bombistas²⁵⁵. No período em questão abundaram manifestações populares violentas que se

²⁴⁸ A. H. de Oliveira Marques confirma a acusação de Kotnay com a informação de que as leis eram omissas nas multas a serem aplicadas aos seus infractores, o que prejudicava a observância das mesmas, especialmente na província, onde o patronato recusava abandonar a tradição da exploração dos operários (A. H. de Oliveira Marques, *História da Primeira República Portuguesa. As Estruturas de Base*, s/d., pp. 355-356). Em 1911, o jornal *A Montanha* alude à desobediência destas leis: “A policia communicou para juizo mais três transgressões ao regulamento do descanso semanal, ocorridas no domingo, sendo duas de estabelecimentos de bebidas e outra de mercearia” (anónimo, “O Descanso Semanal”, *A Montanha*, Porto, ano 1, nº 65, 16-05-1911, p. 1). Em 1919, estas transgressões ainda eram ocorriam e eram motivo de reportagem jornalística: “Pela União dos empregados de Comercio de Gaia foi participado para o Tribunal respectivo as transgressões contra a lei do descanso semanal por varios comerciantes daquela vila [...]” (anónimo, “Descanso Semanal”, *A Montanha*, Porto, ano 9, nº 2945, 17-09-1919, p.1).

²⁴⁹ A Lei do Inquilinato era ambígua e deu origem a diversas interpretações, dificultando a aplicação rigorosa. Esta lei foi recebida com desagrado quer pelos senhorios (anónimos, “Lei do Inquilinato” e “Vozes”, *O Debate*, Matosinhos, ano 2, nº 98, 18-12-1910, p. 1), quer pela população em geral (César Oliveira, *op. cit.*, pp. 75-76).

²⁵⁰ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 79.

²⁵¹ “Pontas de Fogo. Um País Ideal”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 2, nº 3, ano 5, nº 19, 2ª série, 24-05-1919, p. 1.

²⁵² *Op. cit.*, p. 80.

²⁵³ *Idem*, p. 81.

²⁵⁴ Rui Ramos, *op. cit.*, p. 356, recorda-nos que antes da República já se vivia num clima de anarquia.

²⁵⁵ *Op. cit.*, p. 83. Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. 206, vinca que o ataque bombista ocorrido em 1913, quando decorria uma procissão em honra de Camões, se deveu a republicanos radicais.

intensificaram quando a Guarda Republicana tentou suprimi-las²⁵⁶. O autor adverte os leitores que a imagem exagerada da ‘selvajaria’ disseminada na Grã-Bretanha despertaria o dever ‘humanitário’ dessa nação com o fim de pôr cobro ao excesso do processo revolucionário, como já tinha feito noutros países²⁵⁷. No entanto o autor não refere, entre os factos divulgados além-fronteiras e que escandalizaram a Grã-Bretanha, a defesa por parte do *Morning Post* da necessidade da intervenção do governo britânico²⁵⁸ e a situação miserável de inúmeras pessoas suspeitas de conspiração monárquica sem qualquer prova ou julgamento²⁵⁹. O já citado estudo de Wheeler refere a recepção britânica de notícias sensacionalistas sobre Portugal divulgadas pela propaganda monárquica portuguesa²⁶⁰, bem como o efeito das mesmas, que fora previsto por Kotnay, a saber: uma campanha

²⁵⁶ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 84. O nosso autor compara os métodos violentos da Guarda Republicana aos da Guarda Municipal (*idem*, p. 73).

²⁵⁷ A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 81-82. Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. 254, assevera que, devido à anarquia vigente, as críticas estrangeiras eram legítimas e necessárias e representativas da hostilidade contra os carbonários e os democratas, e não contra Portugal como estes declaravam. Assegura-nos que a impressão estrangeira sobre Portugal e sobre os portugueses é positiva, excepto no que toca aos seus governantes.

²⁵⁸ “Há justamente um seculo que a intervenção britannica salvou Portugal dos exercitos de Napoleão. Hoje torna-se necessario que um governo britannico intervenha mais uma vez, se Portugal tiver de ser salvo da justiça republicana” (excerto de um artigo de *The Morning Post* sobre a injustiça praticada aos prisioneiros portugueses, traduzido pelo *Diário do Porto*, anónimo, “Cortes e Recortes”, Porto, ano 1, nº 30, 06-02-1912, p. 1).

²⁵⁹ Estes factos atraíram a atenção de observadores estrangeiros, embora o periódico *A Montanha* (anónimo, “A Inglaterra e os Presos Politicos em Portugal”, *A Montanha*, ano 2, nº 346, 13-04-1912, p. 1) desminta a notícia de que a Inglaterra “tenha alguma vez procurado saber da fórmula por que teem sido tratados em Portugal os presos politicos” e acusa a política monárquica de servir-se de “processos torpissimos...com o aplauso de certa imprensa republicana”. Porém, Aubrey Bell, *In Portugal*, pp. 9-10, espantou-se com o carácter contraditório dos portugueses: “it is difficult to reconcile their humaneness with the barbaric neglect of prisons and prisoners that has been so often noted in Portugal”. Em 1913, Philip Gibbs, num artigo publicado no *Daily Chronicle* e um ano depois no seu livro *The Tragedy of Portugal* (*op. cit.*, pp. 13-14), afirma o seguinte sobre as prisões portuguesas: “They are so overcrowded, and the numbers of prisoners are increasing so rapidly – after three years of Republican rule – that new gaols are being built for them hurriedly, [...] I found scores of men – lawyers, doctors, professors – who have been arrested during recent months by spies acting independently of the police, who have had no evidence produced against them, and who have not been brought to any trial. [...] I spoke with men who have been imprisoned for fifteen months without even being charged by a formal accusation. [...] I found prisoners who had been kept before trial for more than forty days in solitary confinement”. Porém, na página 71 o jornalista relata que a injustiça vivida pelos prisioneiros atormentava-os mais do que as condições lamentáveis das prisões. Aquando da publicação do artigo de Philip Gibbs, Kotnay encontrava-se em Londres, tendo assistido à indignação do seu amigo português Silva ao ler o referido artigo. O autor não indica o nome do jornalista, mas refere o título do artigo - “The Tragedy of Portugal” -, e transcreve a refutação irritada do seu amigo Silva, publicada em *Daily Chronicle*, a esse mesmo artigo britânico. Na sua resposta Silva recordou que o chicote e a pena capital ainda eram medidas adoptadas nas prisões inglesas e informou que a República realizara reformas nas prisões (A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 222-224). Em relação a estas reformas, Douglas Wheeler, *op. cit.*, p. 116, noticia o esquecimento dos humanitários estrangeiros que, em 1913-1914, não referem que o Governo português acabou por reformar as prisões e as condições dos presos.

²⁶⁰ *Op. cit.*, p. 116. O jornal *A Montanha* também menciona o mesmo: “O sr. Ernest Percy Ray, que há pouco nos visitou para se inteirar da nossa situação e que é secretário da Mocidade Liberal da Inglaterra, escreveu a um nosso amigo, mostrando viva simpatia pelo progresso da nossa Republica e garantindo que a grande maioria do povo inglês não se deixa iludir pelas noticias tendenciosas que para lá mandam constantemente os conspiradores monarquicos portugueses” (anónimo, “O Povo Inglês e a Republica Portuguesa”, *A Montanha*, ano 1, nº 203, 25-10-1911, p. 1).

filantrópica e humanitária que visava pressionar o governo português a libertar ou conceder amnistias aos prisioneiros políticos²⁶¹ e ponderava a intervenção em Portugal²⁶².

Como Philip Gibbs recorda, um dos pressupostos da aliança seria proteger Portugal de si próprio²⁶³. A Grã-Bretanha, atenta à experiência republicana portuguesa, e aproveitando-se das notícias monárquicas, sem averiguar a veracidade das mesmas²⁶⁴, e sob a capa de defensora dos direitos humanos, assumiu o papel de salvadora dos oprimidos²⁶⁵ e acabou por imiscuir-se nos assuntos lusos, tornando gritante a sua arrogância (disfarçada de espírito liberal) e, ao mesmo tempo, a fraqueza subserviente de Portugal, pois, como declara Philip Gibbs, graças à influência positiva dos protestos britânicos a situação dos presos políticos conheceu progressos²⁶⁶. Kotnay menciona a velha Aliança Luso-Britânica, cujos termos a maioria dos britânicos desconhece; o próprio heterónimo admite só ter tomado conhecimento deles em Portugal²⁶⁷. O desconhecimento ou o desinteresse dos britânicos pela aliança “continuou com a República proclamada em 1910”²⁶⁸ e são característicos de um povo que se considera superior e não revela nenhum interesse por uma nação aliada detentora de força política menor. Num tom arrogante, Kotnay enaltece o papel da sua pátria que considera primordial: “A minha Pátria, graças à sua política dos meus compatriotas, tem hoje o domínio moral sobre o mundo inteiro, e se não fôra a preponderância que ela exerce, metade da Europa seria absorvida pela outra metade”²⁶⁹. Como se depreende desta afirmação, o autor transmite a crença na superioridade da nação britânica - sem a qual, esclarece *JBZP*, muitos povos não seriam independentes - com o fim de enfatizar a incompetência da organização republicana e a frágil credibilidade externa de Portugal. O suposto imigrante não se coíbe de representar os diplomatas portugueses como inferiores e ignorantes em comparação com os britânicos

²⁶¹ Douglas Wheeler, *op. cit.*, pp. 114-115.

²⁶² *Idem*, p. 116. Esta suposta eminente ameaça é invalidada por Aubrey Bell: “although it has sometimes become the custom in Portugal for writers and speakers to belittle England on every possible occasion, there has never been any real or at least immediate thought of giving up the ancient alliance” (*Portugal of the Portuguese*, p. 216).

²⁶³ Philip Gibbs, *op. cit.*, pp. vii-viii: “for not only does England by ancient treaties guarantee and protect the Portuguese dominions, but according to a time-honoured precedent protects the nation even against tyranny within”.

²⁶⁴ Cf. Douglas Wheeler, *op. cit.*, pp. 116-117.

²⁶⁵ Segundo Philip Gibbs, *op. cit.*, p. 76, os prisioneiros políticos portugueses apelaram à Grã-Bretanha para os auxiliar.

²⁶⁶ *Idem*, p. 48.

²⁶⁷ *Op. cit.*, p. 82.

²⁶⁸ Edgar Prestage, *A Aliança Anglo-Portuguesa*, 1936, p. 37. Segundo um periódico lisboeta, a aliança inglesa só se tornara relevante após a República (anónimo, “A Aliança Inglesa”, *A Capital*, ano 7, nº 2256, 24-11-1916, p. 1).

²⁶⁹ *Op. cit.*, p. 82.

porque estes souberam lograr fama e glória para a sua pátria enquanto a incompetência política dos primeiros conseguiu que “Portugal se tornasse sensivelmente desconhecido a ponto de por cá [Inglaterra] o suporem uma província espanhola”²⁷⁰. No periódico *Pontas de Fogo*, podemos ler esta mesma ideia apresentada pelo suposto autor do nosso texto em estudo, Silva Gay: “Os leitores não ignoram que o nosso país passa lá fora por ser uma província espanhola”²⁷¹. Kotnay refere ainda que somente o regicídio, em 1908, e os atentados que se seguiram, contribuíram para que Portugal ganhasse maior notoriedade (como bárbaro) e deixasse de ser identificado como província espanhola²⁷². Aubrey Bell, reconhece que essa imagem inconveniente dos portugueses se desenvolveu na altura: “Since the murder of King Carlos and of the Crown Prince Luis Felipe [...1908] the limelight. [...] The Portuguese is, therefore, apt to be regarded less as a poetical dreamer, heir of the glories of the fifteenth and sixteenth centuries, than as a political schemer, with a pistol in one pocket and a bomb in another”²⁷³.

Embora admita que a nação lusa começou a declinar em 1580 com a perda da independência, o autor considera que a decadência de Portugal começa com a dinastia de Bragança, pois esta contribuiu para a diminuição de território e para o seu empobrecimento económico²⁷⁴; daí que a posição de Kotnay face ao regicídio seja a de alguém que encara com satisfação o castigo dos erros reais, embora lamente a perda de vidas.

JBZP refere que “a radiosidade [portuguesa]”²⁷⁵ pereceu sobretudo após o Ultimatum, não restando então “nem ouro nem dignidade”²⁷⁶. Rafael Bordalo Pinheiro satirizou e protestou contra essa falta de dignidade durante o Ultimatum²⁷⁷, enquanto caricaturou o tratamento humilhante que a Grã-Bretanha, personificada através do

²⁷⁰ *Idem*, p. 83.

²⁷¹ “Cinemas & Variedades”, *Pontas de Fogo: Continuação de O Radium*, ano 1, nº 41, ano 4, nº 5, 2ª série, 04-01-1919, p. 3.

²⁷² Cf. excerto de artigo jornalístico retirado de *A Sátira* (anónimo, “Basta de Elogios”, *A Sátira: Revista Humorística de Caricaturas*, nº 2, 01-03-1911, p. 7): “A sensação que a “Sátira” produziu no estrangeiro, aonde a republica levou, com os conselheiros foragidos, a novidade de que Portugal não pertencia á Hespanha, manifestou-se pelo numero de cartas [...]”.

²⁷³ Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. v.

²⁷⁴ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 83.

²⁷⁵ *Idem*, p. 142.

²⁷⁶ *Idem*. Philip Gibbs, *op. cit.*, p. 76, também afirma: “The people of Portugal are being governed by a devilish tyranny which is ruining the very soul and body of a nation which once played a noble part in history”.

²⁷⁷ “Novos Mandamentos do Brio Nacional”, *Pontos nos ii*, nº 267, 07-08-1890, p. 255 (cf. anexo 42).

arrogante e insensível John Bull, deu aos portugueses, em evidente desrespeito pela antiga Aliança²⁷⁸.

A cedência de Portugal em 1890 implicou a perda da influência e do estatuto coloniais lusos na África-Austral e despertou uma acérrima oposição interna ao rei D. Carlos²⁷⁹ e à nossa velha aliada, a quem os portugueses dedicaram sentimentos e artigos jornalísticos plenos de ódio e desprezo que o autor incluiu no seu texto, retirados do jornal *A República Portuguesa*²⁸⁰, para, num tom irónico, sublinhar a superioridade britânica:

Não tinha assinatura esta diatribe publicada na República Portuguesa, de 11 de Janeiro de 1891; todavia, eu ousou afirmar, com o conhecimento superficial que tenho da psicologia dos portugueses, que o mesmo articulista – se já não está glorificado no Olimpo – escreve actualmente extensas epístolas de acendrada adulação pela Inglaterra²⁸¹. Ou eu não te conhecesse, eminentíssimo escriba! [...] Gritem, pigmeus! O vosso clamor, assim como o vosso ódio não atingiria o gigante²⁸².

A anarquia política denunciada pelo autor era agravada pela efemeridade dos governos, que eram “tão constantes como o Tempo...em Londres”²⁸³, fenómeno que, como é sabido, se arrasta do século anterior²⁸⁴. Entre 1860 a 1897 o governo mudou 23 vezes e entre 1908 e 1910 houve seis governos²⁸⁵. Como refere Rui Ramos, não faz sentido culpar a República pela instabilidade política de então, mas sim a influência de Afonso Costa²⁸⁶, que detinha o monopólio do poder, factores que impediam a estabilidade do país e contribuía para o seu descrédito²⁸⁷. Mais uma vez, perante um fracasso da política republicana, Kotnay exalta a capacidade do Governo britânico se manter no poder apesar das crises²⁸⁸. A apologia do modelo político britânico é reforçada pela sugestão de um

²⁷⁸ “A Nossa Fiel Aliada”, *Pontos nos ii*, nº 241, 06-02-1890, pp. 44-45 (cf. anexo 43); “John Bull e Zé Pereira”, *Pontos nos ii*, nº 260, 19-06-1890, p. 196, e “O Biltre: O Que Elle Nos Faz!”, *Pontos nos ii*, nº 278, 23-10-1890, p. 344.

²⁷⁹ V. Gualter, “Ao Rei”, *A República Portuguesa*, nº 148, 31-01-1891.

²⁸⁰ Os excertos transcritos por Kotnay (*op. cit.*, pp. 270-274) aparecem em *A República Portuguesa*: anónimo, “Vil Inglaterra”, ano 1, nº 131, 11-01-1891, p. 1, João Chagas, “No País dos Cobardes”, ano 1, nº 97, 06-12-1890, p. 1, anónimo, “Abaixo a Aliança Inglesa!”, ano 1, nº 102, 11-12-1890, p. 1, Guedes de Oliveira, “11 de Janeiro”, ano 1, nº 131, 11-01-1891, p. 1 e anónimo, “Papel Indispensável”, ano 1, nº 102, 11-12-1890, p. 1.

²⁸¹ Douglas Wheeler, *op. cit.*, p. 74, legitima a opinião de Kotnay ao relatar que o programa do novo regime advogava uma aliança com a Grã-Bretanha, apesar de os republicanos terem clamado contra ela durante décadas.

²⁸² A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 270-273.

²⁸³ *Idem*, p. 93.

²⁸⁴ Rui Ramos, *op. cit.*, p. 489.

²⁸⁵ *Idem*, p. 489.

²⁸⁶ *Idem*, pp. 490-492. Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. 176, apelidou os ministros de Afonso Costa de marionetas.

²⁸⁷ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 85.

²⁸⁸ *Idem*, p. 85.

estágio na Inglaterra para estadistas e jornalistas portugueses²⁸⁹. O autor faz uso do heterónimo britânico para denunciar o atraso cultural que marcadamente distancia Portugal de outras civilizações europeias.

De todas as torpezas políticas censuradas por Kotnay, a pior, no seu entender, era a habilidade que os governantes tinham para incentivar lutas entre militares, visando somente defender os seus interesses governamentais²⁹⁰. Para redesenhar o panorama político, o autor apresenta como única solução um governo de homens íntegros: “Na mão dos homens impolutos é que está a sorte de Portugal”²⁹¹. Acresce registar que a corrupção observada pelo autor-imigrante permite-lhe comprovar o carácter burlesco da política nacional²⁹², caracterizada pela cobardia e fanfarronice:

[A]pareceram legiões de *republicanos históricos*, não se sabe de onde, a oferecer o corpo e a alma pela Pátria. Quando o sacrifício do corpo – porque a alma só aproveitava ao Diabo – era mais ou menos necessário, ninguém sabia para onde se tinham sumido os excelsos patriotas, que reapareciam quando já não cheirasse a *mostarda*. [...] Eu assisti a cenas que me fariam rir estrepitosamente se não fôra a *mise-en-scène* infundir um pouco de *prudência*²⁹³.

Muitos fizeram questão de reclamar uma longa actividade republicana antes de 1910 para granjear cargos influentes no aparelho de Estado²⁹⁴. Tanto Aubrey Bell²⁹⁵ como o autor de que nos ocupamos centram as suas críticas nos políticos demagogos e indiferentes à situação dos eleitores. No entanto, os referidos autores divergem em termos de paradigmas a adoptar: o primeiro, numa linha mais equilibrada, enaltece a diversidade da vida portuguesa, sugerindo uma atitude de maior orgulho nacional contra a influência

²⁸⁹ *Idem*, p. 93.

²⁹⁰ Cf. Douglas Wheeler, *op. cit.*, p. 114: “Os registos militares revelam, no entanto, que os monárquicos estavam, de facto, a organizar um pronunciamento militar com as tropas descontentes do Norte de Portugal, onde a sua causa tinha maior apoio. Os oficiais, porém, ficaram leais à República, e rapidamente desarmaram as unidades dissidentes perto de Viana do Castelo”. As forças armadas encontravam-se num estado caótico por nelas existirem sectores radicais e conservadores (A. H. de Oliveira Marques e João M. Gonçalves da Silva, *Contra-Revolução. Documentos para a História da Primeira República Portuguesa*, s/d, p. 84).

²⁹¹ *Op. cit.*, p. 77.

²⁹² *Idem*, p. 86.

²⁹³ *Idem*, p. 88-89.

²⁹⁴ “10% dos deputados de 1911 tinham conseguido um emprego na administração graças ao 5 de Outubro” (Rui Ramos, *op. cit.*, p. 477). Cf. excerto jornalístico retirado de *A Sátira* (Orlando, “Rotunda da Chalaça”, *A Sátira: Revista Humorística de Caricaturas*, nº 2, 01-03-1911, p. 16): “O sargento Gonzaga de artilharia provou no ‘Mundo’ que trabalhou imenso para a revolta de 5 de outubro e que nada lhe deram. Mas ó menino é precisamente isso o reconhecimento dos seus serviços. Os que não trabalhavam ou foram sempre uns thalassas de marca é que abicharam alguma cousa. Os outros ficaram com a glória!”. Machado Santos ironizou sobre a proliferação dos *heróis republicanos* mencionados por Kotnay: “Toda a gente esteve na Rotunda e se por acaso não foi nos dias 4 e 5 de Outubro, podia ter sido em qualquer outro dia. [...] Conhecemos esses revolucionários ... esses heróicos combatentes ... para a heroicidade ser completa só lhes faltou terem ... as pernas metralhadas” (Machado Santos, “Revolucionários ... para arranjam emprego”, *O Intransigente*, nº 20, 01-12-1910, p.1).

²⁹⁵ *Portugal of the Portuguese*, pp. 177-198.

política estrangeira; o segundo, numa atitude etnocêntrica, apresenta a Grã-Bretanha como paradigma cultural, religioso e político para Portugal. Acima de tudo, e obedecendo a uma lógica lusófila, Bell acredita em Portugal e nos portugueses, propondo soluções para o futuro do país²⁹⁶ e avançando uma previsão optimista para o mesmo: “she [Portugal] has not only a future but a great future”²⁹⁷.

Procurámos provar neste capítulo que as percepções de Kotnay sobre o quadro político nacional são verosímeis e fundamentadas na observação directa dos factos. No entanto, as suas opiniões distanciam-se amiúde do registo imparcial, veiculando uma vertente emotiva, e logo subjectiva, quando ao longo do capítulo apelida os políticos de “vermes”, “canalhas” e “fariseus”²⁹⁸. É esta também a opinião veiculada na recensão de *JBZP* em *A Capital*²⁹⁹, onde se conclui que a obra não merece qualquer crédito. Importa salientar que o *editor*, numa atitude pedagógica, entendeu não corrigir a rispidez do autor do texto de que nos ocupamos para ajudá-lo a concretizar melhor o seu objectivo: “apontar êrros para ser procurado o seu remédio”³⁰⁰. É esse efectivamente o objectivo da sátira, como indica a máxima latina “ridendo castigat mores”.

²⁹⁶ Medidas propostas por Aubrey Bell: o abandono da assimilação de costumes estrangeiros, valorizando os nacionais, a eliminação de extremistas políticos, descentralização, autonomia local, incentivo ao empreendedorismo e ao fim da dependência do Estado e a abolição dos partidos políticos, e a nível religioso (tema que iremos abordar no próximo capítulo), a revisão da Lei da Separação (*Idem*, pp. 239-243).

²⁹⁷ *Idem*, p. 238.

²⁹⁸ A. Kotnay, *op. cit.*, pp. 69, 71 e 87, respectivamente.

²⁹⁹ A. F., “John Bull Fala do Zé Povinho”, *A Capital*, ano 9, nº 3067, 22-03-1919, p. 1 (cf. anexo 18).

³⁰⁰ Anónimo [Editor], “Duas Palavras”, in A. Kotnay, *op. cit.*, s./p. [p. 8].

7. A RELIGIOSIDADE PORTUGUESA

Neste capítulo iremos abordar de que forma Kotnay representa a vida religiosa em Portugal, tema que se reveste de extrema importância para a compreensão de alguns aspectos da alma lusa, comentados de forma acutilante pelo autor. Como é sabido, a questão religiosa influencia e molda as características de um povo³⁰¹, e, no capítulo de *JBZP* intitulado “Religião” esta temática é alvo da atenção do autor que aproveita para criticar a teatralidade devocional dos portugueses, ou seja, a sua religiosidade supersticiosa e pagã, bem como a falta de dignidade do Clero.

Nessa medida, Kotnay condena a exagerada devoção para com o sacerdote católico devido à crença absurda na sua onipotência e na sua capacidade de redimir pecados. O autor denuncia igualmente o “paganismo”, a “heresia” e a “superstição” que se aliavam a algumas práticas do culto católico, e desaprova a superficialidade e truanice do ritual católico. O Catolicismo é retratado como uma religião manipuladora, plena de contradições, que espalha o ódio e em nome de Deus comete homicídios “cuja horribilidade nem os séculos conseguem dissipar”. Autocaracterizando-se como um autor informado, Kotnay expõe as atrocidades que ocorreram em diversos países europeus ao longo dos séculos, fruto do fanatismo religioso e perpetradas pelos ‘agentes’ de Deus, apelidados de “horda de assassinos”. O autor evidencia o seu conhecimento da História de Portugal ao referir-se a “um estadista Português que quis despedaçar de uma vez o jugo tirânico que os jesuítas exerciam em Portugal”³⁰², ou seja, Sebastião José de Carvalho e Melo, que, valendo-se da influência que exercia sobre D. José I e temendo a influência dos Jesuítas sobre o monarca, acusou-os de serem cúmplices no atentado de 1758 contra este último, e no ano seguinte publicou uma lei a decretar a expulsão dos Jesuítas de Portugal e das suas colónias. Como se sabe, Pombal imputou aos Jesuítas todos os insucessos nacionais³⁰³ e, por este motivo, fomentou uma campanha internacional antijesuítica que resultou na extinção universal da Companhia de Jesus em Julho de 1773, através da promulgação de uma bula de extinção pelo papa Clemente XIV.

³⁰¹ Segundo T. S. Eliot, *Notas para uma Definição de Cultura*, 1996, pp. 16, 30-31, 83, a cultura de um povo nunca está dissociada da religião, logo, para compreendermos a cultura de um povo, é forçoso compreender a história religiosa desse povo. Eliot vai mais longe e declara que o desaparecimento do cristianismo conduziria à extinção da cultura ocidental (*idem*, p. 143).

³⁰² *Op. cit.*, pp. 99 e 98, respectivamente.

³⁰³ J. Lúcio Azevedo, *O Marquês de Pombal e a Sua Época*, 1990, pp. 237-238.

Após a bula de restauração, em 1814, “os jesuítas atiraram-se de novo à conquista do mundo”³⁰⁴, mas em 1820 “os milhafres levaram outra *espantadela* que os fez bater as áas e acoutar-se pelos nichos”³⁰⁵. A “espantadela” dos Jesuítas refere-se à política de limitação do poder das Ordens Religiosas pelo Governo saído da revolução liberal de 1820.

Em Outubro de 1910, Afonso Costa, “o Marquês de Pombal moderno [,] deu no bando um golpe mais ardiloso do que o seu ascendente”³⁰⁶. Farto do Portugal jesuitizado e num registo de fidelidade ao ideário maçõ, “o mais querido e o mais odiado dos Portugueses”³⁰⁷ encerrou os conventos, nacionalizou os bens da Igreja e expulsou os Jesuítas de Portugal por considerá-los inimigos da religião e da República³⁰⁸. Um ano mais tarde, Afonso Costa decretou a lei da separação da Igreja do Estado, claramente influenciado pela adopção desta medida na França em 1905. O seu objectivo era cortar pela raiz o triplo poder (económico, político e psicológico) da Igreja que se mantinha fiel à Monarquia, mesmo depois de 1910³⁰⁹. Kotnay adverte que foram as atitudes imorais dos Jesuítas que desencadearam o que estes mais temiam³¹⁰. A previsão do autor [“ainda que o Doutor Afonso Costa morra breve [...] não vejo possibilidade dos bisnaus recuperarem o poleiro”³¹¹] não se concretizou e nem foi necessário esperar pela morte de Afonso Costa em 1937. O período do Sidonismo, a proclamada aparição de Fátima em 1917 e a Primeira Guerra Mundial contribuíram para acalmar o conflito religioso³¹² e em 1923 os Jesuítas (ou a “onda negra”³¹³) regressaram discretamente a Portugal, isto é, ao “poleiro”. O fim da Primeira República, em 1926, o início da Segunda, e o Estado Novo foram acontecimentos políticos favoráveis ao regresso dos padres da Companhia e ao amenizar da política antijesuítica.

Devido às medidas anti-clericais do Governo Provisório, que desprouveram à maior parte dos portugueses³¹⁴, a relação entre a Igreja e o Governo não foi pacífica, como nos

³⁰⁴ M. Borges Grainha, *O Portugal Jesuíta*, 1893, p. 63.

³⁰⁵ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 98.

³⁰⁶ *Idem.*

³⁰⁷ A. H. de Oliveira Marques, *Ensaio de História da I República Portuguesa*, 1988, p. 177.

³⁰⁸ *Idem.*, pp. 232-233.

³⁰⁹ Cf. A. H. de Oliveira Marques, *Afonso Costa*, 1975, p. 37.

³¹⁰ *Op. cit.*, p. 99.

³¹¹ *Idem.*, p. 98.

³¹² A. H. de Oliveira Marques, *A Primeira República Portuguesa (Para Uma Visão Estrutural)*, s/d, p. 74, afirma que a eclosão da Primeira Grande Guerra e a intervenção de Portugal no conflito facilitaram um renascimento da influência religiosa.

³¹³ Sampaio Bruno, *A Questão Religiosa*, 1907, p. 148.

³¹⁴ V. A. H. de Oliveira Marques, *A Primeira República Portuguesa, (Para Uma Visão Estrutural)*, p. 72, Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol. XII: *A Primeira República. História Diplomática*,

informa Kotnay³¹⁵, e a expulsão das Ordens Religiosas e a extinção dos feriados e do ensino religiosos revolta o Clero. Como já afirmámos, o Governo avançou com o processo de laicização do Estado e da sociedade e decretou a Lei da Separação que, como também refere Kotnay³¹⁶, significou o fim de regalias e da submissão do Estado à influência da Igreja. Todavia, o autor³¹⁷ não ignora o facto de que a reacção do Clero àquele decreto-lei não foi unânime, citando como exemplo a atribuição da pensão vitalícia aos ministros da Igreja Católica que despoletou atitudes contraditórias; esta foi bem aceite pela minoria que a recebeu (o que lhes valeu a suspensão e o repúdio da autoridade eclesiástica³¹⁸), mas repudiada pelos que se negavam a pertencer a um corpo de funcionários públicos.

A forma como Kotnay descreve a reacção favorável de um padre seu conhecido à lei em questão constitui uma caricatura aos interesses gananciosos do Clero. Com um olhar tendencioso e corrosivo, o nosso autor utiliza uma adjectivação com carga negativa para se referir aos padres católicos e aos Jesuítas³¹⁹ e afirma que estes aviltam o Evangelho. Albert Kotnay³²⁰ e Silva Gay³²¹ manifestam-se contra o celibato dos padres e esclarecem o leitor de que esta proibição não surge na Bíblia. Gay não reconhece aos sacerdotes estatuto moral para impôr regras aos fiéis e termina com a acusação de que os padres não têm fé: “Pois se nós viemos á Terra com instruções expressas de crescer e multiplicar, como quere o padre ditar leis aos seus semelhantes quando ele é que está fóra da lei; [...] ha sacerdotes que pregam o Evangelho sem crerem nele, que é o mesmo que não terem fé! [...]”³²². O autor censura ainda a hipocrisia, a falsidade religiosa e a imoralidade dos padres e dos Jesuítas, acusando-os de cederem às “tentações da Serpente”³²³ e de se intrometerem em questões políticas³²⁴, provando assim que não diferem dos outros homens.

Social, Económica e Cultural (1910-1926), 1993, p. 130, e Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. 66, que constata ironicamente que Afonso Costa acabou por ser uma mais-valia para os monárquicos.

³¹⁵ *Op. cit.*, p. 114.

³¹⁶ *Idem*, p. 112.

³¹⁷ *Idem*.

³¹⁸ No jornal *A Montanha* lemos que o padre Álvaro de Lucena Coutinho foi alvo de hostilidade dos outros padres por ter aceitado a pensão (anónimo, “Comentários. Padres Pensionistas”, *A Montanha*, ano 1, nº 303, 22-02-1912, p. 1). O mesmo periódico publica um artigo escrito por um padre que explica o motivo que o levou a aceitar a pensão, associando este acto a uma acção patriótica e à pobreza dos párocos (Padre António Augusto Sequeiora, “O Padre não É Digno de Dó”, *A Montanha*, ano 2, nº 486, 25-09-1912, p. 1).

³¹⁹ *V. infra*, n. rodapé 341.

³²⁰ *Op. cit.*, pp. 101-102.

³²¹ “A Santa Religião Católica”, *Pontas de Fogo*, ano 7, nº 16, 11-06-1921, p. 1 (cf. anexo 44).

³²² *Idem*.

³²³ A. Kotnay, *op. cit.*, p. 103.

³²⁴ Um periódico de ideais católicos da Primeira República considera ser um dever patriótico os padres interferirem na política (anónimo, “O Padre não deve metter-se na politica”, *Apostolo de Basto*, ano 1, nº 24, 05-08-1917, p.1). Sobre a ingerência dos sacerdotes na política, Rui Ramos comenta que “muitos padres

Silva Gay, que cremos ser o verdadeiro autor de *JBZP*, num registo semelhante ao de Kotnay, imputa as convulsões sociais da vida portuguesa à falta de dignidade e de moralidade dos padres, pois estes demonstravam comportamentos incoerentes com a doutrina da bondade cristã³²⁵. Tanto Gay como Kotnay denunciam e rejeitam as contradições flagrantes de quem deveria dar o exemplo e exhibir virtudes, e exprimem a ideia de que a vida religiosa do clero na Primeira República estava presa às aparências e era destituída de santidade. Kotnay assevera que somente uma ínfima percentagem dos católicos portugueses conhece a religião que professa³²⁶, facto que é corroborado por Sampaio Bruno³²⁷, e seguem-na apenas por uma questão de tradição, porque a herdaram de seus pais. Segundo Kotnay, o desconhecimento da Bíblia é directamente proporcional à obsessão e ao fanatismo que evidenciam³²⁸, sendo a religião católica apresentada como a raiz de muitos males nacionais.

As cerimónias religiosas são associadas ao paganismo para serem ridicularizadas, comparando Kotnay a adoração católica a cultos africanos. O autor critica severamente a celebração da missa em latim como uma “farsa”³²⁹ burlesca executada por sacerdotes que obrigam os devotos analfabetos a falar nessa língua: “Só de católicos!”³³⁰, exclama ao ridicularizar o ritualismo do culto católico:

[A]o entrar na igreja fingem lavar a cara numa pia de pedra [...] Depois, com uma modorra bocejante, prostram-se e executam uns tregeitos misteriosos, a seguir aos quais se quedam numa absorção extática. [...] Surge, então, o sacerdote seguido do seu acólito, aparamentados numa ridícula paródia à moda feminina em diversas saias de côres variegadas e alantejouladas. [...] Aproximei-me, por diversas vezes, o mais possível do *palco*, e, com grande pesar meu, não fui capaz de perceber uma palavra sequer [...]. De tempos a tempos os fiéis acompanham o tregeitar do padre, levantam-se, sentam-se, ajoelham-se e batem punhadas no peito como doidos scismáticos. Por fim, e a um sinal do sacerdote, retiram-se os devotos e vão à pia servir-se da água, que espargem à cara, e nós...ficamos perplexos ante tanta idiotice³³¹.

Kotnay discorre ainda sobre o baptismo dos católicos, considerando-o uma prática insensível, e critica os rituais melodramáticos que caracterizam os velórios e funerais, como por exemplo, as excessivas lamúrias e os gritos histéricos. O capítulo “Costumes-

levavam mais a sério seu papel de agentes do Governo e dos partidos políticos do que quaisquer outras funções divinas” (*op. cit.*, p. 357).

³²⁵ “Pontas de Fogo. Um País Ideal. Carácter”, *Pontas de Fogo, Continuação de O Radium*, ano 1, nº 46, ano 5, nº 10, 22-02-1919, p. 1 (cf. anexo 45).

³²⁶ *Op. cit.*, pp. 104-105.

³²⁷ *Op. cit.*, p. 160.

³²⁸ *Op. cit.*, p. 105.

³²⁹ *Idem.*

³³⁰ *Idem*, p. 107.

³³¹ *Idem*, pp. 106-108. Ana Calado, *op. cit.*, pp. 50-51, na sua tese de mestrado, também transcreve alguns excertos do texto de Kotnay como exemplificativos da cerimónia burlesca religiosa católica.

Hábitos” refere o costume da missa do 7º dia e descreve o velório, os prantos, e os discursos funerários. Por ocasião da morte do bispo do Porto, o jornalista Silva Gay, num artigo publicado em *O Radium*, expressa ideias semelhantes às de Kotnay e manifesta a sua indignação contra o espectáculo que rodeia as cerimónias fúnebres, colocando ainda uma questão irónica ao leitor: “os mortos que não tiverem esta espontânea manifestação de despedida não vão para o céu?”³³². Gay exprime a sua aversão às exibições ltuosas que apelida de farsa e satiriza a prática exagerada do luto³³³.

Retomando o tema da celebração eucarística, importa referir que Kotnay critica o ilógico e “pavoroso”³³⁴ dogma católico que assevera que as hóstias são na realidade o corpo de Jesus Cristo, desaprovando também o uso de imagens de santos ao pescoço.

As críticas de Kotnay à acção dos sacerdotes estendem-se à prática da confissão por acreditar que esta devassa consciências. A verve crítica do autor também não se padece das mulheres que se submetem a esta prática e dos maridos que a permitem. Com base nas Escrituras, Kotnay reprova o acto da confissão instituído pela Igreja Católica e nega que o mesmo tenha sido imposto por Deus. O autor faz também uma crítica corrosiva aos pregadores “*D. Juans*”³³⁵ que por vezes roubam a inocência das donzelas e transformam o confessionário numa “nêsga aberta para o prostíbulo”³³⁶. Também Sampaio Bruno refere o amplo conhecimento que os padres detêm sobre a consciência feminina³³⁷, acusando-os de manipular as mulheres através da confissão e da “direcção espiritual”³³⁸, para seu próprio interesse. Rui Ramos demonstra que os republicanos tentavam provar que dos Jesuítas advinha “o maior de todos os vícios”, a devassidão hipócrita³³⁹. Kotnay apresenta os

³³² “Pontas de fogo. Exequias”, *O Radium*, ano 1, nº 27, 12-09-1918, p. 1 (cf. anexo 46).

³³³ “Pontas de Fogo. Cerimonias Funebres”, *O Radium*, ano 1, nº 33, 07-11-1918, p. 2 (cf. anexo 47).

³³⁴ *Op. cit.*, p. 108.

³³⁵ *Idem*, p. 110.

³³⁶ *Idem*, p. 109. Um artigo do periódico *A Aurora* afirma que “toda a tarefa do confessor consiste em isolar a mulher e ele o faz conscientemente” (Michelet, “A Confissão”, *A Aurora*, série II, ano 4, nº 169, 19-10-1913, p. 3).

³³⁷ *Op. cit.*, p. 149.

³³⁸ *Idem*, pp. 150-151, 439-440.

³³⁹ *Op. cit.*, p. 404. A imprensa republicana da época procurou inimizar os leitores com o clero e evidenciou, com inúmeros artigos e caricaturas, uma obsessiva atitude antijesuítica (anónimo, “Inoculação Jesuítica”, *A Montanha*, ano 2, nº 523, 07-11-1912, p. 2, José Augusto de Castro, “Aniquile-se o Clericalismo”, *A Montanha*, ano 2, nº 528, 13-11-1912, p. 1, anónimo “Os Padres”, *A Montanha*, ano 2, nº 545, 03-12-1912, anónimo “Um Padre Ingenuo Intrujado por outro Clerigo”, *A Montanha*, ano 3, nº 628, 13-03-1913, p. 2, anónimo, “Quem são os Inimigos da Republica? Os Padres Reacionarios”, *A Montanha*, ano 3, nº 643, 30-03-1913, p. 2, anónimo, “O Crime dum Padre. Defendei o Vosso Lar do Jesuítas”, *A Montanha*, ano 3, nº 797, 26-09-1913, p. 1, anónimo, “Uma Victima dos Padres”, *A Montanha*, ano 6, nº 1693, 07-06-1916, p. 1, Marinha de Campos, “Um Padre Republicano”, *O Debate: Semanário Republicano*, Matosinhos, ano 2, nº 80, 14-08-1910, p. 1 e Afonso, “Os Jesuítas”, *A Ordem*, ano 6, nº 265, 08-06-1918, p. 1.

Jesuítas como predadores sexuais e “sátiros maquiavélicos”³⁴⁰. O autor atribui aos padres católicos e também aos fiéis um rol de adjetivos negativos³⁴¹, pois considera a Igreja Católica uma empresa com fins lucrativos, cujos rituais, práticas e organização contrastam com as da religião protestante britânica. Já o sentimento anticlerical de Zé Povinho, que persistiu na República, não exprimia inimizade pelo Catolicismo, como nos informa João Medina³⁴², e, para sublinhar a ganância da religião católica, Kotnay parodia os seus mandamentos, ao referir que se deve crer que Deus é “remunerador”³⁴³.

O autor elenca algumas diferenças essenciais, ao nível da prática, entre as religiões protestante e católica para realçar a superioridade da primeira que é descrita como a fiel praticante da Palavra de Deus que não recorre a misticismos ou representações para ganhar crentes nem faz “dos templos circos de palhaçadas”³⁴⁴. Na análise comparativa entre o discurso dos sacerdotes protestantes e dos católicos, Kotnay considera que os primeiros empregam uma linguagem mais agradável e serena:

Os apóstolos protestantes usam sempre uma linguagem doce, maviosa, plena de graça e harmonia. Os católicos empregam expressões opressivas, discursos abarrotados de conceitos perifrásticos, todos subordinados a um destino tenebroso, que na outra Vida espera as almas. Abusam de pleonasmos onde redundam miríades de demónios, com o fim especial de fazer segregar as glândulas lacrimais dos ouvintes, para ganharem créditos de oradores fluentes³⁴⁵.

O jornalista Orestes Costa, correspondente português em Inglaterra visitou igrejas inglesas e escreveu, na coluna “Cartas de Londres”³⁴⁶, no periódico *O Radium*, um artigo no qual compara o Catolicismo e o Protestantismo. Não diverge dos aspectos apontados por Kotnay, dado que confronta a simplicidade e a serenidade do Protestantismo com a representação teatral, e em latim, nas igrejas católicas. O jornalista distingue igualmente o modo de prelecção adoptado pelos sacerdotes, - o tom opressivo católico vs. o tom carinhoso protestante -, e censura a falta de seriedade moral dos clérigos católicos que, segundo ele, é directamente proporcional ao atraso dos países onde o catolicismo vigora.

³⁴⁰ *Op. cit.*, p. 110.

³⁴¹ Kotnay qualifica do seguinte modo os sacerdotes: “burlões” e “mágicos” (*idem*, p. 96); “depravadíssimos e ferozes agentes de Deus”, “assassinos” e “bisnaus” (p. 98); “devassador de consciências”, “vigarista hipócrita” e “arlequins” (p. 109); “padrecos” e “sátiros maquiavélicos” (p. 110); “maganões” e “glutões” (p. 112). Os fiéis católicos são apelidados de “almas simples” (p. 96), “néscios” (p. 104), “pobres fanáticos” (p. 106), “doidos scismáticos” (p. 108), “criaturas broncas” (p. 109).

³⁴² *Zé Povinho Sem Utopia*, p. 81.

³⁴³ *Op. cit.*, p. 113.

³⁴⁴ *Idem*, p. 116.

³⁴⁵ *Idem*, p. 117.

³⁴⁶ Cf. Orestes Costa, “Cartas de Londres. Catolicismo e Protestantismo”, *O Radium*, ano 1, nº 10, p. 2 (11-05-1918), nº 12, p. 2 (25-05-1918), nº 13, p. 2 (01-06-1918) e nº 16, p. 3 (22-06-1918).

Kotnay admite³⁴⁷ ter sido sócio de uma organização cristã evangélica no Porto (União Cristã Central da Mocidade) e confessa arrepende-se por não ter aceitado a sugestão da sua família para se tornar eclesiástico. *JBZP* apresenta assim uma visão pessoal e muitas vezes parcial, adoptando Kotnay um tom humorístico e irónico, mas também confessional (“nunca deixarei de me arrepende de não ter seguido aquela vida tão amêna”³⁴⁸).

O elevado analfabetismo aliado a uma deficiente política cultural, o subdesenvolvimento económico e a falta de incentivo do Clero à leitura da Bíblia permitem entender a natureza crédula e facilmente manipulável do povo português. E a alma do Zé Povinho, sem uma luz que a iluminasse, recorreu ao ritualismo e à superstição como fonte de segurança ante a dureza e efemeridade da vida. No capítulo “Costumes-Hábitos”, o autor regista as estratégias ‘pagãs’ do povo (que se auto-intitula cristão) para afastar o demónio, a morte e tormentos para atrair saúde e felicidade e para prever o futuro. As promessas feitas a defuntos que os católicos consideram santos desonram a divindade e o sacrifício de Jesus Cristo e funcionam como subornos: “É um verdadeiro pecado supôr que Nossos Senhores só se sintam inclinados à Bondade com as mãos bem untadas!”³⁴⁹.

Quanto às romarias³⁵⁰, o imigrante britânico não poderia ser mais directo e parcial ao considerar “loucos todos os peregrinos”³⁵¹ por se prestarem a sacrifícios ridículos. Antevendo a reacção do leitor a esta crítica, o autor dialoga com o primeiro e responde estrategicamente a uma questão imaginária:

Objectar-me hão que só assim procede gente simples e inculta, mas eu replicarei que são os padres – pessoas de obrigação instruídas – que alimentam êste zêlo insensato. Então não era seu dever explicar aos pobres de espírito que os santos não aceitam de bom grado essas promessas, que ofendem na sua santa dignidade? É torná-los interesseiros, dando-lhes cousas para êles serem amigos³⁵².

Kotnay imputa aos padres católicos a supersticiosa religiosidade dos lusos. A cega obediência às palavras do padre e o desconhecimento da Palavra de Deus são satirizadas pelo autor, referindo Sampaio Bruno a este propósito que a influência jesuítica também se manifesta na exploração de superstições populares³⁵³.

³⁴⁷ *Op. cit.*, pp. 116-117.

³⁴⁸ *Idem*, p. 119.

³⁴⁹ *Idem*, p. 332.

³⁵⁰ Agnes Goodall, *op. cit.*, p. 57 e Aubrey Bell, *Portugal of the Portuguese*, p. 50, notaram a adesão lusa às romarias, não obstante estarem imbuídas de elementos supersticiosos.

³⁵¹ *Op. cit.*, p. 332.

³⁵² *Idem*, pp. 332-333.

³⁵³ *Op. cit.*, pp. 41-42, 149, 158-159 e 206.

O heterónimo britânico não nega que deseja divertir o leitor³⁵⁴ com os seus relatos dos costumes e das práticas religiosas caricatas dos portugueses, verdadeiros quadros humorísticos e mostruários das contradições deste povo ‘catolicamente pagão’ que se socorre de bruxarias e de feitiçarias. A bruxa em Portugal era “o bálsamo para tôdas as dôres portuguesas”³⁵⁵ e os seus conselhos eram seguidos religiosamente pela maioria da população que ao Domingo professava a fé católica. Para ilustrar a sua posição e as suas críticas às crenças populares, no capítulo “Variedades” o autor regista vários exemplos relativos às práticas de bruxas para espantar demónios e mau-olhado, bem como repelir obstáculos à felicidade.

Se Kotnay se assume como protestante, Silva Gay confessa-se agnóstico e refere a sua descrença na imaculada concepção, declarando que a virgindade de Maria é psíquica³⁵⁶. Abílio Caetano da Silva utilizou assim o pseudónimo Silva Gay na imprensa portuense para apresentar opiniões semelhantes às de Kotnay, embora menos polémicas, e recorreu ao heterónimo britânico, que professa uma religião diferente da sua, como uma estratégia inovadora para ocultar a sua identidade e combater, a salvo das vozes discordantes, as incongruências do Catolicismo e a desobediência e imoralidade dos seus seguidores, bem como para elogiar alguns aspectos do Protestantismo.

³⁵⁴ *Op. cit.*, p. 352.

³⁵⁵ *Idem*, p. 352. Também Agnes Goodall, *op. cit.*, pp. 28-29, se apercebeu da forte crença lusa nas bruxas e nas lendas de vampiros, de espíritos e de fadas.

³⁵⁶ “A Santa Religião Catolica”, *Pontas de Fogo*, ano 7, nº 12, 14-05-1921, p. 1 e nº 14, 28-05-1921, p. 1 (cf. anexos 48 e 49, respectivamente).

8. CONCLUSÃO

O trabalho que aqui apresentamos sobre *JBZP*, assinada por Albert Kotnay, heterónimo de Abílio Caetano da Silva, constitui, tanto quanto sabemos, o primeiro estudo académico sobre a obra, concorrendo para um maior conhecimento quer do contexto de produção da obra, quer da realidade social, cultural, política e religiosa da Primeira República. Como vimos ao longo desta dissertação, em *JBZP* as duas primeiras décadas do século XX foram filtradas pelo olhar cáustico de um residente-observador britânico Albert Kotnay, heterónimo criado pelo escritor português Abílio Caetano da Silva. Os diversos artigos de Silva Gay que incluímos nos anexos revelam-se úteis para constatar a curiosa semelhança das opiniões deste jornalista, que publica em periódicos como *Pontas de Fogo* e *O Radium*, e Kotnay. Aliás, um dos nossos maiores contributos para o estudo da obra foi o facto de termos sido os primeiros a identificar o verdadeiro autor da narrativa e o contexto da sua produção e recepção em Portugal.

Urge pois apontar as principais conclusões a que chegámos. Como vimos, Kotnay descreve o país do Zé Povinho de forma crítica e distanciada através do humor e de diversas estratégias narrativas, como o testemunho pessoal, a caricatura e a comparação, sobretudo por dissemelhança, entre as realidades lusa e britânica. O autor procura legitimar os factos que narra e inclui na sua obra testemunhos autobiográficos e de seus conhecidos, bem como excertos de artigos de jornais coevos, artifício utilizado por numerosos autores de relatos de viagem para sustentar a sua argumentação³⁵⁷. Procurámos assim demonstrar, através do recurso a relatos de viagem, à imprensa da época e a estudos historiográficos, que as descrições e opiniões de Kotnay sobre os costumes, a política e a religião dos portugueses não se afastam da realidade, apesar da sua opção em adjectivar de forma áspera os destinatários das suas críticas, como vimos ao longo desta dissertação. Assumindo que Portugal aceitaria melhor as críticas de um britânico protestante, o autor português de *JBZP* tem a intenção de mostrar a luz do progresso sócio-cultural a

³⁵⁷ Autores como Helen Cameron Gordon (Lady Russell), *My Tour in Portugal*, 1932, pp. 14, 18, 23, 75, 120-121, 130, 145, utilizam estudos portugueses sobre Portugal, bem como ditados populares e dados veiculados por informantes locais para legitimar as suas afirmações enquanto viajante-observadora estrangeira.

Portugal³⁵⁸, apontando, através de críticas pungentes, os aspectos mais negativos das realidades política e religiosa portuguesas, o que confere à obra um carácter didáctico.

Vários historiadores³⁵⁹ têm recorrido à obra de que nos ocupámos como um repositório de informação credível sobre o Portugal do início do século XX, não tendo a existência real de Kotnay sido questionada até à data. Esta utilização da obra deve-se ao facto de a posição do autor se aproximar das informações veiculadas pelos jornais da altura. Como atestam os diversos periódicos que analisámos, a conjuntura política da Primeira República não se pautou pela maturidade política, situação típica num regime recém-implementado. Relativamente a esta temática, o olhar crítico de Kotnay retrata os aspectos mais negativos da política portuguesa, que considera ser a pior de todos os países. Este menosprezo resulta de promessas republicanas não cumpridas, de súbitas e interesseiras adesões dos poderosos, da corrupção, da instabilidade política e económica. Segundo o autor, a estes factores juntam-se a ignorância do povo e a corrupção no mundo jornalístico, que descredibilizaram o novo regime e contribuíram para reforçar a imagem de um país bárbaro e mergulhado no caos. As observações de Kotnay, fruto de experiência pessoal e do confronto entre o modelo político português, caracterizado como imoral e caótico, e o britânico, mais sustentável, levam, como vimos, alguns recenseadores a repudiar a obra. No entanto, *JBZP* descreve um Portugal idêntico ao que é representado nos periódicos que fomos referindo, sobretudo os do Porto. O nosso trabalho revela uma série de pontos de contacto intertextuais ao nível temático entre as narrativas visuais de Bordalo e as caricaturas textualizadas por Kotnay. Estabelece-se assim um diálogo inter-artes no que diz respeito à representação crítica do Portugal do início do século XX.

No que respeita a religião, Kotnay denuncia o comportamento vergonhoso dos clérigos, particularmente dos Jesuítas, contrário à doutrina cristã, bem como a influência nociva dos mesmos na formação moral e espiritual de um povo analfabeto e crédulo, principalmente das mulheres, destinatárias de desejos carnavais e um alvo fácil de ser manipulado na intimidade do confessional. O analfabetismo e a ignorância dos fiéis em matéria de fé, articulados com a celebração da missa em latim, originavam uma prática religiosa caracterizada pela superstição e pelo ritualismo sem grande significado real, pelo que essas deturpações do Cristianismo foram ferozmente criticadas pelo autor através da

³⁵⁸ *Op. cit.*, p. 26: “E se eu ainda aqui mostro o meu descontentamento por algumas faltas mais evidentes em todas as classes sociais, é só com o propósito de atrair para elas a atenção geral e dos poderes públicos para aquelas que estes possam atenuar ou reprimir”.

³⁵⁹ Carlos Eugénio Líbano Soares, *op. cit.*, p. 182 e João Medina, *Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho*, pp. 24-25, 47-49, 79, 99, 101-103.

caricatura para tentar modificar os comportamentos tradicionais, aproximando-se, como vimos ao longo deste estudo, do diagnóstico apresentado por outros analistas da realidade portuguesa³⁶⁰, sobretudo na imprensa do Porto, cidade onde residia Abílio Caetano da Silva.

O heterónimo Albert Kotnay assume-se como protestante e realça, através da comparação do Protestantismo com o Catolicismo, a superioridade do primeiro. No entanto, sendo o autor português agnóstico, podemos concluir que o mesmo se “escondeu” atrás de uma confissão religiosa minoritária, servindo-se do exemplo protestante britânico como arma de arremesso contra a Igreja Católica.

JBZP pode ser caracterizado como uma análise crítica da realidade portuguesa que se assemelha a um conjunto de crónicas com temas específicos que valorizam a realidade britânica nos campos político-religioso, cultural, comercial, e dos costumes. Os critérios metodológicos do autor residem no contraste entre o temperamento britânico de John Bull e o português de Zé Povinho, repercutindo-se as diferentes manifestações dessas duas formas de ser no quotidiano de ambos os países. Desse confronto cultural surge a censura da emotividade e do desleixo lusos perante a calma e sensatez britânicas, acreditando o autor na importância das suas críticas para reformar costumes e hábitos. Podemos assim concluir que a realidade da época foi retratada em *JBZP* de modo fiel, fazendo, no entanto, eco de certos estereótipos, como o do português explosivo e o do britânico fleumático. As aparentes lusofobia e anglofilia servem assim o propósito didáctico de apontar os males da sociedade portuguesa para os tentar corrigir, servindo a Grã-Bretanha como referente de comparação cultural para essa mesma tarefa. Esta estratégia tem também como objectivo condenar os fracassos e os excessos da Primeira República sem incorrer em eventuais represálias devido ao facto de se ocultar por detrás de um heterónimo britânico, pois os comentadores, jornalistas e viajantes conterrâneos de Kotnay criticavam essa mesma realidade.

A identidade portuguesa é avaliada através do confronto com o exemplo britânico, do qual resulta a desvalorização crescente dos lusos e das suas instituições e hábitos, sendo sugerida por Kotnay a substituição do caótico paradigma político português pelo da Grã-

³⁶⁰ Silva Gay, “Pontas de Fogo. Um País Ideal. Carácter”, *Pontas de Fogo, Continuação de O Radium*, ano 1, nº 46, ano 5, nº 10, 22-02-1919, p. 1 (cf. anexo 45); Bruno, “A Causa da Victoria do Jesuitismo”, *A Voz Publica (República)*, Porto, ano XII, nº 3406, 24-04-1901, p. 1; José Augusto de Castro, “Aniquile-se o clericalismo”, *A Montanha*, ano 2, nº 528, 13-11-1912, p. 1; Marinha de Campos, “Um Padre Republicano”, *O Debate: Semanário Republicano*, Matosinhos, ano 2, nº 80, 14-08-1910, p. 1 e Michelet, “A Confissão”, *A Aurora*, série II, ano 4, nº 169, 19-10-1913, p. 3.

Bretanha. Para o autor, a polícia lusa, retratada como violenta, reflecte o temperamento da comunidade em geral, pondo em causa princípios como a Igualdade, a Liberdade e a Fraternidade, bem como virtudes que o autor afirma apenas observar em solo britânico e, logo, em John Bull.

Como vimos ao longo deste estudo, *JBZP* assume-se como uma obra redigida por um britânico e retira assim partido da tradição da Escrita de Viagens anglófona relativa a Portugal, podendo a narrativa ser considerada um repositório das ideias, das críticas e dos temas desenvolvidos por jornalistas portugueses sobre a realidade portuguesa, retomando-os Kotnay com base na abordagem comparatista entre o Portugal católico da Primeira República e a Grã-Bretanha protestante, à altura uma superpotência imperial e industrial.

BIBLIOGRAFIA

1. Activa

KOTNAY, Albert, *John Bull e Zé Povinho: Análise à Vida Portuguesa*, Porto, Higino J. Assunção, 1918.

2. Passiva

2. 1. Estudos Literários

BASSNETT, Susan, *Comparative Literature: A Critical Introduction*, Oxford, Blackwell, 1993.

BRUNEL, Pierre, PICHOS, Claude, ROUSSEAU, André-Michel Rousseau, *Qu'est-ce que la Littérature Comparée*, Paris, Armand Colin, 1983.

BRUNEL, Pierre, CHEVREL, Pierre (dirs.), *Précis de Littérature Comparée*, Paris, PUF, 1989.

MACHADO, Álvaro Manuel, PAGEAUX, Daniel-Henri, *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 2001.

PAGEAUX, Daniel-Henri, *La Littérature Générale et Comparée*, Paris, Armand Colin, 1994.

2. 2. Literatura de Viagens

ADAMS, Percy G., *Travelers and Travel Liars 1660-1800*, Nova Iorque, Dover Publications, 1980.

_____, *Travel Literature and the Evolution of the Novel*, Lexington, The University Press of Kentucky, 1983.

BURTON, Anthony, BURTON, Pip, *The Green Bag Travelers. Britain's First Tourists*, Londres, André Deutsch, 1978.

BUZARD, James, *The Beaten Track. European Tourism, Literature, and the Ways to Culture, 1800-1918*, Oxford, Clarendon Press, 1993.

CALADO, Ana Isabel Nú, *O Portugal de Salazar Visto de uma Varanda Transmontana*, Lisboa, Centro de Estudos Anglo-Portugueses, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005.

CASTANHEIRA, Maria Zulmira, "Robert Southey, O Primeiro Lusófilo Inglês", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 5, 1996, pp. 59-120.

CASTRO, Catarina Crespo Coelho Correia de, *Um Livro Negro sobre o Portugal do Século XVIII*, Lisboa, Caleidoscópio, 2007.

CHAVES, Castelo Branco, *Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a Sua Projecção Europeia*, Amadora, ICALP, col. “Biblioteca Breve”, 1977.

COELHO, Maria Teresa Pinto, «James Edward Alexander e o Portugal de 1834. A Visão de um Inglês», Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986.

FEIFER, Maxine, *Going Places: The Ways of the Tourist from Imperial Rome to the Present Day*, Londres, MacMillian, 1985.

MARTINS, Isabel Oliveira, *William Morgan Kinsey. Uma Ilustração de Portugal*, Lisboa, Edições 70, 1987.

MENANT-ARTIGAS, Geneviève, *Des Voyages et des Livres*, Paris, Librairie Hachette, 1973.

MESQUITA, José Carlos Vilhena, *A Viagem, Uma Outra Forma de Turismo na Perspectiva do Conhecimento Histórico*, Faro, Universidade do Algarve, 1986.

PIRES, Maria Laura Bettencourt, *William Beckford e Portugal: Uma Visão Diferente do Homem e do Escritor*, Lisboa, Edições 70, 1987.

SILVA, João Paulo Ascenso Pereira da, *Memórias de Portugal. A Obra Lusófila de John Adamson*, Ponta Delgada, Signo, 1997.

_____, “Ralph Fox e Portugal Now: a Odisseia de um Militante Comunista à Descoberta do País de Salazar”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, nº 8, Lisboa, 2009, pp. 207-38.

URBAIN, Jean-Didier, *Secrets de Voyage. Menteurs, Imposteurs et autres Voyageurs Invisibles*, Paris, Éditions Payot et Rivages, 1998.

2. 3. Relatos de Viagem Britânicos

BELL, Aubrey, *Portugal of the Portuguese*, Londres, Isaac Pitman & Sons, 1915.

_____, *In Portugal*, Londres, John Lane, 1912.

FOX, Ralph, *Portugal Now, Um Espião Comunista no Estado Novo*, trad. Rui Lopes, Lisboa, Tinta-da-China, 2006.

GIBBONS, John, *I Gathered no Moss*, prefácio de Edgar Prestage, Londres, Robert Hale, 1939.

GIBBS, Philip, *The Tragedy of Portugal*, Londres, L. Upcott Gill & Son, 1914.

GOODALL, Agnes, *Portugal*, Londres, Adam and Charles Black, 1909.

GORDON, Helen Cameron (Lady Russell), *My Tour in Portugal*, Londres, Methuen & Co., 1932.

HUME, Martin, *Through Portugal*, Londres, E. Grant Richards, 1907.

HUME, Martin e H. Morse Stephens, *Portugal*, Londres, T. Fisher Unwin, 1908.

KOEBEL, W. H., *Portugal, Its Land and People*, Londres, Archibald Constable, 1909.

2. 4. Caricatura, Zé Povinho e John Bull

ARBUTHNOT, John, *History of John Bull*, Kessinger Publishing, Whitefish, 2004.

FRANÇA, José-Augusto, “O Zé Povinho, sempre o Mesmo” in Ana Cristina Leite e Anabela Carvalho (dirs.), *Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Outubro 2005, pp. 121-148.

_____, *Rafael Bordalo Pinheiro: O Português Tal e Qual*, Amadora, Livraria Bertrand, 1981.

GUIMARÃES, Ângela, *Bordalo Face a um Mundo em Turbilhão*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

LEITE, Ana Cristina, “Rafael Bordalo Pinheiro: O Portugal Artístico, Social e Político dos Finais do Século XIX” in *Raphael Bordallo Pinheiro aos Quadrinhos*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa – Bedeteca, 1996.

MEDINA, João, *Caricatura em Portugal. Rafael Bordalo Pinheiro, Pai do Zé Povinho*, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

_____, “Rafael Bordalo Pinheiro e o Zé Povinho, Auto-Caricatura do Português”, *Revista Línguas e Letras*, vol. VI, nº 2, 2º semestre 2005, pp. 137-148.

_____, *Zé Povinho Sem Utopia*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2004.

ORTIGÃO, Ramalho, *John Bull*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943.

QUEIRÓS, Eça de, *Prosas Esquecidas II*, Lisboa, Editorial Presença, 1965.

SARAIVA, José António, MONTEIRO, Henrique (dirs.), *Álbum das Glórias de Rafael Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Expresso, 2005.

SOUSA, Osvaldo Macedo de Sousa, *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal*, vols. I e II, Lisboa, Ed. Humorgrafe, 1998.

_____, *As Caricaturas da Primeira República*, Lisboa, Tinta-da-China, 2010.

WRIGHT, Thomas, *Histoire de la Caricature et du Grotesque dans la Littérature et dans l'Art*, trad. Octave Sachot, Paris, Adolphe Delahays, Libraire-Éditeur, 1875.

2. 5. Estudos de Identidade

BRINTHAUPT, Thomas, LIPKA, Richard P., *The Self: Definitional and Methodological Issues*, Nova Iorque, State University of New York Press, 1992.

DIAS, Jorge, *Estudos do Carácter Nacional Português*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, nº 7, 1971.

ELIOT, T. S., *Notas para uma Definição de Cultura*, trad. Ernesto Sampaio, Lisboa, Edições Século XXI, 1996.

MEDINA, João, *Portuguesismo(s) (Acerca da Identidade Nacional)*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2006.

PAIS, José Machado, “Questionando Culturas e Identidades, Utopias e Fatalidades: Reflexões de um Sociólogo na Solidão do Quarto n.º 514 de um *Meliá Confort*”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 63, 2002, pp. 149-173.

2. 6. História de Portugal

ALMEIDA, Eurico de, “O Tabardilho em Braga”, Tese de Doutoramento em Medicina apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, Porto, 1920.

AZEVEDO, J. Lúcio, *O Marquês de Pombal e a Sua Época*, 2ª ed., Lisboa, Clássica Editora, 1990.

BAPTISTA, Jacinto, *Um Jornal na Revolução, “O Mundo” de 5 de Outubro de 1910*, s/l, Seara Nova, 1966.

BRUNO, Sampaio, *A Questão Religiosa*, Porto, Livraria Chardron de Lello Irmão, Porto, 1907.

COUTINHO, Lourenço Pereira, *Do Ultimato à República (Política e Diplomacia nas Últimas Décadas da Monarquia)*, Lisboa, Prefácio, 2003.

FRANCO, José Eduardo, *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente (Séculos XVI a XX)*, vols. I e II, Lisboa, Gradiva, 2006 e 2007.

GRAINHA, M. Borges, *O Portugal Jesuíta*, Lisboa, Tipografia Moderna, 1893.

LEMONS, Mário Matos e, *Jornais Diários Portugueses do Século XX: Um Dicionário*, Coimbra, Ariadne Editora, 2006.

LOPES, Fernando Farelo, *Poder Político e Caciquismo na 1ª República Portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

MARQUES, A.H. de Oliveira, *A Primeira República Portuguesa (Para uma Visão Estrutural)*, col. “Horizonte”, nº 13, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.

_____, *Afonso Costa*, 2ª ed., Lisboa, Arcádia, 1975.

_____, *Breve História de Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1996.

_____, *Ensaio de História da I República Portuguesa*, Lisboa, col. “Horizonte Histórico”, Livros Horizonte, 1988.

_____, *História da Primeira República Portuguesa. As Estruturas de Base*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, s/d.

_____, *História de Portugal*, vol. III: *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*, 3ª ed., Lisboa, Palas Editores, 1986.

_____, SILVA, João M. Gonçalves da (ed.), *Contra-Revolução: Documentos para a História da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s/d.

RAMOS, Rui, *História de Portugal*, vol. VI: *A Segunda Fundação (1890-1926)*, coordenação geral de José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

MEDINA, João (dir.), *História de Portugal: Dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*, vol. X: *A República. Sonhos e Malogros*, Amadora, Ediclube, 1993.

OLIVEIRA, César, *O Operariado e a Primeira República (1910-1924)*, Lisboa, Alfa, 1990.

ORTIGÃO, Ramalho, *Farpas Escolhidas*, selecção e introdução de Ernesto Rodrigues, s/l, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, s/d.

PIRES, Daniel, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996.

ROSAS, Fernando, ROLLO, Fernanda (coords.), *História da Primeira República Portuguesa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2009.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vols. III, VI a XII, Lisboa, Editorial Verbo, 1993-2001.

SERRÃO, Joel (coord.), *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Figueirinhas, s/d

_____, *Sampaio Bruno, O Homem e o Pensamento*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1958.

SERRÃO, Joel, MARQUES, A. H de Oliveira (dirs.), *Portugal e a Instauração do Liberalismo*, vol. IX, Lisboa, Editorial Presença, 2002.

SOARES, Carlos Eugénio Líbano, *A Negregada Instituição: As Capoeiras no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

TEIXEIRA, Nuno Severiano, PINTO, António Costa (coords.), *A Primeira República Portuguesa: Entre o Liberalismo e o Autoritarismo*, Lisboa, Edições Colibri, 2000.

WELLS, H. G., “O Darwinismo e as Ideias Políticas e Religiosas”, in *História Universal*, vol. III: *A Era das Grandes Potências*, trad. Anísio Teixeira, Lisboa, s/d., pp. 190-197.

WHEELER, Douglas L., *História Política de Portugal de 1910 a 1926*, trad. J. O. M. e Cristina Correia, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1978.

VICENTE, Ana, *As Mulheres Portuguesas Vistas por Viajantes Estrangeiros, Séculos XVIII, XIX, XX*, Lisboa, Gótica, 2001.

2. 7. Relações Anglo-Portuguesas e História de Inglaterra

BRIGGS, Asa, *História Social de Inglaterra*, 1ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1998.

PRESTAGE, Edgar, *A Aliança Anglo-Portuguesa*, trad. A. Gonçalves Rodrigues, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1936.

2. 8. Periódicos Portugueses Consultados

Actualidade: Semanário Catholico, Braga, ano 1, nº 1 (19-04-1917) a ano 3, nº 37 (25-12-1919).

Águia: Revista Mensal de Literatura, Arte, Ciência, Filosofia e Crítica Social, Porto, ano 1, nº 1, 1ª série (01-12-1910) a ano 1, nº 10, 1ª série (Julho 1911), nº 1, vol. I, 2ª série (Janeiro 1912) a nº 96, vol. XVI (Dezembro 1919).

O Apostolo, Abrantes, ano 1, nº 1 (12-07-1914) a ano 2, nº 38 (11-02-1915).

Apostolo de Basto: Boletim Católico de S. Nicolau, Cabeceiras de Basto, ano 1, nº 23 (29-07-1917) a ano 2, nº 102 (06-10-1918).

O Artista: Folha Operária Monçanense, Monção, ano 1, nº 1 (10-06-1918) a ano 1, nº 16 (10-02-1919).

O Atlântico: Hebdomadario Literário e Noticioso, Matosinhos, ano 1, nº 6 (18-01-1917) a ano 2, nº 78 (26-02-1920).

Atlantida: Mensário Artístico, Literário e Social para Portugal e Brazil, Lisboa, ano 1, nº 1, vol. I (15-11-1915) a ano 5, nº 48, vol. XII (1920).

A Aurora, Porto, ano 1, nº 1, 2ª série (10-07-1910) a ano 9, nº 6, 5ª série (01-06-1919).

Aurora Académica, Guimarães, ano 1, nº 1 (21-03-1915) a ano 1, nº 4 (02-05-1915).

A Aurora: Folha Quinzenal, Literária e Noticiosa, Castelo Branco, ano 1, nº 1 (05-08-1917) a ano 3, nº 42 (26-10-1919).

A Capital: Diário Republicano da Noite, Lisboa, ano 6, nº 1942 (02-01-1916) a ano 7, nº 2291 (31-12-1916), ano 9, nº 2989 (02-01-1919) a ano 10, nº 3420 (31-12-1919).

O Comércio do Porto, Porto, ano 63, nº 1 (01-01-1916) a ano 66, nº 506 (31-12-1919).

O Debate, Porto, ano 1, nº 1 (01-06-1919) a ano 2, nº 297 (30-05-1920).

O Debate: Orgão Republicano Local, Santo Tirso, ano 1, nº 1 (05-10-1913) a ano 3, nº 28 (07-03-1916).

O Debate: Semanário Republicano, Matosinhos, ano 1, nº 2 (07-02-1909) a ano 6, nº 293 (27-09-1914).

O Despertar: Bi-Semanário Republicano Independente, Coimbra, ano 1, nº 1 (02-03-1917) a ano 4, nº 390 (29-12-1920).

O Despertar: Mensário das Juventudes Sindicalistas, Lisboa, ano 1, nº 5 (Janeiro 1915) a ano 2, nº 12 (Dezembro 1915).

O Despertar: Semanário Republicano, Pinheiro da Bemposta, ano 1, nº 1 (01-01-1919) a ano 1, nº 37 (18-10-1919).

O Dever: Semanário Socialista. Defensor de Todas as Classes Productoras e Oprimidas, Covilhã, ano 1, nº 1 (11-05-1919) a ano 1, nº 21 (27-07-1919).

Diário de Notícias, Lisboa, ano 55, nº 19084 (01-01-1919) a ano 55, nº 19253 (07-07-1919).

Diário do Norte: Orgão da Liga Republicana, Porto, ano 1, nº 1 (31-01-1913) a ano 1, nº 284 (31-12-1913).

Diário do Porto, Porto, ano 1, nº 1 (02-01-1912) a ano 1, nº 73 (31-03-1912).

Diário Nacional, Lisboa, ano 1, nº 1 (15-08-1916) a ano 3, nº 785 (31-12-1918).

A Folha Nova, Porto, ano 1, nº 3 (22-11-1911) a ano 2, nº 374 (08-02-1913).

O Ideal: Quinzenário de Crítica Social, Arte, Literatura, Desportos e Teatro, Porto, ano 1, nº 1 (10-04-1918) a ano 1, nº 5 (10-06-1918).

Ilustração Portuguesa, Lisboa, nº 672, 2ª série (06-01-1919) a nº 722, 2ª série (22-12-1919).

Jornal da Noite: Folha Monárquica, Lisboa, ano 1, nº 1, 3ª série (27-07-1914) a ano 2, nº 150, 3ª série (04-09-1915).

Jornal da Tarde: Diário Político e Noticioso, Lisboa, ano 1, nº 1 (06-02-1918) a ano 1, nº 272 (31-12-1918).

Jornal de Notícias, Porto, ano 29, nº 1 (01-01-1916) a ano 32, nº 307 (31-12-1919).

A Juventude, Portalegre, ano 1, nº 1 (01-11-1915) a ano 4, nº 81 (08-01-1919).

A Lanterna: Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, nº 1 (01-04-1915) a ano 3, nº 633 (02-05-1917).

A Lanterna: Jornal Humorístico, Lisboa, ano 1, nº 1 (18-12-1911) a ano 3, nº 85 (27-07-1913).

Liberdade, Porto, ano 1, nº 1 (07-06-1914) a ano 6, nº 1385 (18-01-1919).

A Liberdade: Jornal Independente do Povo e para o Povo, Lisboa, ano 1, nº 2 (28-01-1917) a ano 2, nº 45 (28-04-1918).

A Lucta, Lisboa, ano 13, nº 4512 (02-12-1918) a ano 14, nº 4714 (31-12-1919).

A Luz: Bimensário de Literatura, Arte, Sport e Educação, Porto, ano 1, nº 1 (06-06-1915) a ano 3, nº 61 (15-02-1919).

A Monarquia, Lisboa, ano 2, nº 330 (01-04-1918) a nº 510 (31-12-1918).

A Montanha: Diário Republicano da Tarde, Porto, ano 1, nº 1 (01-03-1911) a ano 9, nº 3037 (31-12-1919).

O Mundo, Lisboa, ano 18, nº 6446 (29-01-1919) a ano 19, nº 6608 (31-07-1919).

A Nação, Lisboa, ano 69, nº 16302 (01-01-1916) a ano 70, nº 16771 (08-04-1917).

O Norte: Diário Republicano da Manhã, Porto, ano 2, nº 51 (01-07-1919) a ano 4, nº 24 (28-04-1921).

Novidades, Lisboa, ano 28, nº 8743 (13-03-1913) a ano 36, nº 8838 (06-06-1921).

A Opinião: Diário Republicano Conservador, Lisboa, ano 1, nº 1 (16-02-1916) a ano 1, nº 270 (30-12-1916), ano 1, nº 271 (02-01-1917) a ano 2, nº 571 (31-12-1917); ano 3, nº 878 (03-01-1919) a ano 4, nº 1165 (31-12-1919).

A Ordem, Porto, ano 1, nº 1 (03-05-1913) a ano 7, nº 360 (17-04-1920).

O Papagaio: Quinzenário Literário e Humorístico, Porto, ano 1, nº 1 (24-12-1917) a ano 1, nº 2 (27-01-1918).

Pátria: Jornal Monárquico da Tarde, Porto, ano 1, nº 1 (09-07-1917) a ano 2, nº 464 (18-01-1919).

Pontas de Fogo: Semanário de Crítica Implacável a Autores, Actores, Músicos e Empresários, Porto, ano 1, nº 1 (30-01-1915) a ano 8, nº 48 (30-12-1922).

Porto Crítico: Semanário de Teatros, Arte e Desportos, Porto, ano 1, nº 1 (20-01-1916) a ano 3, nº 69 (27-04-1918).

Portugal: A Monthly Review of the Country, Its Colonies, Commerce, History, Literature and Art, vol. I, nº 1 (Fevereiro 1915) a vol. I, nº 7 (Novembro e Dezembro 1915).

Portugal: Diário do Partido Republicano Português, Lisboa, ano 1, nº 1 (27-03-1917) a ano 4, nº 294 (09-04-1920).

Portugal: Semanário Republicano, Lisboa, ano 1, nº 1 (10-10-1915) a ano 1, nº 15 (23-01-1916).

O Povo: Semanário Republicano, Lisboa, ano 1, nº 1 (05-10-1911) a ano 5, nº 512 (12-02-1916).

O Radium: Semanário de Crítica Independente, Porto, ano 1, nº 1 (02-03-1918) a ano 1, nº 36 (30-11-1918).

A República Portuguesa, Porto, ano 1, nº 97 (06-12-1890) a ano 1, nº 131 (11-01-1891).

O Rival: Quinzenário de Literatura, Crítica e Humorismo, Porto, ano 1, nº 1 (15-04-1917) a ano 2, nº 25 (15-04-1918).

A Sátira: Revista Humorística de Caricaturas, Lisboa, ano 1, nº 1 (01-02-1911) a ano 1, nº 4 (01-06-1911).

O Século, Porto, ano 36, nº 12236 (01-01-1916) a ano 36, nº 12324 (31-03-1916), ano 39, nº 13310 (01-01-1919) a ano 39, nº 13652 (31-12-1919).

A Sementeira: Publicação Mensal Ilustrada – Crítica e Sociologia, Lisboa, ano 1, nº 1 (53), 2ª série (Janeiro 1916) a ano 4, nº 41 (93), 2ª série (Agosto 1919).

Sol Nado: Bi-mensário de Literatura, Ciência e Arte, Porto, ano 1, nº 1 (15-07-1917) a ano 1, nº 3 (15-02-1918).

A Tarde: Diário do Partido Republicano Português, Porto, ano 1, nº 1 (15-09-1913) a ano 1, nº 92 (31-12-1913).

Teatro e Sport, Porto, nº 1 (17-11-1917) a ano 1, nº 3 (01-12-1917).

O Torneio: Jornal dos Novos, Porto, ano 1, nº 1 (01-12-1914) a ano 4, nº 118 (01-04-1918).

A Vanguarda: Diário Independente da Tarde, Lisboa, ano 7, nº 1885 (02-01-1919) a ano 8, nº 2172 (31-12-1919).

A Verdade, Esposende, ano 1, nº 2 (16-11-1919) a ano 2, nº 57 (15-01-1921).

Verdade: Bi-Semanário Independente, Lisboa, ano 1, nº 2 (28-12-1916) a ano 1, nº 4 (04-01-1917).

A Verdade: Quinzenário Independente, Aveiro, ano 1, nº 1 (19-10-1913) a ano 1, nº 10 (08-03-1914)

Vida Môça: Seminário de Crítica, Arte, Literatura e Desportos, Porto, ano 1, nº 1 (01-10-1916) a ano 2, nº 134, 2ª série (31-12-1921).

A Vida: Quinzenário de Crítica e Humorismo, Porto, ano 1, nº 1 (30-09-1917) a ano 1, nº 16 (23-06-1918).

A Voz Pública (República): Diário Republicano Conservador, Porto, ano 2, nº 3115 (16-05-1900) a ano 20, nº 6011 (30-09-1909); ano 1, nº 1, 3ª série (11-03-1918) a ano 1, nº 155, 3ª série (07-09-1918); ano 1, nº 1, 3ª série (14-02-1919) a ano 1, nº 141, 3ª série (31-07-1919); ano 1, nº 1 (01-09-1919) a ano 1, nº 103 (31-12-1919); ano 1, nº 104 (02-01-1920) a ano 1, nº 236 (30-06-1920).

ANEXOS

Crónica Londrina

2, Meeklenburgh Street
2 de Abril de 1915

Carissimi.

Prometi numa das minhas ultimas cartas referir-me á escandalosa mania que grassa nas regiões sportivas do nosso país.

Havia-me, porem, descuidado já dessa promessa e tê-la-ia olvidado, certamente, se não viesse uma interessante coincidência revolver a materia jacente.

O depoimento que ides ler dispensa-me de vos expôr minuciosamente a pessima impressão que aqui causa a epidemia deturpadora dos jornalistas da especialidade, e que anima — consequentemente — a maior parte dos sportsmen portugueses.

Al por principios de 1914 appareceu em Lincolnshire um interessantissimo livro sobre coisas de Portugal, escrito por um inglez que viveu largo tempo no Porto.

Li essa obra e consegui ser apre-

sentado em Londres ao autor que aqui fixou residencia pouco depois.

Presumindo o successo que esse livro, absolutamente original pela rigorosa observancia com que se analisam os nossos costumes, iria obter em Portugal, instiguei Mr. Kotnay a publica-lo ai.

Depois de refutadas algumas razões que ele opunha ás instancias minhas e de varios amigos que me coadjuvaram, aquelle cavalheiro deu começo ao seu novo trabalho, que era trasladar ele mesmo para portuguez o que havia escrito na sua propria linguagem.

Os leitores do Pontas do Fogo vão ter ensejo de apreciar os recursos que elle possui do nosso idioma e a forma singular como elle expõe as suas impressões.

Quando, pouco depois de iniciada a *Carnificina Europeia*, Mr. Kotnay se incorporou no seu exercito, confiou de mim a missão de coordenar os manuscritos que elle me remetia periodicamente e os enviar para um nosso amigo que no Porto havia sido encarregado de editar a obra.

Estava, então, o autor do livro destacado num ponto onde o absoluto repouso lhe facilitou uma oportunidade esplendida para proseguir na sua obra, e foi assim que eu pude ler e apreciar o moderno trabalho do meu amigo, para observar que elle o tinha modificado quasi totalmente, pois alem de se adguar aumentadissimo, a forma havia sido alterada a fim de a sua leitura em Portugal se tornar mais insinuante.

Todavia o imprevisto desviou bruscamente o curso dos nossos projectos.

Apesar de ter sido designado como territorial, Kotnay não quiz, certamente, permanecer por mais tempo numa situação inperme e parliu voluntariamente para um ponto mais arriscado e de onde nunca mais eu ou sua familia recebemos noticias suas.

Não quero pensar nem por um instante que elle tenha perecido, contudo muito me tem inquietado o seu destino.

Ha dias entretinha-me a relèr alguns dos seus ultimos escritos, quando deparei com o seguinte ex-

certo, pertencente ao capitulo *Sport*, que me apressei a transcrever por se adaptar maravilhosamente á minha forma de vêr:

.....
O mais interessante é que aqueles meus amigos parecem querer usurpar-nos a legitimidade do jogo.

Já um jornal lisbonense pretendeu aportuguesa-lo, chamando-lhe *futebol!!!*

Esta é que é uma parvoice cuja originalidade ninguem pode roubar ao sacripanta que inventou essa tremenda asneira.

Querer denominar um exercicio inglez com uma expressão absolutamente muda em toda a parte onde se fala, neste mundo ou no outro, é parvoice de lugio.

Foot-ball é intangivel como imutaveis são as regras enquanto elle fór devidamente jogado.

E' tão intactil como *jiu-jitsu*, ou mesmo *beef* que os proprios momos vão pedir aos restaurantes.

Respeitem a originalidade das coisas e não se deixem cair no ridiculo, porque imensamente irrisorio é pretender jogar *futebol* sob a observancia stricta e rigorosa dos preceitos do *Foot-ball*.

Agora deixem perguntar ao illustre creador de *futebol* porque respeita ainda a etimologia de *law-tennis, box, arraché, developpé, bras-tendu, etc., etc.* Hein? Quem lhe dêsse com um *fute* na cachóla!

O figurão quer, talvez, armar-se em benemerito das letras. Ouve falar e enriquecer a lingua patria e zás, tambem se quer arvorar em imortal!

Dessa forma o dicionario imparia, abarrotado de coisas novas. Elle era *futebol, lotenis, bócsé, criquette, bratandiu*, e depois seria *rósbife, tualète, suàré, etc., etc.*
Awfully Good!

.....
Com franqueza, o infeliz inovador pode limpar as mãos á parde! No-tabilidade, assim, obtem-na mas não é nada lisongeira.

Se pretendeu destruir um estrangeirismo, a parvoice é desmesurada, porque dessa forma elle deteriorou o soneto. Se me permitem direi que a creatura querendo ex-

purgar-nos de um estrangeirismo obrou um cumulo de idiotismo.

Tirou-nos um anglicismo mas deu-nos uma calinada absolutamente extranha a todos os vocabularios da Terra.

Futebol! Esta faz rir pelo desconchavo.

A's vezes observo aspectos imensamente grotescos.

Uma amostra:
(Dum jornal lisboêta que leio assiduamente)

«F. avança e, depois de um belo *dribbling*, passa a bóla a C. que *chuta ao goal!!!*»

Que miscelanea!
Outro especimen:

«O local ficou em breve transformado numa ampla planicie onde se pratica o *hockey, futebol, cricket, etc...*»

Evidentemente alem de nehumha coerenca ha muita falta de senso. O assunto é fertil e eu hei-de voltar á carga.

Vou compulsar o mestre Cándido e falaréi depois.

Silvio.

À propósito...

Como haja alguém mal intencionado que pretenda vêr insinuações para o *Pontas de Fogo* no artigo *A propósito...* que o snr. Artur de Matos fez publicar no ultimo numero do nosso brilhante colega *A Comedia*, apraz-nos registrar que o proprio autor dêsse artigo logo se apressou a declarar que elle nada tinha de alusivo para com o nosso semanário.

“Maré de Rosas,”

O *Pontas de Fogo* tem de ser presente á Ex.^{ma} Commissão de Censura ás sexta-feiras de tarde e por esse motivo não pode, no presente numero, publicar a critica á revista *Maré de Rosas* ontem levada á scena no teatro Carlos Alberto. Será publicada na próxima semana.



A festa de homenagem a Schwalbach
— A recita á favor do actor Pinto Costa — Estrela duma nova actriz —
Todos os teatros funcionam — Reaparição da companhia do Nacional —
— O empresário Taveira — Nova revista.

do», duas preciosas joias do teatro schwalbachiano, e a delicadissima pantomima, de Henrique Lopes de Mendonça, «Pierrot Anarquista».
O desempenho, foi correcto, merecendo especial referencia os srs. drs. Julio Dantas e Antonio Pinheiro, respectivamente, director e professor do Conservatório. O talentoso maestro Hermínio do Nascimento, autor da musica do *Pierrot Anarquista*, foi tambem muito ovacionado.

Fig. 2: Silvio, “Crónica Londrina”, *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 14, 29-04-1916, p. 3.

Silva Gay: Pseudónimo de Abílio Caetano da Silva

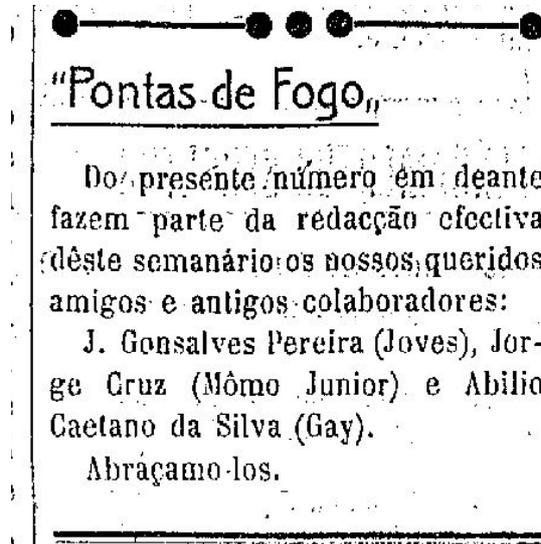


Fig. 3: "Pontas de Fogo", *Pontas de Fogo*, ano 2, n° 27, 29-07-1916, p. 1.

Anexo 4

Fotografia de Silva Gay (Abílio Caetano da Silva)



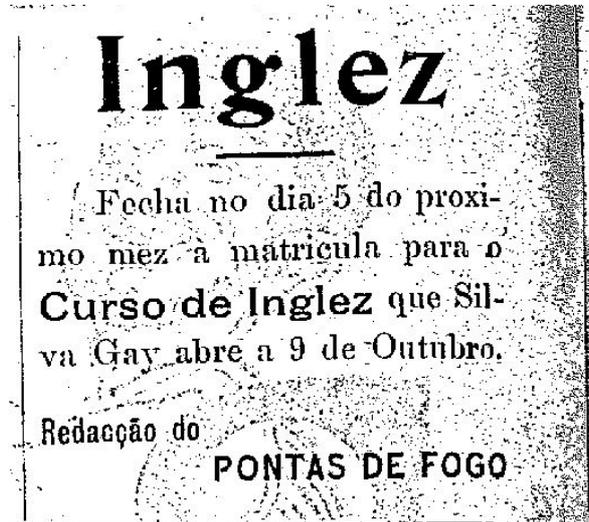
Silva Gay

(REDACTOR)

Fig. 4: “Mas Como Ele Cresceu!”, *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 100, 31-01-1917, p. 1.

Anexo 5

Curso de Inglês ministrado por Silva Gay



Inglez

Fecha no dia 5 do proximo mez a matricula para o **Curso de Inglez** que Silva Gay abre a 9 de Outubro.

Redacção do **PONTAS DE FOGO**

Fig. 5: "Inglez", *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 135, 29-09-1917, p. 2.

LIVROS NOVOS

«John Bull e Zé Povinho», por
A. Kotnay.—Editor: Higinio
J. Assunção—Porto, 1918.

Em edição cuidada, muito brilhante
mesmo, do sr. Higinio J. Assunção, e
saído dos preços de «A Intermediária
Limitada», desta cidade, appareceu há
dias o anuclado livro de A. Kotnay,
«John Bull e Zé Povinho», análise á
vida portugueza. Materialmente, o livro
oferece uma bela apresentação; moral-
mente, se esta secção fosse dada a lar-
ga critica, ou o espaço nos permitisse
largas referencias, teriamos de comba-
tê-lo rudemente. No «John Bull e Zé Po-
vinho» pretende fazer-se a análise aos
costumes portuguezes, mas de facto evi-
dencia-se apenas o mau-humor e a muita
injustiça de quem o escreveu. Segundo
a nota preambular e as afirmações ex-
pressas em várias laudas, o sr. A. Kot-
nay, cujo nome desconhecemos, é um
inglês, natural de Lincoln, o qual, ten-
do vivido dez anos em o nosso paiz,
foi depois para a sua terra corrigir im-
presões, falar de cátedra e dizer mal
de nós. Na lançamento da prosa e na
facilidade da expressão gráfica dir-se-
hia, porém, ter sido o livro escrito por
um portuguez que, mal disposto, apenas
scubesse olhar defeitos, exaggerando-os
em grande parte, não descartando,
por insensibilidade ou parcialismo in-
grato, naturais, esportivos, incontestá-
veis virtudes. Um «portuguez», porém,
não escreveria estas páginas onde, se
alguma verdade lampeja, embora cari-
caturalmente, muita injustiça se adivi-
nha. Procurar máscara estrangeira para
deprindir o torrão natal, deixaria de
ser uma tarefa ingloria, para se tornar
um triste manifestação de degeneres-
cencia. Assim, acreditamos que o au-
tor, tal como se nos apresenta, seja de-
facto um inglês pretencioso que, inca-
paz de perscrutar o fundo na nossa
alma de latinos, nos suponha em tudo
aparte os evidentes defeitos, interiores
ao seu povo e á sua raça. Evidentemen-
te não exigiríamos só palavras antigas.
Queríamos, no entanto, imparcialidade,
pois se dizer bem incondicionalmente
constitui uma inferioridade, embora lai-
vada de benevolência, dizer mal por
acinte e a propósito de tudo, jamais
constituiu diploma de superioridade.

Seja como fór, «John Bull e Zé Po-
vinho» será lido e comentado, e o seu
autor, que na sua larga permanencia
entre nós, apenas achou razão de apau-
dir o clima, as costureiras e os alfaiates,
talvez convenha, passada a impres-
são mal humorada, que foi injusto, vio-
lento e incompleto. Fez obra caricatu-
ral, e não obra séria de critica.

Dito isto, agradecemos ao editor a
gentileza da oferta, louvando-o pela
bela apresentação do volume.

Fig. 6: Anónimo, "Livros Novos. 'John Bull e Zé Povinho' por A. Kotnay", *Jornal de Notícias*, ano 52, nº 9, 11-01-1919, p. 1

Breve Análise do Primeiro Fascículo de *JBZP* em *A Lanterna* (1916)

Publicações

**«Análise à Vida Portuguesa.» —
por A. Kotnay.**

O sr. A. Kotnay, inglês de origem, mas tendo vivido largos anos em Portugal decidiu-se a escrever um interessante volume sobre os costumes da nossa terra, pondo-lhe em relevo as deficiências e os primores.

Olhando a curiosidade da obra, que é um documento ousado de crítica, os srs. A. Silva e J. Pereira, resolveram, com o pleno consentimento do sr. A. Kotnay, editá-lo em português.

Dai o ter aparecido já o 1.º fascículo de «Análise à Vida Portuguesa».

Desde as apreciações do traje e do asselo, à política e religião, tudo neste livro se ventila, como se visiona pelo sumário, não esquecendo as figuras típicas do nosso meio nem os seus usos mais salientes.

Agradecemos aos editores, a oferta gentil o 1.º fascículo, ora saído a público.

Fig. 7: Anónimo, “Publicações. ‘Análise à Vida Portuguesa’ por A. Kotnay”, *A Lanterna: Diário Republicano da Tarde*, ano 1, nº 240, 18-01-1916, p. 1

Breve Análise do Primeiro Fascículo de *JBZP* no *Jornal de Notícias* (1916)

**«Analyse à vida portu-
guezas», por A. Kotnay** — Recebe-
mos o primeiro fascículo de uma apre-
ciavel obra de critica aos costumes e á
vida portugueza pelo sr. A. Kotnay, sub-
dito inglez que durante alguns annos
viveu n'esta cidade e teve occasião de
apreciar a nossa gente.
Pela enunciação dos capitulos somos
levados a crer que se trata de uma obra
notavel.
Aguardamos os proximos numeros,
para melhor apreciação, agradecendo
aos editores srs. A. Silva e J. Pereira a
offerta do 1.º fasciculo.

Fig. 8: Anónimo, “Publicações. ‘Análise à Vida Portuguesa’, por A. Kotnay”, *Jornal de Notícias*, ano 29, nº 17, 20-01-1916, p. 2.

Anexo 9

Recensão Crítica a *John Bull e Zé Povinho* de Albert Kotnay (*A Águia*, 1919)

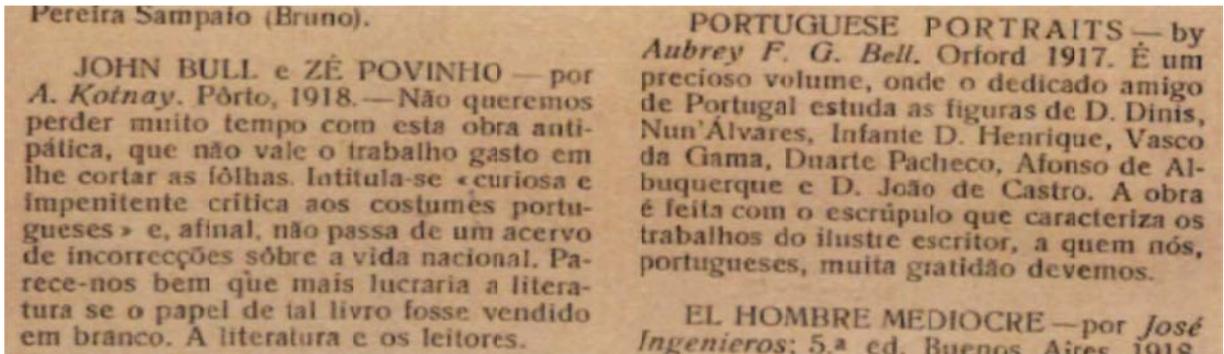


Fig. 9: Anónimo, “Bibliografia. John Bull e Zé Povinho – por A. Kotnay. Porto, 1918”, *A Águia*, nºs 91 a 93, 3º trimestre de 1919, p. 92.

Anexo 10

Enigma sobre *John Bull* e *Zé Povinho*



Fig. 10: “John Bull e Zé Povinho”, *O Radium*, ano 1, nº 16, 22-06-1918, p. 2.

Anexo 11

Enigma sobre *John Bull* e *Zé Povinho*



Fig. 11: “John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 38, nº 2, 2ª série, 14-12-1918, p. 1.

Anexo 12

Anúncio de JBZP

Um livro sensacional

JOHN BULL e ZÉ POVINHO

ANÁLISE À VIDA PORTUGUESA

Curiosa e impenitente crítica aos costumes
portugueses em confronto com a vida inglesa

— POR —

A. KOTNAY
(Y. B. A. & L. U.)

Brevemente á venda

Fig. 12: “John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 38, nº 2, 2ª série, 14-12-1918, p. 4.

Anexo 13

Anúncio de JBZP



Fig. 13: “Um Livro Sensacional. John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 39, ano 4, nº 3, 2ª série, 21-12-1918, p. 1.

Anexo 14

Anúncio de *JBZP*

Um livro sensacional

JOHN BULL e ZÉ POVINHO

ANÁLISE À VIDA PORTUGUESA

POR **A. KOTNAY** (Y. B. A. & L. U.)

Curiosa e impenitente crítica aos costumes portugueses em confronto com a vida inglesa. O livro mais interessante dos últimos tempos e o que mais implacável se mostra para com os defeitos nacionais, inserindo

SENSACIONAIS REVELAÇÕES SOBRE ASSUNTOS PALPITANTES

A' venda em tôdas as boas livrarias, e nos depósitos:

A Intermediária Limitada | **Guimarães & C.^a**

118, Rua Formosa, 120 — TELEFONE 1136 — PORTO | Rua do Mundo, 70 — LISBOA



Fig. 14: “Um Livro Sensacional. John Bull e Zé Povinho”, *Pontas de Fogo*. *Continuação de O Radium*, ano 1, n.ºs 42 a 47, ano 4, n.ºs 6 a 11, 2.ª série, 11 a 25-01-1919, 15 a 22-02-1919 e 01-03-1919, p. 4.

Anexo 15

Breve Análise de *JBZP*

«JOEN BULL E ZE' POVI.
NHO»—por A. Kotnay.—Editor
Higino J. Assunção.

Acaba de aparecer, espléndida-
mente editado, um interessante vo-
lume de análise á vida portugue-
sa, intitulado «John Bull e Zé Pò-
vinho», escrito por A. Kotnay.
Gráficamente a obra é excelente;
quanto ao texto dele nos certifica-
remos em breve. Por hoje agrade-
cemos ao seu ilustre editor, snr.
Higino J. Assunção, a gentileza
da oferta.

Fig. 15: Anónimo, “Livros Novos. ‘John Bull e Zé Povinho’ por A. Kotnay”, *Jornal de Notícias*, ano 52, n° 5, 07-01-1919, p. 2.

Recensão Crítica a *John Bull e Zé Povinho* (*O Comércio do Porto*, 1919)

JOHN BULL e ZÉ POVINHO, por A. Kotnay. (Editor Hygino Assunção).
—N'uma excellente edição acaba de apparecer uma obra cujo titulo é de molde a despertar a curiosidade do publico leitor:
Trata-se de uma obra escripta por um inglez que conhece a nossa lingua e n'ella se exprime com toda a independencia mostrando erros, aconselhando o educando, e fazendo tudo isto com espirito lucido e vendo claro
Analyses d vida portugueza et sub-

titula o volume em que se nota uma critica por vezes aspera e impiedosa a os nossos costumes, que postos em confronto com os exemplos da sociedade inglesa, nos deixam em situação pouco favoravel. Como os intuitos da obra são moralisadores, não temos que nos insurgir contra o autor, mas sim devemos procurar emendar os nossos erros.

Fig. 16: Anónimo, “Bibliografia. John Bull e Zé Povinho, por A. Kotnay”, *O Comércio do Porto*, ano 67, nº 2, 14-01-1919, p. 2.

Anúncio de JBZP

John Bull e Zé Povinho

Análise à vida portugueza, por A. Kotnay. Curiosa e impenitente crítica aos costumes portuguezes, em confronto com a vida ingleza. O livro mais interessante dos ultimos tempos e o que mais implacavel se mostra para com os defeltos nacionaes.

1 vol. de 366 paginas in-4.º 1\$50
Pelo correio, registado, mais \$10

Livraria Guimarães & C.ª — R. Mundo, 88

Fig. 17: "John Bull e Zé Povinho. Análise à Vida Portuguesa, por A. Kotnay", *O Século*, ano 39, nº 13388, 22-03-1919, p. 3.

“John Bull”
fala do
“Zé Povinho”

E APEZAR DE AMIGO VELHO, CHAMA-
LHE PORCO, GROSSEIRO, ESTUPIDO E
OUTRAS AMABILIDADES : : : : : :

De vez em quando uns olhos estranhos entram num país e, a título de inquirição, acaço, espiam, espionham tudo e enviam depois suculenta prosa para a sua terra, e para os seus compatriotas a fim de os deslumbrar ou de estrairer. Em geral estes livros que apparecem por análises de occasião não reflectem sendo aspectos grosseiros e superficialis dos povos que julgam estar a detalhar com uma minudencia psicologica de raro qualite. Na maior parte veem cheios de erros, e de blasfemias que são ao mesmo tempo injurias e insultos. Todos os que recordam do livro da princeza Rattazzi, e suas publicações deram azo a uma inmensa penitencia á imprensa por parte de quasi todos os nossos litteratos do tempo. Agora foi o sr. A. Kolnay, (Y. B. A. & L.) que vem analisar a vida portugueza confrontando-a com a de John Bull, seu illustre e respeitavel paes. O sr. Kolnay que é de Linceia, veio até ao Porto onde se demorou e depois de ter escripto um volume, e grosso, sobre a nossa vida, os seus artigos portuguezes insisteram tanto, tanto para que elle o publicasse que elle se arrojou e isso é aqui o livro que a nossa critica polharia com naturalidade e boa grammatica o nosso pacoio “Zé Povinho”.

O editor em duas palavrinhas que nos dá no principio elucidadas que obra se trata, e depois de ovetente para accessas polemicas... Ingenua ideia, esta, pois em 1919 já ninguém abisuta a critica politica, além de que, os excessos menos verdadeiros da obra foram corrigidos apenas de acção dos que editam os seus artigos attribuem; e a parte verdadeira, também não accenderá polemicas, visto que todos the reconhecemos verdade.

John Bull ao entrar a analisar, repete logo a limpeza, e a acção combatida ainda, haver o typo exantematico, todo elle espremeceu ante as varias essemias das multidoes sem comtudo notar que na sua lha as multidoes e os miseraveis cheirarem... a rosa.

Acepia-se nos quartos das pessoas que dormem de janellas fechadas, e ante as mulheres que se assoam ás suas, e se calam a saia da porta, e as mulheres não se escanhoa todos os dias, nem cuida do seu vestuario. Bacterias por toda a parte e o beca das suas é vulgarissimo; nota mais, John Bull que a pecaaria é uma das coisas mais deshonrosas para Portugal.

Sobre as “Manteyras” do Zé Povinho, John Bull fca abismado, conta a exploração do que foi victima, as impressões de “estouristas”...

“O repazio afortunado de como talves, os artigos de Africa, e a vsem europcu... Além de tudo um forasteiro é crimosamente espiado de todos os modos e por toda a gente. Pala dos empurões e dos pisa-calos, da inlencia dos “aparvenus” e da cordeidade de sr. Bernardino Machado. A forma de andar na rua, a indolencia portugueza... Ora o portuguez é de indole pouco activa e dado a sharchar n’uma lentidão de burro lemoso e posto a andar n’um passeio agastehusa de quele subirkito uma ladaina sob uma carga pesada. Não ha forma de o apressar a não ser que se lhe acene com a aveia, que para os homens deve tomar a forma da caneca ou o vulto d’uma mulher graciosa.

Logo a seguir a estas anaveis referencias aos modos do portuguez, John Bull, sempre n’oste elegico estio, e dando de mltura algumas coisas acertadas, fala... da politica e da religião, do que nos dispensam os leitores. Depois vem a politica—cu- pítulo que agora não tem já oportunidade, visto que depois da reforma a nossa politica se tornou semelhante á de Londres, e o “Exceção” que o editor contou... por conveniencia ou talvez pelas inconveniencias.

Solta o “Temperamento”, John Bull, diz que, cum dos aspectos mais do temperamento dos portuguezes é a sua predisposição para os folgedos... o que não é para a nossa politica, e ha mltos artigos a francez dizia que eramos “etoujours gai”.

Uma pancada no hombro— diz o nosso psicologo—é a cor-

rente que electriza os corpos e que os impelle em movimentos desbragados e mais adiantes: são capazes de dançar o “maxixe” em todos os tempos d’uma capodina e basar o fado n’uma seleção de operal. Mas o que os leitoes não sabem, além de muitas coisas que the comittimos, é que no “Natal” celebram a vespera com bromendas libações e ceias pantagruelicas, e é a noite da bebedeira geral, em que a familia e os servos se podem emborrachar em commum... e logo de seguida John Bull fala da saudade do Zé Povinho, da sua arte de namorar, da “ffintation”, etc.

No capitulo “Sport” começa por... o apotuzez d’um ar- nido vulgar de Lineu) e quando trata dos costumes subordina tudo á segurete phrasas e vícios abismos amensamente boios da gente bronca e costumes infinitamente parvos da gente culta. E’ neste capitulo que John Bull belisca o sr. Julio Dantas, o dr. Brito Camacho e insulta Forjaz Sampaio.

Os jornalistas vdem uma fona com elle que descobriu ao em Portugal, ao imbecil ter por costume subordina, e viver inquieto da gente a illudir a outra metade”. E’ espantoso de psicologia, o nosso velho amigo John Bull. O que elle foi desco- brir em Portugal! Consagra o nosso analista, depois algumas paginas a variedades, como a infancia desvairada, empregados publicos, pornographia, velas d’Erbon, bruxedos e ao methodo de trabalhar onde he mais ideal do trabalhador portuguez: 8 horas de trabalho e 12 de taberna.

24.

E ha muito ao fim, em 24 linhas curthas, os “curiosos” portuguezes, que se resumem em 3 mandamentos: o deliciozo e aconfortavel chuma, a fertilidade assembrosa d’aquele ao- bendito com essas preciosas fontes do famoso Port-Wine (da- ca lava o leão); a graciosidade capivante das mulheres; e o Fado. Como no logo: nada mais...

Reservamos para o fim o capitulo “Curiosidades” porque é, a verdade, o mais... O illustre subdito de John Bull, diz que conseguiu haver á mão netalhos e recordes de jornaes para revelar a realidade de certos pontos exoticos da sociedade portugueza bem devassada. São trechos de artigos do “Mundo” e outros jornaes em epocas differentes phrasas de discursos do dr. Antonio José d’Almeida, a quem chama “Messias do volco colonial”, phrasas de Adpoim, de Maria Monteiro, que chama “escroco”, v da Cunha e Costa, a uma senie de auctores do tempo do cultu- rino) e onde figuram Guedes de Oliveira, Junqueira, etc., que n envolve com commentarios d’es- te teor:

“O vosso clamor, assim como o vosso odio não atingiram o gigante. Eis como agora se bebam, da propria bula, os furiosos de entio. E’ a raiva do cachorro que se apazigua á vista do osso”.

Não se trata pois já d’um indi- viduo que viu e estudou os nos- sos costumes e os apontou como curiosidade aos seus compa- triotas; é um protencioso, que imiscuido na nossa vida, vem fazer politica na nossa propria casa, e portanto supotese os desrespeitos a que tem direito. Um analista, não põe adjectivos, e nem bons nem maus, não sabe de “escroco”, nem de apacho, nem das intrigas politicas, nem das chuma, brochos, chuma- lhas aos homens que veia visitar. Perde todo o interesse documental, pois se advinha no palvrea- do insultante apenas um protencio para escandalo, o escandalo proprio á venda do bicho.

Des que possamos haver no accusatorio do pobre Zé Povinho, morrem as fultadas de ins- sicias, e John Bull que julgava ter feito um bello gesto para a posteridade, com a publicação da sua critica, desassombrada e justa, fica ainda mais com a certeza de que o seu allado é de desconsiderante e grosseiro pois a critica responde a obra e é outro gesto, inutil de classifi- car e descrever.

A. F.

Fig. 18: A. F., “John Bull’ fala do ‘Zé Povinho’”, A Capital: Diário Republicano da Noite, ano 9, nº 3067, 22-03-1919, p. 1.

Anexo 19

A Submissão do Zé Povinho

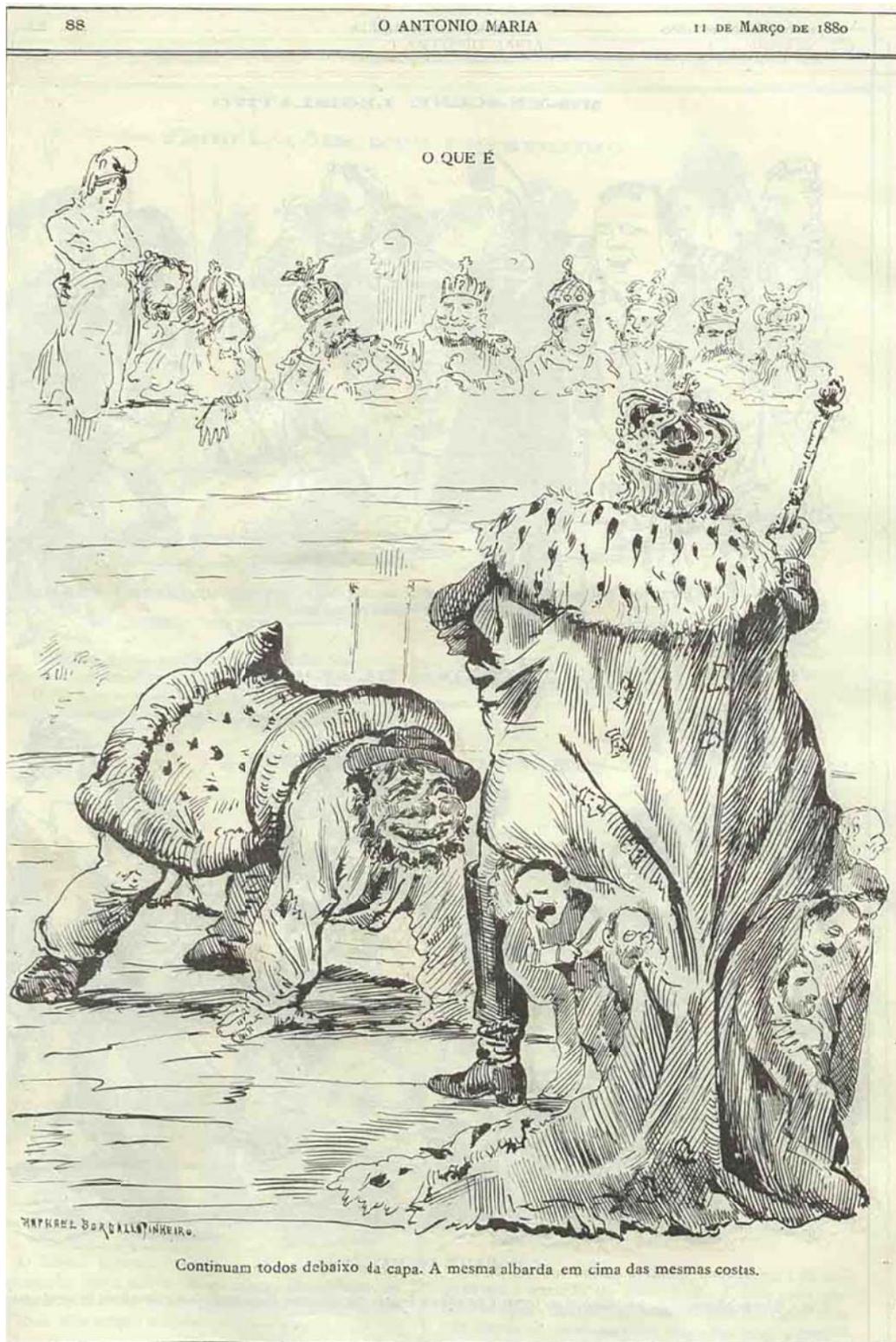


Fig. 19: Rafael Bordalo Pinheiro, “A Política: O Que É”, *O António Maria*, 1ª série, nº 41, 11-03-1880, p. 88.

Anexo 20

A Submissão do Zé Povinho: depois das Eleições

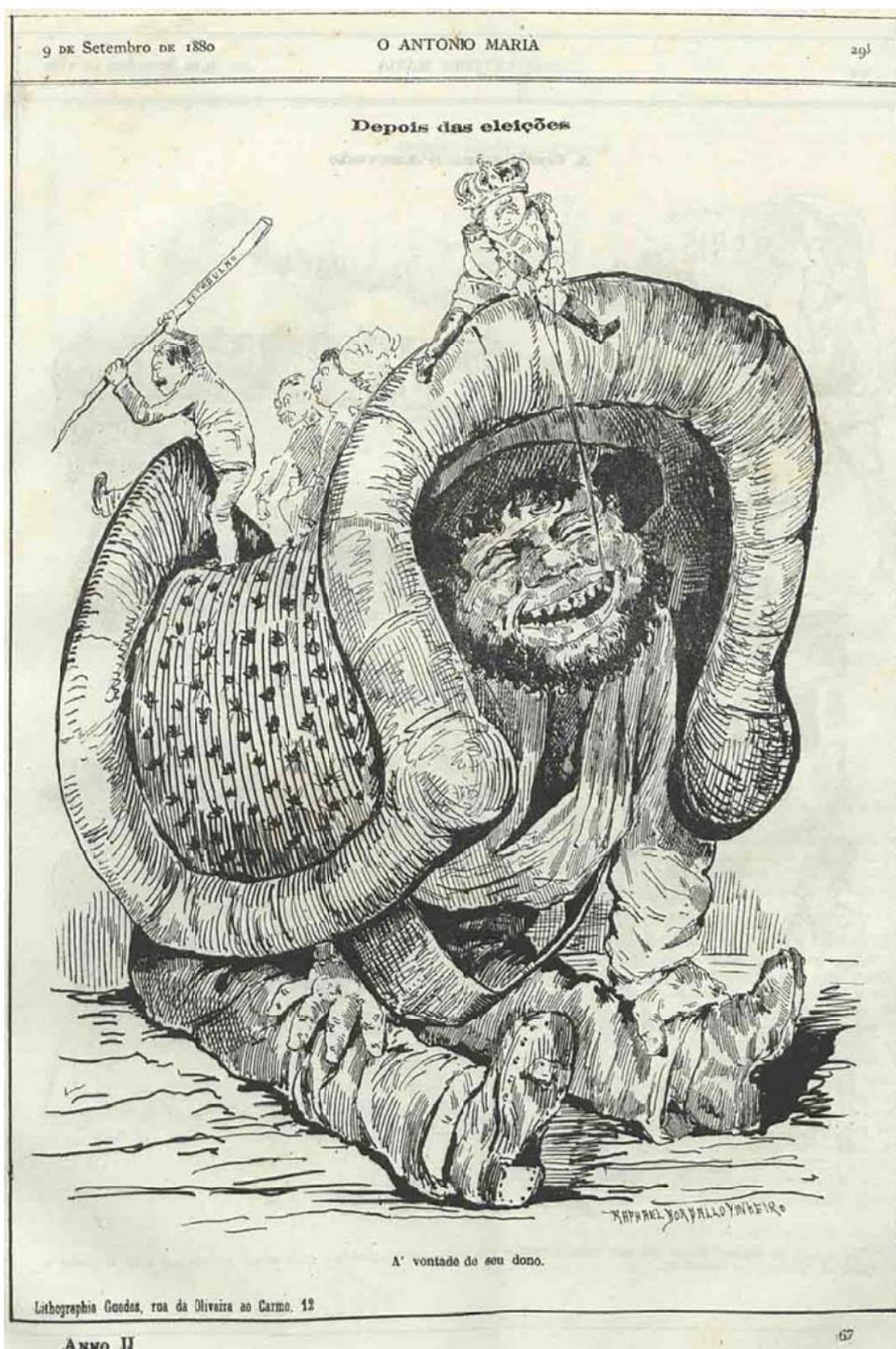


Fig. 20: Rafael Bordalo Pinheiro, "Depois das Eleições", *O António Maria*, 1ª série, nº 67, 09-09-1880, p. 293.

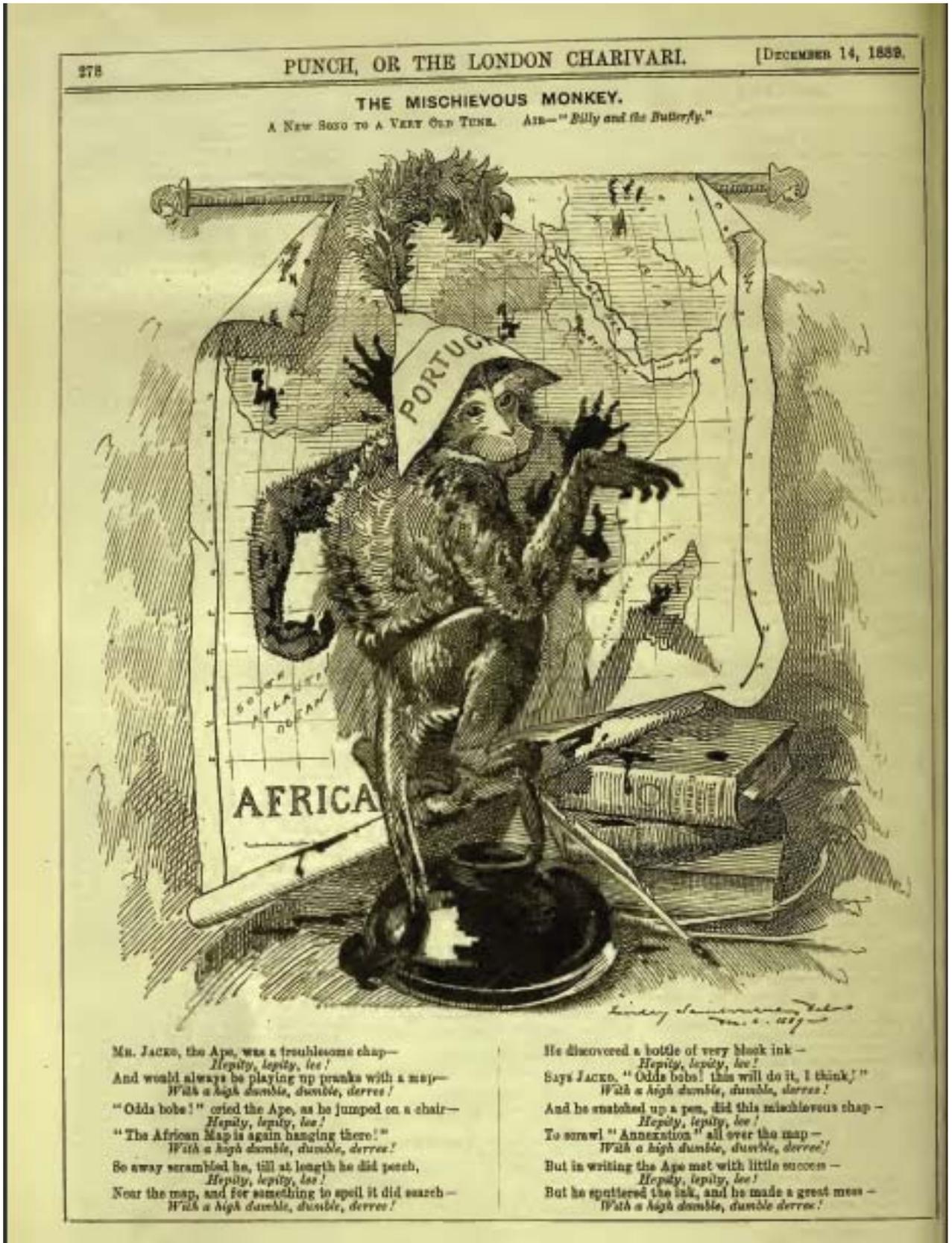


Fig. 21: Edward Lindley Sambourne, "The Mischievous Monkey", *Punch*, 14-12-1889, p. 278.

Anexo 22

A Representação Britânica de Portugal (*Punch*, 1889)

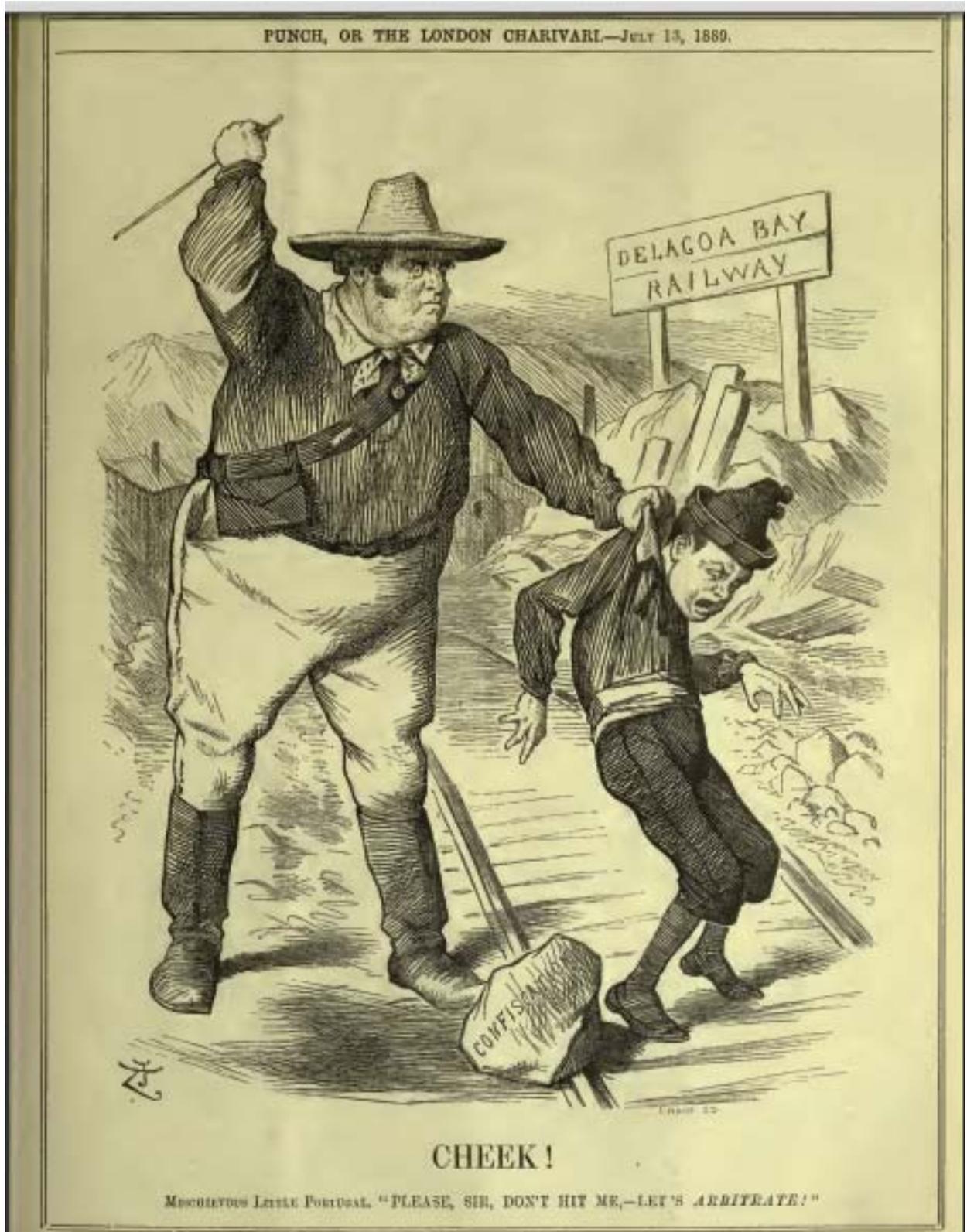


Fig. 22: John Tenniel, "Cheek!", *Punch*, 13-07-1889, p. 19.

Anexo 23

A Polícia Retratada por Rafael Bordalo Pinheiro

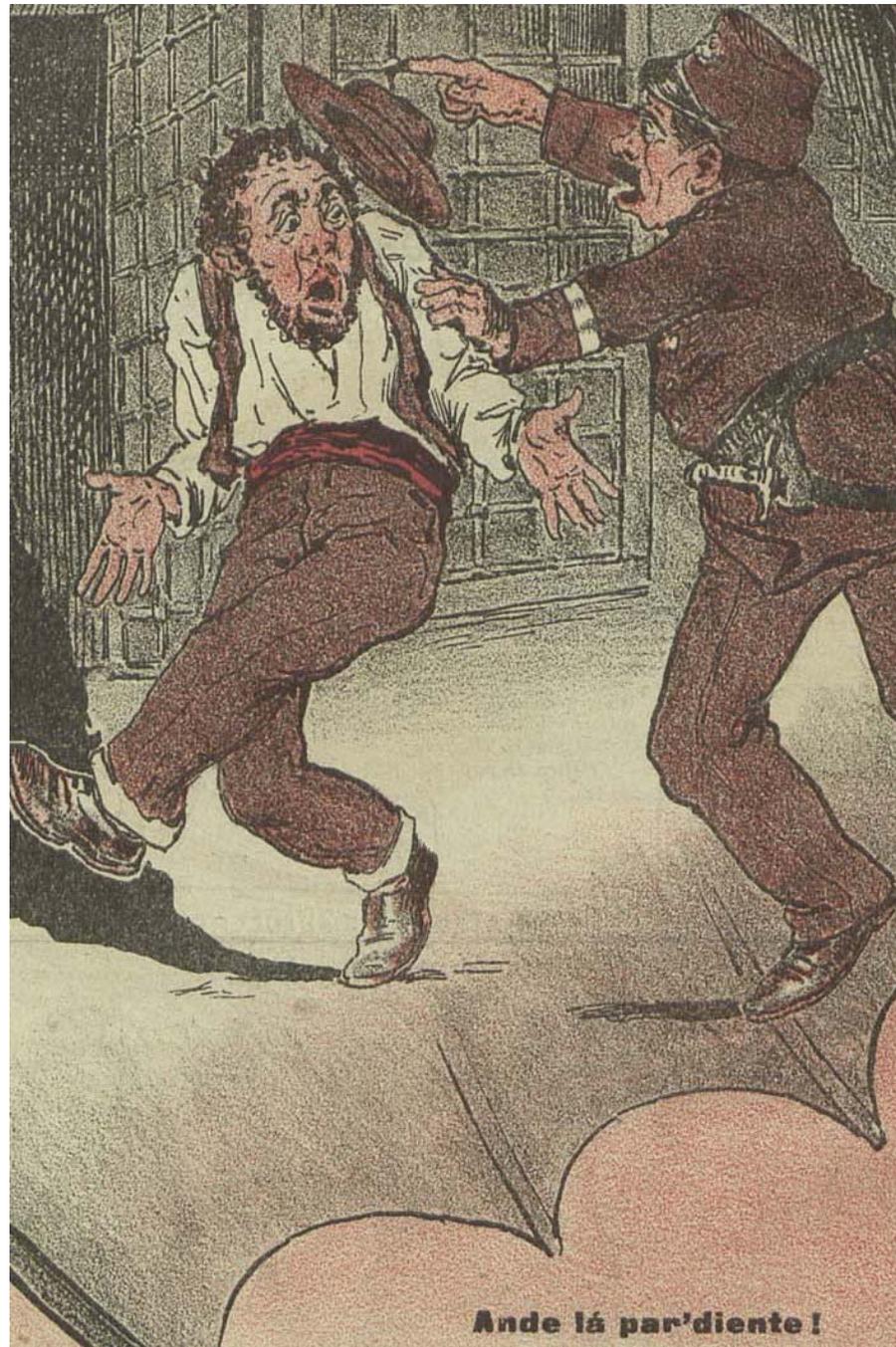


Fig. 23: Rafael Bordalo Pinheiro, "A Actualidade", *A Paródia*, nº 67, 24-04-1901, pp. 132-133.

A Polícia Retrutada por Rafael Bordalo Pinheiro

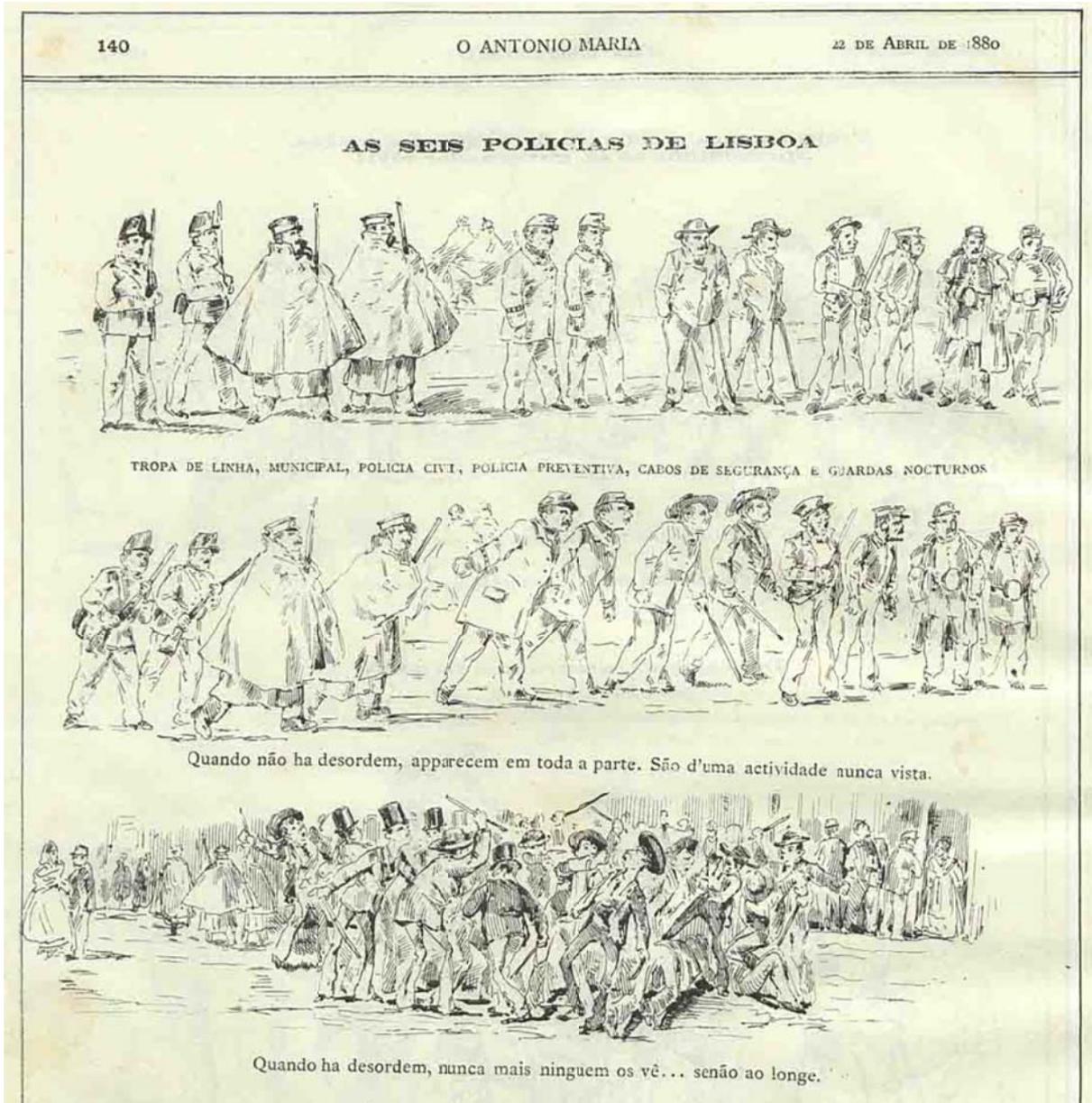


Fig. 24: Rafael Bordalo Pinheiro, "As Seis Polícias de Lisboa", *O António Maria*, 1ª série, nº 47, 22-04-1880, p. 140.

Concertos Populares à Portuguesa

PREÇO 10 RÉIS ANNO VIII

OS RIDÍCULOS

Director CRUZ MOREIRA (CARACOLES)
BIS-SEMANARIO HUMORISTICO
Proprietario - CRUZ MOREIRA

Secretário — Soares da Rocha.
Administrador — Jayme Marques.

Redacção e Administração — Rua da Barroca 131, 1.º
Composição — Rua da Barroca, 131.
Impressão — Rua da Bica, 71.

PREÇOS DE ASSIGNATURA (pagamento adiantado)		PUBLICA-SE A'S QUARTAS E SABBADOS	PREÇOS DE PUBLICAÇÃO	
12 números o livro, anno.....	12.000 réis		Anuncios na 1.ª página.....	33 réis a linha
6 números o livro, anno.....	6.000		Reclamos na 3.ª.....	209
3 números o livro, anno.....	3.000		Toda a correspondência relativa à administração deve ser dirigida ao administrador.	
1 número o livro, anno.....	1.000			
1 número o livro, anno.....	500			
1 número o livro, anno.....	250			

Lisboa, 21 de Setembro de 1912

Editor — C. Moreira

CONCERTOS POPULARES!

São João do feijão de mar

Jorge Colaço

A PORTUGUEZA!

Fig. 25: Jorge Colaço, “Concertos Populares à Portuguesa”, *Os Ridículos*, nº 730, 21-09-1912, p. 1.

Anexo 26 – O Comportamento dos Espectadores Portuenses

O meu modo de vêr...		Sec
VII		(1)
	Costuma dizer-se que a boa educação duma pessoa se mostra no jogo. Eu direi que é no teatro. No jogo há a grande atonante dum organismo nervoso excitado pelo azar; numa plateia, a sangue frio, quem se manifesta mal educado é porque o é... sem contração alguma. Ora, no Porto, a educação nos teatros deixa muito a desejar...	(2)
	Conheço algumas pessoas que, gostando muito de teatro, não vão lá com receio de se incomodarem ou de terem de fazer a aplicação dum correctivo...	**
	E' certo. Não conhecendo gente mais mal criada do que nesta terra, essa má criação <i>refina</i> numa casa de espectáculo. São piramidais de incivilidade!	
	O leitor, se é que me lê, já lhe deveria ter sucedido aturar um <i>visinho</i> do seu <i>fautail</i> a palestrar com outro em alta voz durante a representação. Num camarote mesmo, já não lhe será novidade ter de suportar toda a noite umas <i>mentinas</i> do lado que, a cada personagem que entra ou sai, a acompanham dum comentário ou duma gargalhada, isto com a semceremônia natural de quem está na rua ou em sua casa. E o leitor que pagou o seu lugar tem de <i>grammar</i> toda aquela <i>pandega</i> , porque o papá das sobreditas <i>meninas</i> ignora que no teatro não há o direito de se incomodar quem lá vai, nem me parece que se gosc uma peça, assim, sem a ouvir nem a deixar ouvir aos outros.	(3)
	A entrada dos espectadores retardatários na sala depois do pano erguido também é abuso que não pode tolerar-se. Havendo aqui o mau costume de se enganar o público anunciando os espectáculos às 8 e meia para começarem depois das 9, nem ainda a essa hora os srs. espectadores entram. Parece mesmo que esperam só que o pano suba para depois terem de incomodar quem já está sentado e com a atenção fixada no palco.	16 -1 -p j-1 -9 -3 -6
	No Sá da Bandeira houve, ou há ainda, uns avisos da empreza, podendo, delicadamente, ao público, para se sentar antes do pano se erguer, mas é letra morta, como é tudo o que represento no nosso país um progresso ou uma mera tendência de civilização.	(4)
	Fora disto há uns episódios duma originalidade genuinamente... portuense. Por exemplo: ainda ha pouco, na última vez que aí tivemos a companhia do Nacional, de Lisboa, ouvimos nós um <i>fanota</i> a acompanhar a <i>assobio</i> um trecho de violino que Nicolino Milano executava primorosamente num dos intervalos.	
	Apeteceu-me pedir ao insigne maestro que terminasse o trecho de rebeca para ouvirmos só e deliciarmo-nos com o trecho de assobio, que, de mais a mais, não estava no programa.	
	Já não falamos nas <i>piadas</i> das galerias, nos choros das crianças, nem nas caturreiras dos circunstantes durante a representação duma peça. A's vêses a sala do hoje nosso primeiro teatro parecerá uma praça de toiros, uma <i>crèche</i> de infância ou um sanatório de tuberculosos, mas nunca a sala dum teatro da segunda capital do país.	
	No entanto, a imprensa desta boa terra só reclama que a sala não fique às escuras para se não deixar de ver as <i>toilettes</i> e os <i>chupéus</i> das dainas!	
	Que puro <i>subismo</i> !	
	Tristão Amêno.	

Fig. 26: Tristão Amêno, "O Meu Modo de Vêr", *Pontas de Fogo*, ano 1, nº 16, 15-05-1915, p. 2.

A Opinião de Kotnay sobre as Telefonistas

Albert Kotnay, <i>JBZP</i> , p. 339
<p>“Faz-me lembrar a evolução da tática que usavam as interessantes telefonistas portuenses: Fevereiro a Novembro «-<i>Que número quere?... Está a falar... Está a falar já disse... Já lhe disse que está a falar</i>». Novembro a Fevereiro «-<i>Que número deseja?... tenha a bondade de esperar um bocadinho que está a falar, mas eu depois ligo para aí.</i>»</p>

A Opinião de Gay sobre as Telefonistas

Eu não sei se o leitor tem observado uma curiosa transformação que se opera todos os anos na forma como as senhoras donas telefonistas tratam o público.

Se ainda não deu pela transição, tenha a bondade de reparar no tom com que respondem a V. Ex.ª no período compreendido entre o dia 25 de Novembro a 25 de Janeiro, e confronte com o que usam durante o restante tempo do ano. Ora veja se não é assim:

De 26 de Janeiro a 24 de Novembro: «*Que número quer?*» — «*Está impedido...*»
Está impedido, já disse... Já lhe disse que está impedido... caramba!

De 25 de Novembro a 25 de Janeiro: «*Que número deseja?*» — «*Está a falar, mas V. Ex.ª faça o favor de esperar um bocadinho, que em o número...*»
acabando de falar eu ligo para aí, é sim? Pronto, tenha a bondade de atender...

O leitor não acha curioso isto? Não encontra certo sabor *sui-generis* na mudança de linguagem na estação a que estamos chegando?

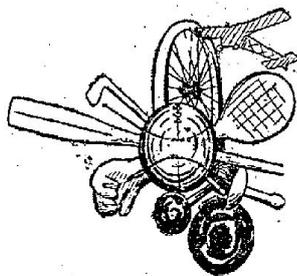
Silva Gay

Fig. 27: Silva Gay, excerto retirado de “Pontas de Fogo. Um País Ideal. Telefones”, *O Radium*, ano 1, nº 35, 24-11-1918, p. 2.

A Opinião de Silva Gay sobre o Desporto em Portugal

(SECÇÃO AUTÓNOMA)

PÁGINA



O Desporto na Vida

Em Portugal ainda não se compreendeu o verdadeiro objectivo do Desporto.

É a tristíssima evidencia que nos dá a lamentabilíssima apatia que por aí reina, a muito deploravel indifferença das gentes por tudo o que respeita á cultura física.

Pois é realmente pena que os nossos governos não tenham tido aquelle zelo altruista e patriótico de debelar o medonho cancro que põe o paiz ás portas... do serião — 90 % no analfabetismo é um daqueles *deficits* capazes de mudar a situação geográfica... moral da nossa Patria. E só a influencia da falta de Instrução é que motiva este atrazo na percepção dos beneficios que o Desporto traz consigo, um passatempo tão util que já ha tantos seculos agradou a gregos e a troianos.

Mas é verdade; o êrró vem de cima... e de longe. O exemplo das grandes nações não serve de estímulo aos portuguezes porque o espirito moralisadór que irradia da regular pratica dos desportos, não é aquelle que mais convem á nossa Sociedade. Por cá agradam mais os costumes oriundos de certas rodas e centros de luxo, como por exemplo: de determinadas classes de Paris, de certas ruas de Berlim, Pola e Gratz. E isto é para não ir alem de França, Alemanha e Austria. São

gostos. Mas se os nossos poderes publicos em alguma conta tivessem a vitalidade, a perfeição ou robustez da nossa raça, ficariam aterrados em face de uma conscienciosa estatística feita de acordo com as reinspecções a que se está procedendo. Somos uma raça perdida...

Eu não pretendo afirmar que o Desporto seja um radical isolador do contagio de enfermidades, mas sim asseverar que a actividade desportiva atráe para um campo mais são e puro a mocidade que poderia estiolar-se e viciar-se pelos antros em que por aí se corrompem os nossos rapazes.

As coisas chegaram a um ponto tão degradante, a um tal cumulo de devassidão, que já se pretendem apresentar como credenciais certas habilidades na execução do *Minueto*, — velha dança franceza que agora fascina grande parte dos portuguezinhos valentes.

Até já há uma entidade com atribuições iniciadoras e classificadoras, edificamente denominada «*Sociedade do Minueto Ambulante*».

Não tenham duvidas: Só pelo Desporto se póde operar o alevantamento duma raça que se encharca em ignominia. Eu bem sei que ainda ha quem considere ninharia a causa em que eu e muitos mais pômos uma radicada esperauça, mas isso não nos desfalece... E até á semana.

Box

É cada vez mais animador o entusiasmo que se observa por este belo desporto. No *Salão Sport* são concorridissimos os treinos de tarde; vão abrir-se novas secções de *Box* em varias sociedades de recreio, e até já se projectam *poules* e Campeonatos.

Hoje cabe-me um prazer duplo

ao t
a nc
A
San
ça»,
trin
prêj
insc
par:
mer
ria,
adé
gun
qui
as
lav
bôa
rigi
sin
iat
bre
pu
ral
Arr
bo
e :
Gi
pe
fe:
tiv
pa
Ce
li:
ar
p:
v:
lc
la
h
u
d
rr
n
p

Fig. 28: Silva Gay, "Página Desportiva. O Desporto na Vida", *Pontas de Fogo*, ano 3, nº 103, 17-02-1917, p. 4.

Crónica Londrina

2, Moeklenburgh Street
20 de Abril de 1916

Carissimi.

Algumas palavras mais sobre o assunto de que me occupi na minha carta anterior.

Folhei *Os Estrangeirismos* de Candido de Figueiredo, essa esplendida obra de assistencia á integridade da nossa lingua, e não encontrei alvitre que justifique o neologismo *Futebol* ao lado de *Cricket*, *Lawn-Tennis*, *Box*, *Jiu-Jitsu*, etc., etc.

É certo que aquêlo que nas actuaes circunstancias é para nós o Mestre da lingua portugueza advoga a adaptação ao nosso idioma dos estrangeirismos indispensaveis, mas não teve para *Foot-ball* uma deliberação semelhante á que adoptou para outros anglicismos. Antes opinou que difficilmente essa expressão desapareceria dos dominios do *esporte*.

E o facto que irritou o meu querido Kotnay, ao imaginar uma usurpação ou um *anglobolismo*, provocou em mim uma impressão desagradavel.

Não concordo com adaptações parciais. Se decidiam aporluguezar essas expressões—e já quando haviam adaptado *sport*—tratassem da mesma sorte todos os derivados do *desporto*. E as excepções que encontramos a miúdo dão um péssimo effeito, quando não oferecem contrastes grotescos.

O leitor que quizer percorrer um jornal desportivo ha de, certamente, ficar um tanto confuso ao deparar com um trecho deste quilate:

... O *ground* offeria um aspecto bizarro... a *toilette* das senhoras puzia uma nota risonha, *charming* na diversão...

A entrada da *equipo*...

Reboaram os *burrahs*... Adivinava-se um *match* á *outrance*... Logo apoz o *kick-off*, o *forward-centro*, marcou o 1.º *goal*... estava *off-side*, marcado um *penalty*... para o *score* do seu *club*... o sangue-frio do *goal-keeper*... um *corner* sem resultado... e assim findou o primeiro *half-time*... num *élan* admiravel... esplendido *dribbling*... *shoot* certeiro marcou a terceira bola... a linha dos *forwards*... o *ponta-direita* tem uma *ponta* pé forte... *chutou ao goal*... F. estava deslocado... *jogava a half*... é um magnifico *player*... reúne optimas qualidades para *foot-ball*, etc., etc.

Não é difficil encontrar locados que, como este, fazem o desespero do nosso illustre Candido. Desta inconsequente amalgama resulta uma prova flagrante de incoherencia daquêles que, pretendendo render um serviço ás letras patrias, desprestigiaram-nas.

Concordancia e *bun-senso*, amigos!

Muitas vezes tenho desejado relatar-vos factos muito extraordinarios que aqui observe, e que aí causariam verdadeira sensação, porque prendendo-se com a guerra actual, affectam naturalmente o nosso paiz.

Estão, porém, certo de que a Censura inglesa não deixaria passar essas informações; e quando mesmo conseguissem chegar ao Continente, seriam então condemnadas irremediavelmente pela Censura portugueza. Nós somos, em regra, ou queremos ser sempre mais papistas do que o próprio papa, e, por consequencia, julgamos ver tração! no que é simplesmente um ponto num 1.

Vejo pelos jornais que as autoridades respectivas não estão com meias medidas. Extirpam um cancro onde estiver uma inpingem! Muito bem!

Quando observo esses *trop-dezele* não posso impedir-me de rir, porque me lembram os esforços que os governantes da Monarquia

empregavam para escorar o trono carunchoso. É sempre, em qualquer occasião ou em qualquer lugar, um erro grave pretender cithar a Liberdade. Tenho aqui aprendido muito, porque a Grã-Bretanha ensina politica ao Mundo, ainda que alguns scepticos não creiam na inegalavel diplomacia inglesa.

Falar-vos-ei sobre teatros na próxima carta.

Não quero terminar sem vos contar um caso curioso que eu presencié e que sendo uma manifestação sintomatica da actual evolução do espirito britanico, nos dá um caracteristico exemplo da tolerancia inglesa.

Realisava-se um concerto de musica alemã no *Queen's Hall* ao qual, como é de prover, só assistiam ingleses.

No momento em que se executava a ária da *Trizzi*, levantou-se uma senhora e, em voz vibrante e comovida, gritou para a assistencia:

«Ingleses e inglesas: protesto contra o facto de se tocar musica alemã em Inglaterra, enquanto compatriotas nossos, estão sendo chacinados por alemães.»

É possível que esta exclamação produzisse ai uma explosão deplorable de applausos? No *Queen's Hall*, porém, eu verifiquei um acto extraordinario.

A *interrupção* foi obrigada a calar-se e posta, com a maior delicadeza; no meio da rua, enquanto o concerto proseguia.

Quer-me parecer que o nosso publico ha de ouvir com tanto agrado a musica de *Wagner* como se lhe assobiassem o hino da Cartal.

Silvio.

Dentre basfildores

Afirmava D. Calisto, espirito culto e fino
e o rei dos paltradores,
viterem pouco os actores.
E se'alguien interrogava
a razão porque afirmava,
tam má e cruel sentença,
ele, c'uma fúria intensa,
dizia: Na sua vida,
nos palcos, passando a vida,
notem bem, ó meus senhores,
morrem depressa os actores,
porque dall se não tiram
e ar scenico respiram.

Tvv.

Conta-se:

—Que o Meireles está cada vez mais francoilto apezar da *lampo* franceza.

—Que apezar de comprar tout *Au Bon-Marché*, sente-se atrapalhado.

—Que o Meireles e o Pastor já fizeram a carta para o Comissario. Só falta escolher as posições.

—Que o Henrique Castanho faz questão em os acompanhar.

—Que o Toninho já comprou a faca para matar a «Carmen».

—Que vai muito bem no seu papel e tem quôda para o *conto*.

—Que o Antonio e a Assunção Castanho estão sempre a gritar pelo pápá.

—Que certo amigo está furiosamente Herculinado.

—Que o Zé Guinôso está a dar a ultima demão no *autonovel* *dernier cri de la mode*.

—Que o Conde Cardoso já recebeu a *encomenda* do Brazil e marchou com ela para o Arcinhu.

—Que o Paiva Baroneto vai publicar um livro que se intitulará «Luizadas».

—Que este livro será prefaciado pelo Zélavado.

—Que está constituída a Sociedade Castanho, Pastor & Meireles para a exploração das aguas doces e salgadas.

—Que o garrano do Zé de Al-

Fig. 29: Silvio, "Crónica Londrina", *Pontas de Fogo*, ano 2, nº 16, 13-05-1916, p. 3.

o, tomando o publico como seu dispor e da *claque*, só bilheteria que lhes encha a ja ferida de morte e a Verdida.

nossa teimosia, a nossa per-conseguir o ganha-pão de co, uma distracção artistica do possivel, um incentivo a ralmente aparecerão quando e o seu trabalho são condi-ufando-se com probidade e as peças a que ligaram o seu á a época teatral. Não ha-com A maiusculo, bem em-a constituir um empresa e a gnas de se chamarem as- dẽ bom teatro como o tive-as de anos, muito embora o pouco mais por os seus lo-

maiores artistas, quer apare-çam no palco modestos ama-dores.

Mas, vendo que a maior parte dos espectadores parecia sempre depois de subido o pano, incomodando e fazendo barulho, e atribuindo esse atraso, não a falta de educação, mas a falta de relógio, resolveram, em assembleia magna, distribuir uma boa dose de seis em seis meses, a ver se um dia, emfim, poderiam gosar a doçura de uma representação completa, tranqüilamente, sentados, todos a tempo e horas, nos seus logares.

Ora aqui está.

Pená é que a maldita guerra os iniba de continuar a tarefa encetada—ou que a autoridade não obrigue os retardatários a esperarem nos corredores para não incomodarem quem paga e vai cedo para o teatro...

Comediantes

Pontas de fogo

Flirt

Em Portugal o *flirt* representa uma das condições mais essenciais da nossa vida. E' quasi a justificada razão da existencia das creaturas que no *flirt* encontram o sumo retemperador das suas ambições vitais. E, coisa curiosa, é na nossa terra que o *flirt* se cultiva com a observancia mais rigorosa e absoluta da sua verdadeira acepção. Porque o que geralmente se traduz por cortejar, galantear, significa mais propriamente: *escarnecer, saracotear, doidejar, arremessar, agitar, precipitar, zombar*, conforme a interpretação que qualquer dicionário de inglez nos dá de *flirt*. E aqui se verifica uma extranha coincidência: enquanto na terra-mãe do *flirt* se tenta dissimular a sua significação original, — pois entretem o *flirt* com sobriedade e ademães de simplicidade admiráveis, — (vejam os exemplos que a colonia inglesa por ahí nos proporciona) — em Portugal a gente entrega-se a ele com a decidida disposição de o seguir a pre-

Beliscos...

Os atributos de Gay

... não são os atributos físicos que me granjeiam uma tal distincção.

Silva Gay

(Do último número de O Radium)

Caro colega: Essa agora Veio deceptionsar-me!... — Sem piada ao Edurisa, Pois não foi p'ra salientar-me Que escrevi á sua guiza. —

Eu, que sempre o consid' rei Um sportman dos mais teozos, Dos mais rijos, mais valentes, Que até levantava pesos, Com as mãos, quicá co' os dentes,

Vê-lo agora confessar, Como nunca soe ninguém, Que lhe faltam atributos, Quando, á farta, tantos tem Como o Burnay tem charutos?...

Isso é modestia, de certo, E você vai confessa-lo!... Se o não fosse, quem teria O mau gosto de abraço-lo, Com tanta galanteria,

Como, eu já sei, que o fizeram? Diga bem do belo sexo, Que, nisso concordo eu; Porém, que haja um amplexo, Sem essa coisa?... Isso, péu!...

Como podia você Abraçar alguém sem braços? Pois braços são atributos Sem os quais não ha abraços, Que dos braços são produtos.

Joaze

ceito. E assim, na exhibição permanente da grãnda fita «A Vida Portuguesa» nós vemos incessantemente como episodio constante e imutavel o *flirt*, encenado sob o rigor maximo da stricta obediencia ritual, ou por outra: um individuo a *escarnecer*, a *saracotear*, a *doidejar*, a *arremessar-se*, a *agitar-se*, a *precipitar-se*, a *zombar*, e outro a ser *escarnecido*, *saracoteado*, *doidecido*, *arremessado*, *agitado*, *precipitado*, *zombado*.

E' possivel que a minha absoluta falta de experiencia me prejudique na verdadeira percepção dos tramites convencionais dum idillio, e que, efectivamente, tudo isso que por ahí se vê seja muito bem e esteja muito certo com o argumento da pega, mas eu, confesso, não me convenci ainda da utilidade aproveitavel desse ininterrupto desenrolar da *fita*, ou do beneficio que da sua pratica advem para o Bem da Humanidade.

Porque o meu raciocinio leva-me a formular certas perguntas que poderão fazer abrir em gracioso sorriso os beiços formosos da gentil leitora, e franzir os labios grosseiros do rustico leitor, mas que não são facilmente respondiveis: para que se namora? Que goso especial de ventura tem o que se entregam assiduamente ao exercicio dessa ociosidade? E que vantagens traz para o casamento o prolongado ensaio a que se entregam os portu-guezinhos?

Ora digam-me os meus

amiguinhos se não é lastimavel a attitude de todos esses namoradores de ventas no ar falando e gesticulando para alguém que do alto os ouve e observa! Eu tinha colhido dos livros que li uma noção diversa de idillios e amor! Julgava eu — o ingenuo — que quanto mais recatado fosse o colloquio tanto mais doce para os corações e labios... Hoje, porém, a vida real revela-me aspectos novos e novos horizontes se rasgam. Vejo que para bem gosar a vida o portu-guez se julga obrigado a viver amarrado ao destino da primeira mulher que a sua fantazia escolheu, para, logo que as convenções ratificaram a sujeição da companheira, ele se liberte despedaçando a grilheta que ele, na apparencia, havia voluntariamente chumbado a si mesmo.

Eu scismo frequentemente na estranha propensão com que a natureza me dotou para sorrir de tudo; não importa a muita ou pouca grandeza do objecto: o sorriso é sempre medido pela mesma tonalidade. Para mim — perdõeme a irreverencia os que se sentem verdadeiramente apaixonados — não ha idillio serio, porque eu não acredito na pureza das intenções de dois seres que á vista de todo o mundo, suspiram, anelam e abrem o precioso relicario dos affectos. E eu sorrio. Primeiro, porque as afuniladas frases da menina não podem sahir do seu coraçãozinho timido e recolhido; aquilo é um gramofone pôsto para ali a guttuchar com corda determinada. Segundo, porque ele não pode sentir por ela aquela acrisolada e sagrada afeição que já lhe confessou mil vezes por carta perfumada.

Se assim fóra, não teria o desplante de a forçar ao supplicio que todos nós podemos observar: o formoso peito amachucado contra a ignobil frieza do ferruginoso ferro, ganhando, com o decorrer do tempo, uma desgraçosa protuberancia costal.

E eu continuo a sorrir dos meus concidadãos, porque cada vez os acho mais pitorescos. A principio parecia-me que o objecto do *flirt* era, no homem, a necessidade de estudar, conhecer e habituar a sua futura esposa, mas os exemplos posteriores provaram-me que, mesmo que essa seja a intenção d'ele, os resultados não são correspondentes, ou então dão efeito negativo, porquanto a harmonia conjugal de todos os que tiveram um prolongado *flirt* adverte se extranhos de que os dois se enganaram desastrosamente.

Silva Gay

O RADIUM em Portalegre

Accedendo gentilmente ao pedido que lhe foi feito, accitou o cargo de correspondente e representante de O Radium em Portalegre o sr. E. Alvarão — a quem muito agradecemos, aguardando á sua valiosa colaboração.

Fig. 30: Silva Gay, "Pontas de Fogo. Flirt", O Radium, ano 1, nº 26, 05-09-1918, p. 1.

Os Alfaiates



Fig. 31: Silva Gay, “Pontas de Fogo. Um País Ideal. Alfaiates”, *Pontas de Fogo. Continuação de O Radium*, ano 1, nº 41, ano 4, nº 5, 2ª série, 04-01-1919, p. 1.

O Papel da Mulher

...
dega!...
mas que o sr. do Interior certos bi-sema- Terreiro do a da liberdade ilção tomou a strativa da Ca- Libras, crismunicipal.

o ha!
vatas?
ão?
ão!
mau!
vida!
ini, (*)
(**)

opos de asso-
ssuar.
surveys: 24

RGAS

ue se le-
ontra a
rado a
ria, hoje
arrett e
nhecido
Normal.
erino da
n é per-
promé-
ico, pôr
em e á
e solici-
os mise-
lamento
lambem
habíl e
astas —

João da
nal dos
aberta a
da sua
m tanta
u creio
o sr. dr.
eleva-lo
quer re-
os seus
permi-

a-lhe o
a — e já
ão deve
casa de
logo ao
npa um
tis Ga-
io todo
laudato-

z: a um
menos
le, um
cos são
ando se
amam,
gam-se
rque se
os de Ma-
ofensa
corre-
inha na

mesma fé política e por isso o deixou imolar injustamente, não é, homem que se não sinta melindrado com a companhia do sr. Galhardo, mesmo que seja só impressa, nem que deixe passar em claro aquela referencia ao longo tempo da propaganda.

E aqui está como a política tudo estraga e como, por causa dela, ainda fica o Teatro Nacional a enfermar dos males que o tem posto na espinha, sem o remedio salvador que lhe ia dar o illustre professor da Escola Medica do Porto, secretario interino da marinha e permanente da instrução. Pois é penal...

Conrad Saffitz

Pontas de fogo

Sexos.

Eu possuo um dom raro e especial, tão excepcional e feliz que se fóra coisa de açambarcar e vender tinha a minha fortuna feita: o condão de agradar ás senhoras.

(Estou já a ver a enfiada de pontos de espanto e interrogação que o leitor sceptico apõe á minha afirmação, e o sorriso ironico da leitora como que duvidando do meu predicado raro, mas ambos verão que não exagéro.)

O que acontece nas terras estrangeiras,—conforme nos revela o cinematografo—onde o amor nasce dum natural volver d'olhos, e logo o *ever-te e amar-te foi obra dum momento* ribomba com todo o ardor de raios e coriscos dentro das entranhas electricas dos dois predestinados, os peitos arfam como dois dinamos e os olhos botam faiscas, tambem succede entre mim e as bellidades cujo convivio a Fortuna se compraz em proporcionar-me. E, todavia,—com imensa tristeza o digo—não são os attributos fisicos que me grangeiam uma tal distincção, mas simples e singelamente as minhas ideas sobre o valor da Mulher na Sociedade.

E o segredo da estima que as mulheres me votam reside no calor, no transportado entusiasmo com que eu defendo os seus direitos, louvo os seus méritos e condéno o injusto desprezo que o Homem lhes vota!

E o leitor já está a ver: ante esta demosténica reincarnação de Magriço não ha Senhora que fique impassível. Começando por desfazer-se em sorrisos, passam, quando estes se esgotam, a reclamar e a aciamar a minha presença, e acabam por tentar remover a copa domestica para dentro do meu *armazem*, no intuito lédico e cego, ingenuo mas louvavel de alentar a minha campanha em seu favor.

É necessario, porém, declarar que eu sou sempre sincero nas minhas apologias profeministas, porque durante toda a minha já longa vida de solteiro eu nunca pude conceber a razão da proclamada e aceita inferioridade da Mulher na vida social, onde de mais a

mais, a vejo, em media, desempenhando missões de caracter tão grave e elevado como, em geral, as do Homem.

Inferioridade fisica, dizem, desdenhosamente, muitos marotos da peor especie; e aqui principio eu a protestar, pois como pode ser assim, se pelos seus dotes fisicos é que a Mulher domina, vence e subjuga o Homem?

E assim como este absurdo argumento muitos mais se inventam para deprimir o Ente que esses mesmos patifes já uma vez sublimaram, erguendo-o num pedestal tão alto que para chegarem lá cima foi mister demoli-lo, e depois de escacado o Ideal saíem-se os descarados a deprimir o que antes era belo, transcendente, ethereo, sublime. Que corja...

É certo que, por analyses feitas em casos diversos de enlances matrimoniais, eu cheguei ao convencimento intimo que o casamento rouba á Mulher uma parcela da sua radiosidade, do seu encanto, da sua preponderancia mesmo sobre o sexo forte, e isto é de uma injustica revoltante, porque, em boa razão, esse acto devia ser a sua divinisação, segundo o curso logico dos cancticos do Homem, ou das reflexões do olho d'ele, pois na primeira catrapiscadela Ela parece-lhe um Anjo, melhor observada uma Deusa, e, depois de minucioso exame, isto é, quando ele a leva perante Deus e o Mundo espera as triunfais Hossanas d'aquella commhão divina, o Homem arrebatado o Anjo do altar e, de escadeira em escadeira, arrasta-o até o mais infimo logar do templo onde, em logar de hinos harmoniosos, Ele geme desafiado canticão. E isto brada aos Ceus porque evidencia um dos requintes mais cruéis da preversidade masculina, uma fraude escandalosamente impudica e um ignobil conto do vigario contra o qual não ha leis de defeza para as pobres victimas ludibriadas.

Eu sou de indole muito compassiva e qualquer infortunio me comove, e por isso é que eu não posso ver nenhum idilio de animais racionais sem que o meu coração chore de amargura. E quando assisto á passagem de um casamento? Isso então fico todo banhado em lagrimas, comparando a sórte da infeliz noiva á dos pobres boisinhos que levam traçoeramente para o Matadouro! Ah! que suplicio o meu em não poder valer-lhes! Porque o casamento é o *consumatum* da perfidia: effectuado ele, o galá tira a máscara e exhibe-se na sua propria individualisação nata de *scroes* vil e feroz; egoista e despota. Durante os preliminares da burla é vter como o Homem exalta as empires virtudes da Mulher, para depois a reduzir violentamente ás aviltantes condições de escrava desprezível.

E' então que contra Ela sóam as mais deprimentes e vexatorias acusações. *Que é mais fraca*, quando elles sabem muito bem que só o longo periodo de inacção a que as sujeitavam por seculos e seculos é culpavel dessa fraqueza; e se não reparem nos exem-

plares que conseguiram livrar-se da sujeição em que manietaram a Mulher, nas nossas lavadeiras, e vejam se qualquer delas não seria capaz de dominar um cidadão pela força muscular do seu braço! *Que é menos intelligente*: isso nunca se provou scientificamente. O que se tem demonstrado é que a sua passividade lhe atrofiou até certo ponto as faculdades imaginativas, e por isso mesmo não são tão vivazes como ele, o rei dos animais. Mas vejam lá: percorram o registo das Escolas, investiguem os resultados dos exames de ambos os sexos e digam depois se, proporcionalmente, não dão as raparigas melhor conta de si. Dirão, porém: estudam mais, teem mais tempo, etc... Mas não é já uma virtude a experimentada applicação feminina? Eu tive ha dias o cuidado de notar as classificações finais dos exames de setimo ano do Liceu Rodrigues de Freitas e a proporção de distincções é maior no lado feminino!

Em resumo: no meu fraco discernir eu não acho que a Mulher seja inferior ao Homem, e se ha alguma coisa em que mereça censura, é na facilidade com que se despojou do poder que outr'ora devia ter possuido em partes eguais com o seu companheiro.

A essa real fraqueza é que hoje se deve a sua decadencia no plano das reinvidicações sociais, (parece discurso socialista!) mas para mim Ela continuará a ser a Rainha de todos os seres, antes e depois do parto, como a Virgem Maria.

.....

Isto já vae muito comprido, e as coisas bonitas que ficaram por dizer, são para repetir ás estimaveis Senhoras das minhas relações. Entretanto, eu julgo conveniente frizar que não tenciono casar nem pretendo conquistar o coração de nenhuma donzela: eu cá não sou d'esses!

E agora, depois desta prevenção, desvanecam-se todas as duvidas que os leitores tiveram sobre a veracidade das minhas opiniões, e convençam-se de que sou um Propagandista insuspeito.

Silva Gay

Exame distinto

No dia 22 fez exame do curso complementar de letras, no Liceu Rodrigues de Freitas, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José Saavedra, irmã do nosso querido companheiro de redacção Silva Gay, obtendo a alta classificação de 17 valores, que bem testemunha a intelligencia e a applicação da distinta aluna.

Ao nosso colega, a quem calorosamente felicitamos, pedimos seja interprete dos nossos cumprimentos junto de sua Ex.^{ma} Irma.

.....

E' necessario estudar com afinco e vontade, porque a arte de representar é d'aquellas que mais tem que aprender.—X. M.

Fig. 32: Silva Gay, "Pontas de Fogo. Sexos", O Radium, ano 1, nº 25, 29-08-1918, p. 1.

A Atitude Dúplice do Homem



Fig. 33: Rafael Bordalo Pinheiro, "O Tempora", *Pontos nos ii*, nº 169, 09-08-1888, p. 662.

O RIVAL

Matrônas e donzêlas

VI

(CONCLUSÃO)

Um dos primeiros males é a rapidez com que se fazem a maior parte dos matrimônios. Algumas convérsas em reuniões onde tudo é artificial e onde cada qual desempenha o seu papel, é muito sensível para a mulher; um pequeno colóquio vigiado de longe pela mãe e irmãs da rapariga, que se esforçam em saber ou adivinhar o que diz o rapaz; finalmente uma entrevista no jardim ou qualquer outro lugar. São estas, frequentes vezes, as únicas ocasiões que teem para se conhecer, aqueles que serão um dia marido e mulher.

É um facto incontestavel que, nas condições actuais da vida social decifrar o carácter de qualquer individuo, é trabalho que leva anos de paciencia, e no entanto os paes dão gostosamente o seu consentimento para que seus filhos se casem, desconhecendo estes as suas reciprocas qualidades, temperamento e disposição.

Apenas um rapaz estuda o carácter da rapariga, logo a mãe interroga-o e leva-o a uma declaração d'amôr; achando-se comprometido, vê-se obrigado a casar!

Quando chega á terrivel conclusão de que a noiva o ultraja, é tarde para se recusar, e então é ameaçado de ser entregué o negocio ao advogado da familia

Receioso, mantem-se nas suas promessas, caminhando até ao altar com profunda convicção de que o casamento terá as mais humilhantes consequências. Não é, pois, uma vergonha e um escândalo, que a maior parte das vezes tem o seu epilogo no «Tribunal do Divorcio»?

Certamente que as mulheres, que se entregam por dinheiro, são menos pecaminosas que as que se vendem aos pés do altar por uma fortuna ou por um titulo de nobreza.

Só quando as mães forem as verdadeiras guias, méstras e conselheiras de suas filhas; — só quando lhes façam ver que uma paixão passageira não deve ser tomada por amôr verdadeiro, e que amôr, que não tenha por base mútuo respeito, não pôde servir de fundamento á felicidade conjugal; — só quando lhes ensinarem que o matrimonio não foi instituido com o único fim de arranjarem posição ou, por outras palavras, para lhes facultar uma vida ociosa; — só quando as mães se convencerem que, longe de ser inconveniente, é até útil instruir as filhas acerca das responsabilidades e devéres inherentes

PORT

Portugal! Lusos que á Irmãos de Camões. Pá Descobridôres do novo Povo alancero que eng

Decorrem seculos! Su Portugal, com o seu s; Quer mostrar ao munc Que Portugal, vai emfi

Avante, caminhae, con Dizei ao mundo que de Não mais perderão o s

Sois vós os precursore Oh! raça audaz e guer Lutaí, que alcançareis

á vida matrimonial; — só, finalmente, quando amando-as como filhas e amigas, não as considerarem como scres inferiores, conservando-as sempre alheias a tudo quo respeito ao viver intimo do homem e da mulher, e, não lhes permitindo que conheçam a vida pelo seu lado artificial, é então que terém os casamentos moraes, uniões de almas e corações, em que tanto um como outro, poderão dizer todos os dias, e não sómente como o fizeram deante do altar: — «Amámo-nos, honrámo-nos e respeitámo-nos!»

Leitôres e leitôras, que dedicaram atenção aos meus escritos, digam-me do fundo do coração, se o que eu aqui afirmo é ou não verdade.

Carlos Pinho.

Carnet Elegante 

Antevénarios

Passou no dia 24 p. p. o aniversario do nosso muito amigo e assinante Antonio Henrique Brochado.

Fez tambem ontem anos a Ex.^{ma} Snr.^a D. Amélia Adelaide da Rosa.

A illustre Senhora envia O Rival mil cumprimentos desejando que esta data se repita por muitos e largos anos.

Partidas

Partiu no dia 23 de Janeiro p. p. para a sua residencia em Sinfães do Douro, nosso amigo e assinante Ex.^{mo} Snr. Henrique da Silva Ramos, que se encontrava nesta cidade por motivo de negocio.

Agredecemos-lhe sobremaneira a visita que fez á nossa redacção acompanhado do nosso amigo o sr. Augusto G. P.

Fig. 34: Carlos Pinho, "Matrônas e Dónzelas", O Rival, ano 1, nº 20, 01-02-1918, p. 3.

Anexo 35

A Política

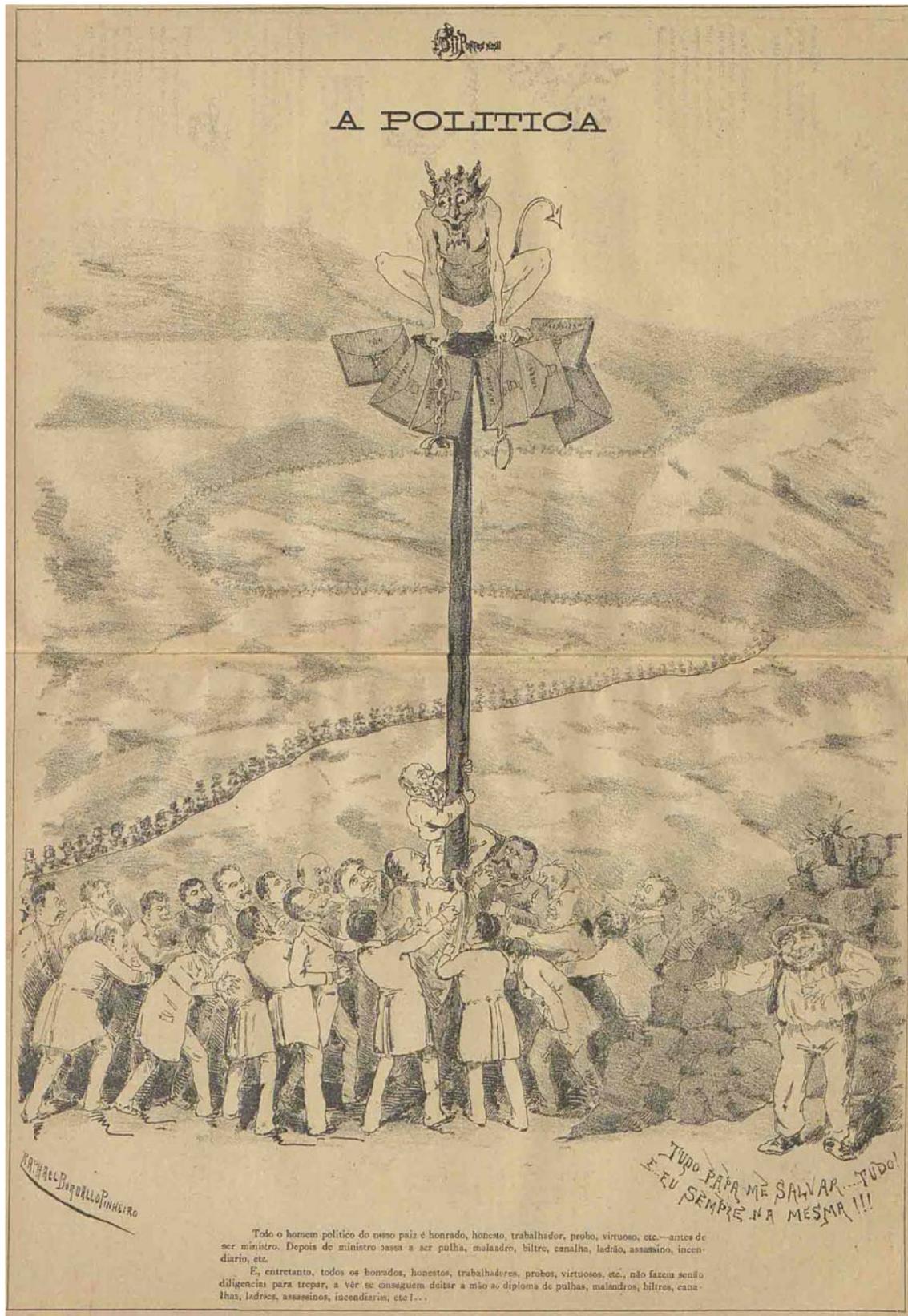


Fig. 35: Rafael Bordalo Pinheiro, “A Política”, *Pontos nos ii*, nº 148, 08-03-1888, pp. 492-493.

Anexo 36

Os Adesivos: Antes e Depois

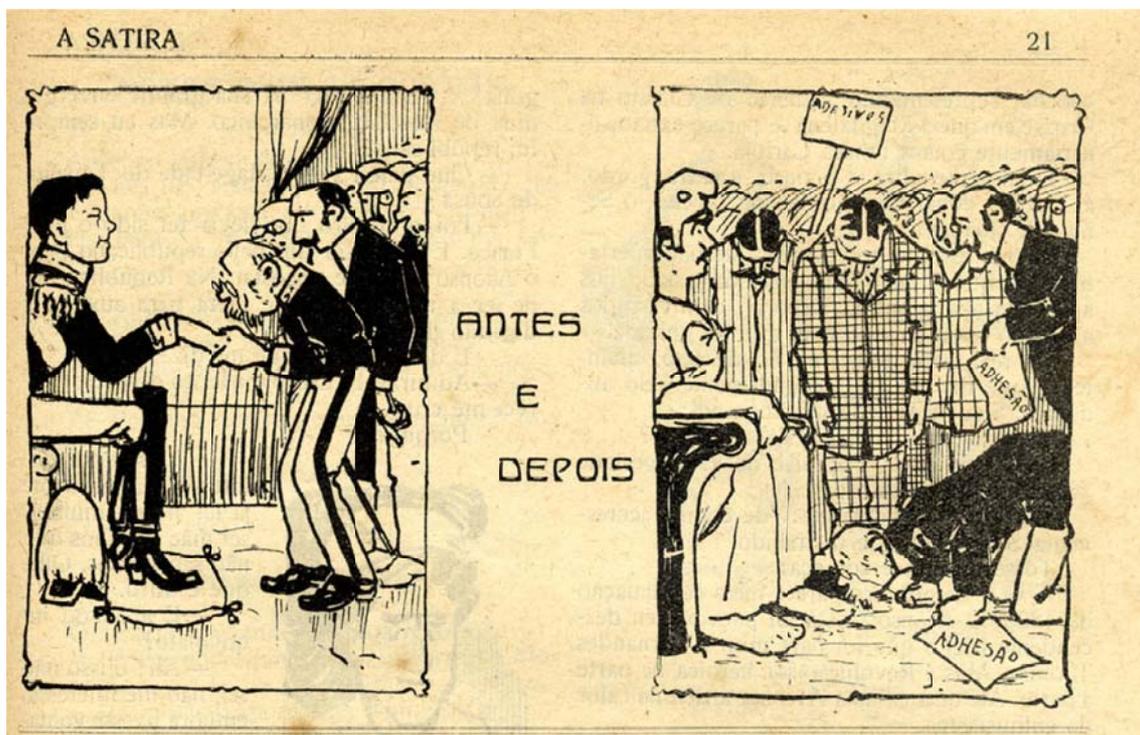


Fig. 36: Artista anónimo, “Antes e Depois”, *A Sátira*, nº 1, 01-02-1911, p. 21.

Anexo 37
As Eleições em Lisboa



Fig. 37: Rafael Bordalo Pinheiro, “As Eleições em Lisboa: Um Ponta-pé Magistral”, *O António Maria*, 1ª série, nº 266, 03-07-1884, p. 209.

A Falácia das Promessas Republicanas



Fig. 38: Stuart Carvalhais, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, *A Lanterna: Jornal Humorístico*, nº 11, 26-02-1912, p. 3.

As Albardas – A Opressão Republicana



Fig. 39: Alfredo de Moraes, “As Albardas”, *O Século – Suplemento Ilustrado*, nº 681, 24-11-1910, p. 1.

Anexo 40

A Apatia de Zé Povinho

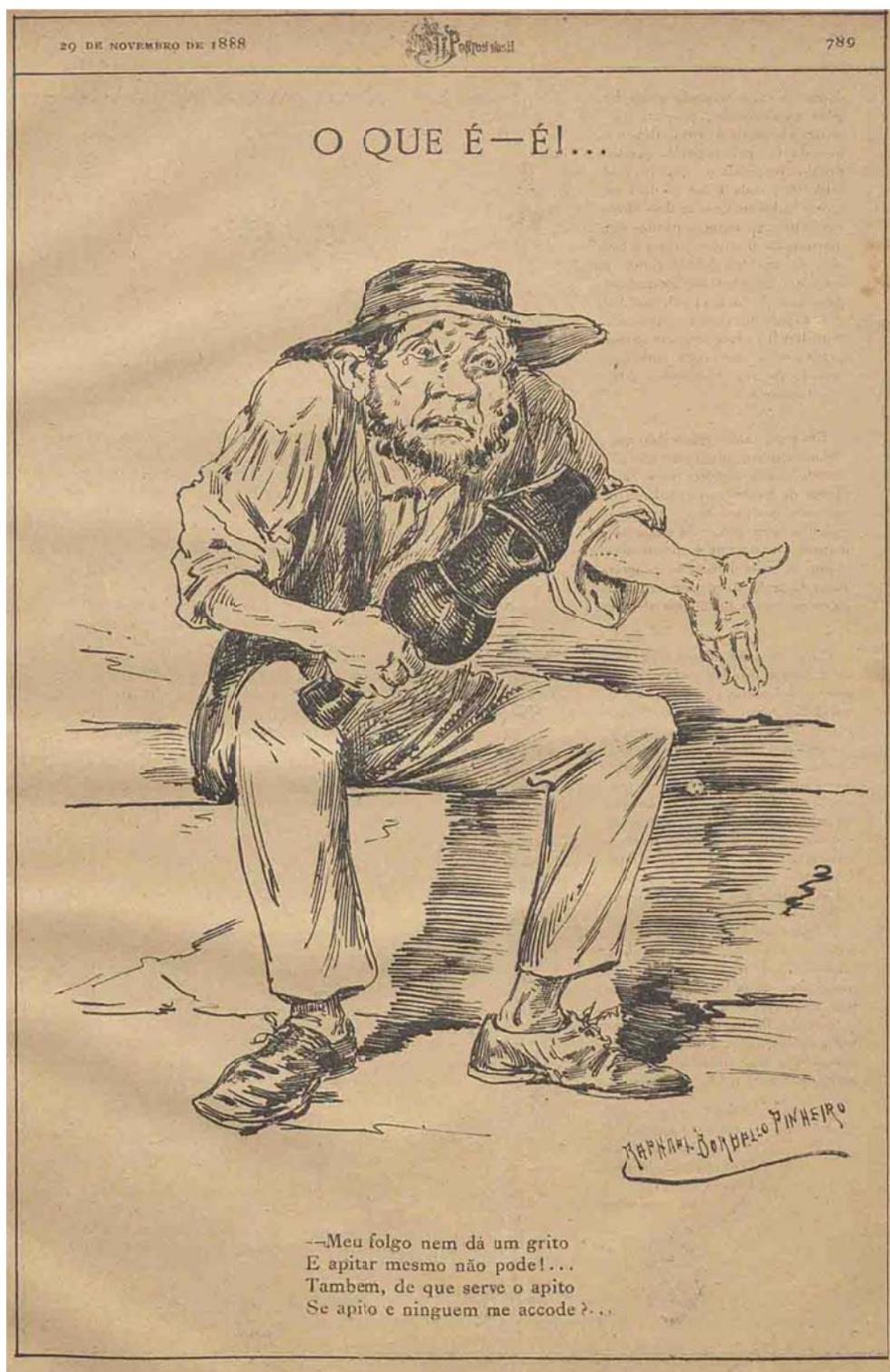


Fig. 40: Rafael Bordalo Pinheiro, “O Que É – É!”, *Pontos nos ii*, nº 185, 29-11-1888, p. 789.

Anexo 41

A Política: a Grande Porca



Fig. 41: Rafael Bordalo Pinheiro, “A Política: a Grande Porca”, *A Paródia*, nº 1, 17-01-1900, p. 1.

O Brio Nacional



Fig. 42: Rafael Bordalo Pinheiro, “Novos Mandamentos do Brio Nacional”, *Pontos nos ii*, nº 267, 07-08-1890, p. 255.

Anexo 43

O Desrespeito Britânico pela Aliança

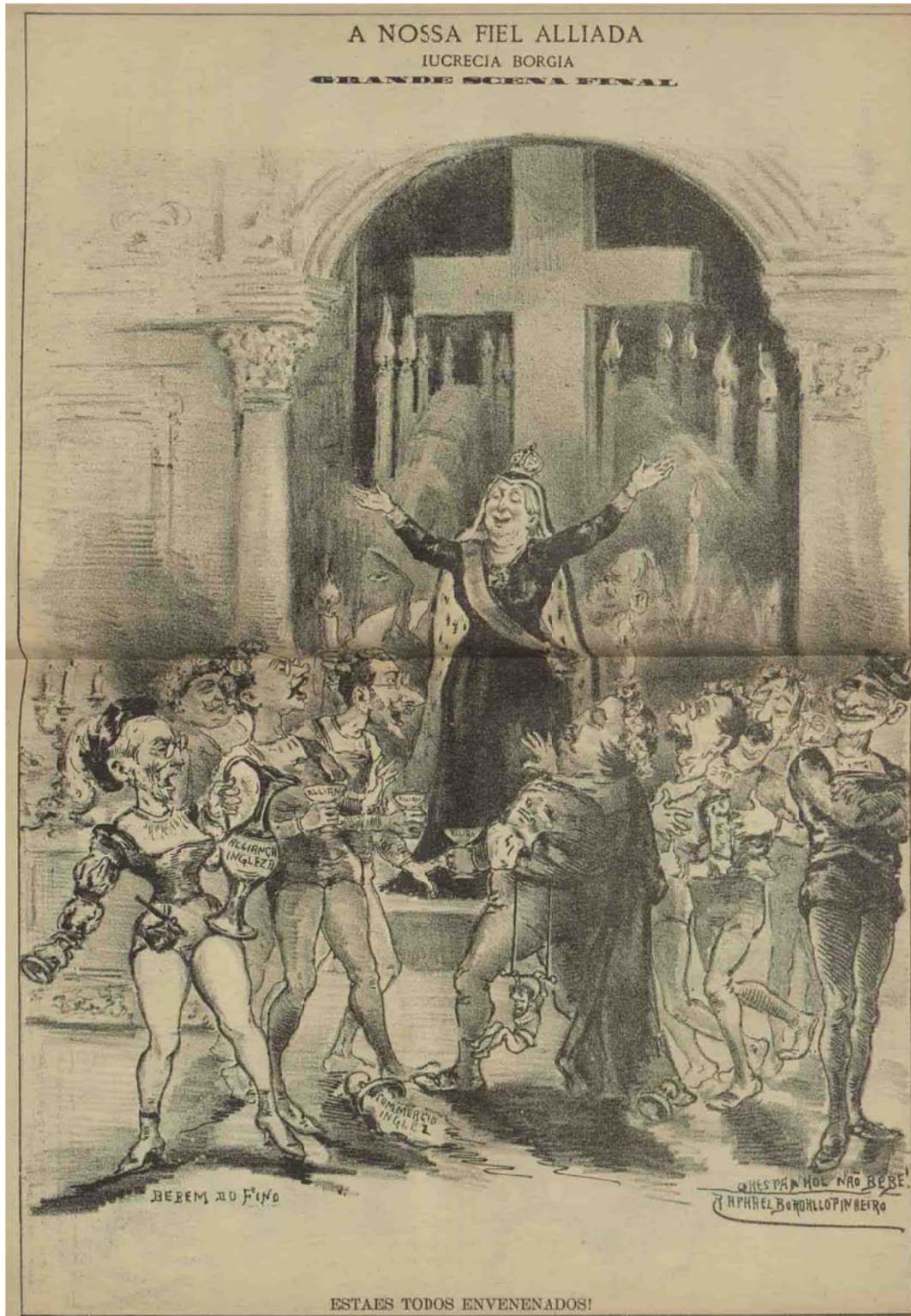


Fig. 43: Rafael Bordalo Pinheiro, “A Nossa Fiel Alliada”, *Pontos nos ii*, nº 241, 06-02-1890, pp. 44-45.

Pontas de Fogo

A Santa Religião Catolica

!!!

“... O Snr. F... falou sobre a sciencia indispensavel ao padre, para poder defender sempre e em toda a parte a religião católica.”

Logicamente o Evangelho não é perfeito. Se fóra tão omnisciente como a Igreja no-lo pretende impingir, não haveria necessidade de arte e engenho para que a Lei se insinuasse nos corações.

Mal vai á Ideia que outros atributos insinuantes não tem senão a esperteza dos apóstolos. Se a Biblia contém a palavra de Deus, o creador do Homem, o sér que Ele fez á sua perfeita imagem e semelhança, e este a não entende, de duas uma: ou a Biblia foi mal feita ou o Homem mal cavacado. Porque me repugna acreditar que as duas obras de Deus omnisciente se não entendessem, salvo se a culpa fór dos sacerdotes.

Será dos interpretes, será! Pois concebe-se lá que a alma da gente não esteja naturalmente impregnada da graça evangelica para receber sem engulhos as doutrinas cristãs, se nós até as bebemos na pia baptismal!? Pois não somos nós a perfeita imagem e semelhança de Deus? Porventura alguém feria uma vez imaginado sequer prégar a Biblia ao Padre Eterno? Deus escreveu as suas doutrinas no coração de cada um dos seus filhos. Amassou a argila, esculpiu e lavou na pia do baptismo para nos limpar das impurezas. Desde esse momento a scentelha divina alumiou-nos por dentro e por fora, e dispensava-nos a sciencia do padre para nos apercebermos da graça e omnisciencia de Deus, do nosso pai, do nosso guia e do nosso salvador. Pois se nós viemos á Terra com instruções expressas de *crescer e multiplicar*, como quere o padre ditar leis é que está fóra da lei; porque o Padre Eterno disse: *crescite et multiplicamini* e estes figurões não cumprem, isto é, recusam-se a obedecer aos mandamentos da lei de Deus que lhes mandam ter mulher propria para não cubiçar a do proximo?!

E eis porque me desagrada ouvir falar em *defender sempre e em toda a parte* a religião catolica, pois idealizo absurdos como o de um individuo a defender-se de si mesmo, por exemplo, ou o de um marido a defender a cara-metade do seu proprio esposo...

“Depois falou o Snr. F., que disse que a fé é necessaria e indispensavel a todos, mórmente ao padre.”

O padre, portanto, precisa indispensavelmente de ter fé para professar a sua religião. Eu suspeitava — não tinha a certeza, é claro — que havia padres sem fé, mas nunca me atrevera a insinua-lo sequer. Hoje, porém, vejo que essa suspeita tinha fundamento e que, efectivamente, ha sacerdotes que pregam o Evangelho sem serem crentes, que é o mesmo que não terem fé! E isto é novo, novissimo, ainda mais joven que o Novo Testamento, que appareceu em substituição do Velho Testamento presumivelmente rasgado para favorecer interesses de familia.

SILVA GAY.

Fig. 44: Silva Gay, “A Santa Religião Católica”, *Pontas de Fogo*, ano 7, nº 16, 11-06-1921, p. 1

A Vida Religiosa

Beiscos...

Leilão de beijos

Sem ter bandeira na portada...
E sem ser anunciado,
Pes-se, há dias, um leilão
Que foi muito apreciado
E fez grande sensação.

Leilão de beijos!... Se isto
Faz crescer ogra na boca!
Ah!... Quem me dera a mim ter,
Que daria massa louca
Para os poder obter!

Polos beijos?.. Não, leitor!
Sómente pela intenção
Com que foram leiloados!
Beijos tais, para mim, são
Beijos bemaventurados!

São tal qual beijos de Mãe
Que a todos sempre prezam!
Uma ideia me amofina:
— Não ter podido comprar
Um dos beijos da Eletvina!

Silva Gay

Pontas de fogo

Um país ideal

CARACTER

Quando me succede cogitar um tanto na convulsionada odisseia da vida portuguesa, destaca-se no meu espirito uma sentença tão flagrante e indestrutível como a pureza radiante da verdade:— que todas as desgraças que nos atribulam derivam da «falta de carácter» dos indivíduos. E assim tendo sido, e será enquanto um delívio de juízo não nos submergir a todos, não nos encharcar de bom senso até a medula. Porque, qual é a origem da anarquia civica que nos depatpera o organismo sem falta de dignidade? Porventura os caracteres judiciosos, honestos e pundonorosos se compatibilisavam jamais com a poluição, a ignominia, o latrocínio? E que vemos nós na arena pública da nossa terra senão vileza, corrupção, bandallice, referendo-se a mistura no cadinho nacional?

Ora vejamos: Não demonstra uma absoluta falta de moralidade o padre que, ao pregar uma puríssima religião de virtudes excelsas, pratica uma escandalosissima senda de infâmias? que, preconificando a evangélica bondade cristã, maltrata o seu semelhante com brutalidade feroz? que, cantando o preceito inavosissimo do «não faças aos outros aquilo que não queres para ti», persegue, tyranniza os «outros» que elle prometeu a Deus amar e velar com carinho, para que não se extraviem do caminho do Senhor? Não é de uma impudência assás revoltante essa decantada generosidade das senhoras do bom tom, organizando subscrições fabulosas para enfeitar o colo de uma noiva rica, enquanto criancinhas desvalidas

tiritam de frio e andam cheias de fome pelas portas e portais, durante as inclementes noites de inverno? Não é uma rematada hipocrisia e contração o angariarem pérfidos, pródigoas bolsas de dinheiro, para comprar berliques e berloques com que encoleiram os militares, fechando o coração ante o desolador espectáculo de centenas de tuberculosos que gemem na cama os seus últimos e atribulados dias, desprovidos de qualquer mimo ou conforto? Não esbanjarem fortunas na organização de festas de Arte, solenidades e o raio que as paria, em honra ou louvor de políticos indecentes e deslavados sujeitos do céu, do ar... do diabo, não sentindo na alma estanhada uns vislumbres de comiserção pelos invalidos, pelos paraliticos, pelos famintos, pelos desprotegidos da sorte, enfim? Raio de gente!

Ainda outro dia, uma impudica «prenda de noivado» atingiu em poucos dias uma boa meia dúzia de contos, enquanto em Lisboa a subscrição aberta para valer aos infelizes orfãosinhos do desditoso José Martins, da Guarda Republicana de Lisboa, assassinado pelos monárquicos de Monsanto, colhia no mesmo período de tempo pouco mais de cem escudos. Edificantissimo!

E o fervor carinhoso com que as senhoras religiosas se desvelam no ataviamento das imagens das santissimas personalidades do sertão da glória, e que por aí param extíficas pelos templos, ajudadas de tanta farpela e espanfadas de idiotice da gente tão solfita a agasalhar corpos inanimados como insensível perante as necessidades e vicissitudes dos filhos de Deus? Entre outros cristianissimos mandamentos, há dois que rezam: dar de comer a quem tem fome e vestir os nus. Ora aos santos dão as religiosas criaturas, além de outras e variadas iguarias: cera e azeite para comer e beber, e bons e custosos vestidos de seda e veludo, recamados a ouro e filigrana, para vestir! Não lhes parece isto zombaria, meus caros senhores? Ou não é de requintada malvadez nutrir e enfarpelar estútuas, abandonando entes cristãos que morrem de fome e de frio? E não há um raio que fenda toda essa montanha de granito que envolve e obscurece meio mundo, para que a Luz lhe illumine, enfim, os interstícios?

Este córneo mundo tem feito de mim um misantropo irreconciliável, e consola-me o poder, dizer, como parafrase à conhecida filosofia de Daudet: «Quanto mais vou conhecendo a generosidade das illustres damas da Assistência; a bondade dos catolicos romanos; o patriotismo dos monárquicos; o desinteresse dos politicos; a honradez dos comerciantes; a castidade das donzelas; a honestidade dos cônjuges; e a filantropia dos nossos semelhantes... mais amigo sou dos cães».

Silva Gay

Fig. 45: Silva Gay, "Pontas de Fogo. Um País Ideal. Carácter", Pontas de Fogo. Continuação de O Radium, ano 1, nº 46, ano 5, nº 10, 22-02-1919, p. 1

na—nação tida para nós como reacionaria e retrograda—onde as grèves atingem proporções para nós desconhecidas; onde as classes operárias reivindicam as suas régalias nas barricadas, onde a luta é constante e o perigo revolucionario permanente, se deixa que o drama «Daniel» de J. Dicienta obtenha um justo successo pela sua factura e pelo nobre ideal que o norteia, aqui, em Portugal, proibe-se a sua representação ao fim de algumas récitas, só porque os artistas foram aplaudidos e alguns operarios palmearam com entusiasmo umas scenas empolgantes da peça.

«E' isto revoltante?—Não. E' tão somente, cómico e ridiculo, dando bem a ideia do que é, ao florir do ano de 1918, seculo XX da era cristã, este interessante e curioso país da Europa 'occidental', que bem merecia existir encravado num recanto da Africa ou no interior da Asia pitoresca.

Comed. de Silva Gay

Pontas de fogo

Exequias

As extraordinarias e sentidissimas manifestações de pesar exterior, manifestadas ha pouco pela morte do venerando Bispo do Porto, suscitaram, na minha alma de sceptico e irreverente, umas azedas tintilações de desdem. Porque eu tenho, sobre Religiões, modos de ver que parecerão absurdos, mas que exprimem a minha opinião sincera; e, por isso só, teem o direito de se expandir. Eu não acho outra palavra, senão para classificar as ceremonias fúnebres catolicas, e esta designação provém da forma como eu vejo as variadas praticas liturgicas.

Vejam os todos: Morre uma creatura que não tinha mais que fazer e logo passada palavra ao sino e ao cangalheiro. Ambos fazem alarido infernal, não obstante ambos desejarem encaminhar o morto, para as regiões excelentissimas do Eden. E eu cogito que diabo de proveito pode o serapião de funto tirar do badalo, para que a igreja se mostre tão solícita em o fazer vibrar? Só sendo para o livrar de tossir, mas esse remedio violento é perfeitamente dispensavel, desde que a alma começou de evolucionar, ou pelas imediações do Olimpo ou pelas proximidades do Tartaro: o que tiver de ser, será; e já o sino nada ganha com o banzé, nem os padres, com o cantochão porque, por mais que estalfem o nariz com as cantigas da praxe, não conseguem fazer-se ouvir no Céu, onde dizem habitar o Juiz Supremo.

A noticia do falecimento espalha-se e, daí a pouco, até

Aparecem uns figurões com caras — nariz aco-

tovelado, sobranceiras cerdozas, beiços de papel,* e olhos de môcho—vestidos de saias e bês, e despegam num lamuriento, desafio, pegado de grunhidos em lingua defunta. Botam fumo para o ár. e aguar por um ralo, assim numa comedia — mal com para da, é claro, mas assemelha-se—de banho turco para o morto, e um destaca-se a dar ao cadaver um recado que ninguem percebe.

Passados dias ha quem pague por umas missinhas, e o padre não se faz rogado: muda de vestidos e pranta-se num altar em frente das imagens santas a ler, comentar e a dialogar com outro *gunçalinho*.

Aqui chegados, permitam-me uma pergunta inocente: os mortos que não tiverem esta espontanea manifestação de despedida não vão para o ceu?

Seria um absurdo monstruoso que nenhum catolico—por decoro proprio—se atreveria a formular. E' impossivel que Deus, o onisciente, se guie nos seus juizos pelas declarações do sino ou do sacerdote. Mal de toda a Humanidade se o premio do cristão, na outra vida, fosse proporcionado pela qualidade das exequias da sua despedida.

Então, que seria daquele que não deixou dinheiro para as credencias que o ministro de Deus aqui dá aos favorecidos da Fortuna?

O raciocinio catolico sugere este dilema: se ha dinheiro vae o defunto para o Céu, senão os padres deixam-no ir para casa do Diabo.

Eu estubi a ver o suplicio de todos esses magnates da Igreja Católica quando se viem deante do chamado Tribunal Divino. Então pagarão bem caro o insulto que fizeram a Deus, julgando-o corruptivel a ponto de, com ladainhas, promessas, badaladas, fumo, e linguas mortas captarem a sua parcialidade, porque todos nós sabemos que o sacerdote pede tão fervorosamente pelo mais preverso dos homens como pelo mais angelico dos Santos: a questão é pagar que ele faz a reclamação. Aqui o padre lembra-me o porteiro dum ministerio, tal e qual.

E agora, voltando ao inicio deste aranzel: a arlequinada, ha pouco desempenhada em redor do cadaver do Bispo do Porto, foi das que mais me irritou os fleugmaticos nervos. Sé D. Antonio Barroso tinha sido um homem bom durante a sua atribulada vida—e isso acredito-o piamente—para que puzeram os sinos todos a zabumbar numa doida tarantela, como se as virtudes do pobre Bispo não fossem de ha muito bem conhecidas do Paé Eterno?! Para que toda aquela furiosa mobilisação de mulheres-homens e homens-mulheres, concertos de orchestra, *rendez-vous da elite*, recepção no Paço, expo-

O nosso director diz que viu muitos papéis em Africa, chegando mesmo a reinar numa das tribus mais poderosas da Zululandia, e ainda hoje suspira pelos *papeisinhos* que lá deixou dispersos.

sição de fazendas e sedas, pretos *fixes* e tintos desbotados, e mais aquela representação na Igreja, uma revista interessante com scenas movimentadas a muita erudição, sem vida? Ora bolas! E riem-se dos papéis com as suas selvaticas ceremonias fúnebres.

Agora digam-me cá senhores catolicos: Em vez de gastarem toda essa cera, implorando a clemencia divina para a alma pura dum santo, não seria muito mais justo e razoavel suplicar de Deus o termo de tão horrivel hecatombe que cahiu e ainda paira sobre o mundo inteiro?

Silva Gay

A Associação dos Trabalhadores do Teatro

E' das disposições estatutarias de quase todos, senão todos, os sindicatos de classe, crear junto da sua sede uma escola para auxiliar a instrução dos seus associados ou filhos destes.

Trata-se, pois, do combate ao analfabetismo, a maior vantagem para o desenvolvimento moral e intelectual dum povo.

A A. T. T. apontamos este facto, pois a criação de uma escola, para uso duma certa qualidade de artistas, era uma das maiores vantagens para o prestigio da classe.

Quando, porém, se notasse, num exame previo, que o artista estava pouco habituado a pronunciar as palavras, com a correcção da linguagem portuguesa,—esse *artista* devia ser enviado para a Escola de Correção.

E' muito desagradavel e pouco coerente com a missão do Teatro ouvir-se dizer no palco—como aconteceu no D. Nuno,—que debaixo das suas vestes, o cardinal usava uma *capota d'armas*, como desagradavel é ainda ouvir um cardinal a pedir *auga* para lavar as suas feridas.

Não nos leve a mal A. T. T. esta nossa impertinencia. Se tal fazemos é pela certeza que temos de que não seríamos ouvidos pelos empregarios, se a eles nos dirigissemos, visto que eles se preocupam mais com os lucros da empresa do que com o prestigio da Arte.

A nossa carteira

Está no Porto o actor e empresario Mendonça de Carvalho, de regresso de uma estação de cura e descanso em Santo Tirso, e que no próximo mez de outubro se apresentará no Teatro Sá da Bandeira.

Tivemos ocasião de, no ultimo domingo, cumprimentar em Vila do Conde o nosso estimado amigo e assinante sr. José Marques do Bompassor, empresario do teatro Afonso Sanches, a quem agraecemos as deferencias que nos dispensou.

Cumprimento a nos actor Joaquim Roda, da *four* nê Adelina Abranches. Agradecemos.

Fig. 46: Silva Gay, "Pontas de fogo. Exequias", *O Radium*, ano 1, nº 27, 12-09-1918, p. 1.

Pontas de Fogo

A Santa Religião Catolica

Ha pouco tempo realizou-se num seminario desta cidade uma festa literario-musical em honra de S. José, que decorreu brilhantemente, conforme a descripção do jornal de onde extraimos os seguintes periodos:

... que se referiu ás grandezas de S. José, apresentando-o como esposo de Maria e pae nutricao de Jesus. Salientando a sua pureza, como necessaria e indispensavel, porque foi constituído guarda da pureza da Mãe de Deus, mostrou que Maria e S. José foram mais do que dois astros, luminosos: foram dois cherubins que cobriram com as suas azas o verdadeiro propiciatorio.

Longe de mim o intuito de melindrar as convicções do meu proximo com ironias irreverentes da veneravel liberdade do pensamento, mas tambem não seria licito vedar-me o direito de apreciar, dentro do devido respeito, as doutrinas do alheio. Vejamos, pois, com sua licença:

Que S. José foi grande. Muito bem; teve grandeza pelo extraordinario exemplo que deu de paciencia e abnegação, obedecendo com fé explicita ás determinantes instruções que dimanaram do Altissimo! Mas reparar: fazia-se mister o nascimento do Messias para salvar o mundo de Deus do inferno de Satanaz, e só a Virgem Maria, filha de tão boa gente como eram Ana e Joaquim, possuía as virtudes requeridas para ser a Mãe do Salvador. Pois bem; se a sua aparição na Terra devia constituir o milagre indispensavel para o tornar sobre-humano, para quê o fenomeno da concepção immaculada? Se a obra e graça do Divino Espirito Santo havia de gozar através dos seculos a honra da paternidade de Jesus Cristo, para que perturbar a paz do pobre carpinteiro? Só por mofa poderiam ter-lhe adjudicado o titulo honorario de esposo de Maria, para, logo a seguir, acentuarem que sua esposa havia concebido por obra e graça do Divino Espirito Santo através de uma virgindade immaculada. Era fazer muito pouco dum homem! Se o Espirito Santo tinha de ser pai, para que necessitavam do esposo José? Pois se o Filho de Deus tinha de descer do Céu á Terra, com que intuito havia o Padre Eterno de marcar-lhe um itinerario tão complicado?

Mas notem os meus amigos uma coisa: ou as instruções que S. José recebeu não foram explicitas, ou o simpatico artista se arrependeu, algum tempo após o matrimonio, de ter aceite o papel que lhe confiaram. Porque ninguem ignora que ele tentou escapar-se quando as bocas do mundo começaram de tagarelar, e foi preciso que um anjo viesse segurar, anunciando-lhe que Maria tinha concebido por obra e graça do Divino Espirito Santo, senão S. José ia-se embora.

Pelo que se conhece, portanto, dessas vidas, das de Jesus, Maria e José, parece concluir-se que Nossa Senhora não precisava de esposo para conceber o Filho de Deus, e logo o titulo que a Biblia lhe dá, esposo de Maria, é inconsequente.

Mas mais exquisito é esse nome que agora querem apor á graça do veneravel santo: «Pai nutricao»!

AGUARELA

Tenho tedios brutais...
E quando o coração se envolve
Ponho-me a ver do quarto os
A transcender perfumes
Das rosas multicores,
Onde um bando gentil de ins
Osculam com amor, sofregos
As perturbantes flores!...

Tarde resplandecente,
Duma alegria franca!
Bate de chapa o Sol na casa
Aves cortam o azul do céu, j

Cabeleiras de parras,
Dum riosinho á margem...
Apenas o cantar agreste das
Perturba a doce paz da rust

Pastam manadas inquietas
No cerró dolorido...
E as negras chaminés das fca
Vomitam turbilhões de fumo

Vendo a espiral sombria,
Minha mente se enleva,
Nuns labios de mulher, doid
Lindo sonho d'amor que se j

Ah! quem dera que a Vida,
Cheia de dissabores,
Inda que transitoria, assême
São felizes as flores!

Não sentem ilusões, não nu
Beija-as a luz do Sol e a
Abrem-se virginais, morrem
As rosas, desfolhadas...

Quando em novo, apressado
Vai a gente na estrada ing
— Ordena a mocidade! —
E chegados, por fim, ao ca
Desejamos voltar atrás, par
Frementes de saudade,
Vemos o coração a esmo e
Nas rochas e tojais dessa

O' senhores: respéitem-lhe a memoria sagrada. Lembrem-se do que ele padeceu em Belem, a caminho do Egipto, fugindo ao Rei Herodes que queria matar o menino (e afinal morreram milhares de inocentinhos que Deus não pôde salvar para poupar o seu Filho), dos dolorosos anos que levou por montes e vales em busca de Jesus, que em tão verdes anos abandonou o lar materno! Recordem-se da sua atribuladora existencia e não lhe chamem nomes: «Pai nutricao!» Esta não pode passar sem protesto do Céu, ou então as vozes desses graciosos não chegam lá cima.

(Continua)

Silva Gay

CUMPRIMENTOS

Recebemo-los do actor José Moraes, em cartão que nos endereçou. Muito obrigados.

Fig. 48: Silva Gay, "Pontas de Fogo. A Santa Religião Catolica", Pontas de Fogo, ano 7, nº 12, 14-05-1921, p. 1.

Pontas de Fogo

A Santa Religião Catolica

Para que haviam de alterar as leis divinas da propagação na origem da Filho do Homem, que também é Filho de Deus e da Virgem Santíssima, e não é Filho do Espo-so de Sua Mãe, mas do Espirito-Santo segundo uns e Filho nutricao de S. José segundo outros? Salvo o devido respeito, não se sabe bem quem é o pai do menino Jesus. Mas a Igreja pretende decifrar assim o problema: o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espirito-Santo é Deus, e Deus é Pai; o Espirito-Santo é Pai, S. José é Pai (— título que quasi representa um premio de consolação engrandecido com o sub-titulo que agora querem adjudicar-lhe: «Nutricao»).

E aí está uma paternidade tri-logica que ninguem poderá contestar.

Mas não seria mais natural que o Redentor tivesse uma concepção mais humana, conforme as imutaveis prescrições da mãe Natural enuciadas pelo Padre Eterno? Resultaria algum prejuizo para o genero humano se Jesus Nazareno fosse concebido por obras e graças identicas ás que geraram seus proprios Pais S. José e Santa Maria?

E ainda falam nas suas azas a cobrir o verdadeiro propiciatorio! Azas só conhecia as do Espirito-Santo que pousou no seio da Virgem Maria, e as do arcanjo S. Gabriel a anunciar que Maria tinha concebido sem pecado, mas agora vê-se que havia mais.

A sua pureza foi necessaria e indispensavel para garantir a pureza da Mãe de Deus. Ora imaginem: guarda da pureza da sempre Virgem Maria.

Que sacrilegio, santo Deus! Destacar assim um pae para guardar a pureza da mãe de seu filho nutricao, como se fosse para ali qualquer centurião.

Mas ha um ponto ambiguo sobre que devemos incidir: que a pureza do martyr S. José foi necessaria e indispensavel para guardar a pureza de sua esposa. Parece deprehender-se desta asserção que Ele foi obrigado a ser puro para que Ela o pudes-se ser tambem, ou então que havia algum perigo a ponto de necessa-

ria e indispensavelmente se colocar S. José de plantão.

S. Ex.^{as} Reverendissimas, os inspirados Demosthenes theologicos, não desculpar se eu lhes confessar a minha descrença nas suas doutrinas que mais parecem blasfemias; A pureza de S. José e Nossa Senhora devia merecer dos catolicos mais respeito, e não azoiar a gente com analises de ordem fisiologica como se tratassem de qualquer casal mundano. Que importa a discutiavel castidade em que os sagrados conjuges viveram para o facto da biblica virgindade de Maria; a meu ver toda psiquica?

(Continua)

Silva Gay

Teatro Olimpia

Recita anual de Alberto dos Santos

É na proxima quinta-feira, 2 de Junho, que neste teatro se realiza a recita promovida por Alberto dos Santos, dedicada ao seu amigo Humberto de Carvalho.

Além da exhibição da grandiosa fitta completa *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, haverá um excelente acto de variedades. O teatro será vistosamente decorado, tocando no atrio uma banda de musica.

Os bilhetes com data de 1 de Maio são validos para este dia.

Artistas Inválidos

Não tem sido totalmente infructifero o apelo que fizemos para se valer á dolorosa indigencia do infeliz actor José Pedro.

Hoje temos a registar os seguintes donativos de que já fizemos entrega:

Do Ex. ^{mo} Sr. Carlos Mèga, do jornal "A Farça",	32800
" " Fernando Pereira	11500
" " Frederico Duarte	5900
	48500
Entregue em Março	12900
Total	60400

Em nome do actor José Pedro, os nossos agradecimentos.